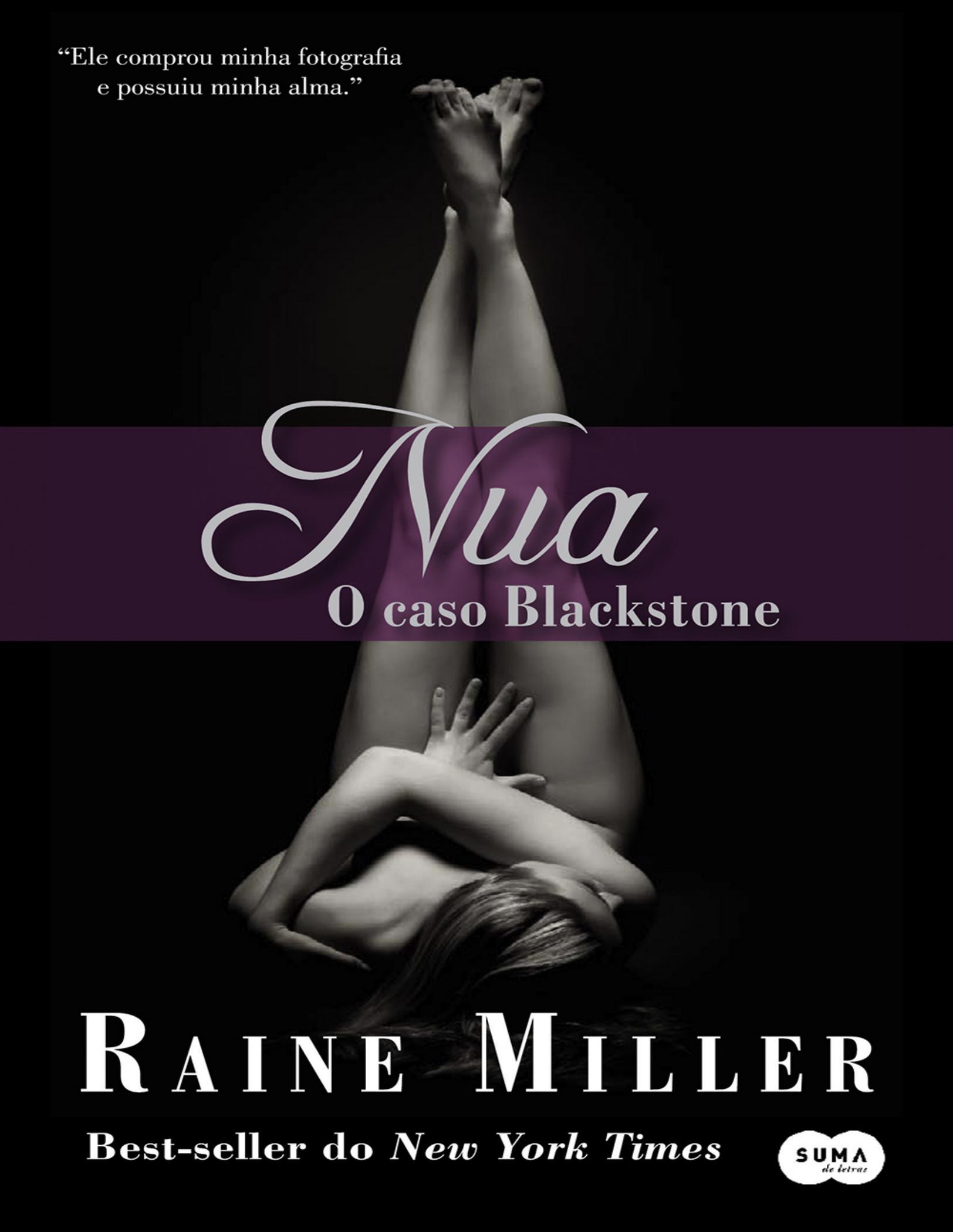


“Ele comprou minha fotografia  
e possuiu minha alma.”



# *Tua*

**O caso Blackstone**

**RAINE MILLER**

**Best-seller do *New York Times***



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

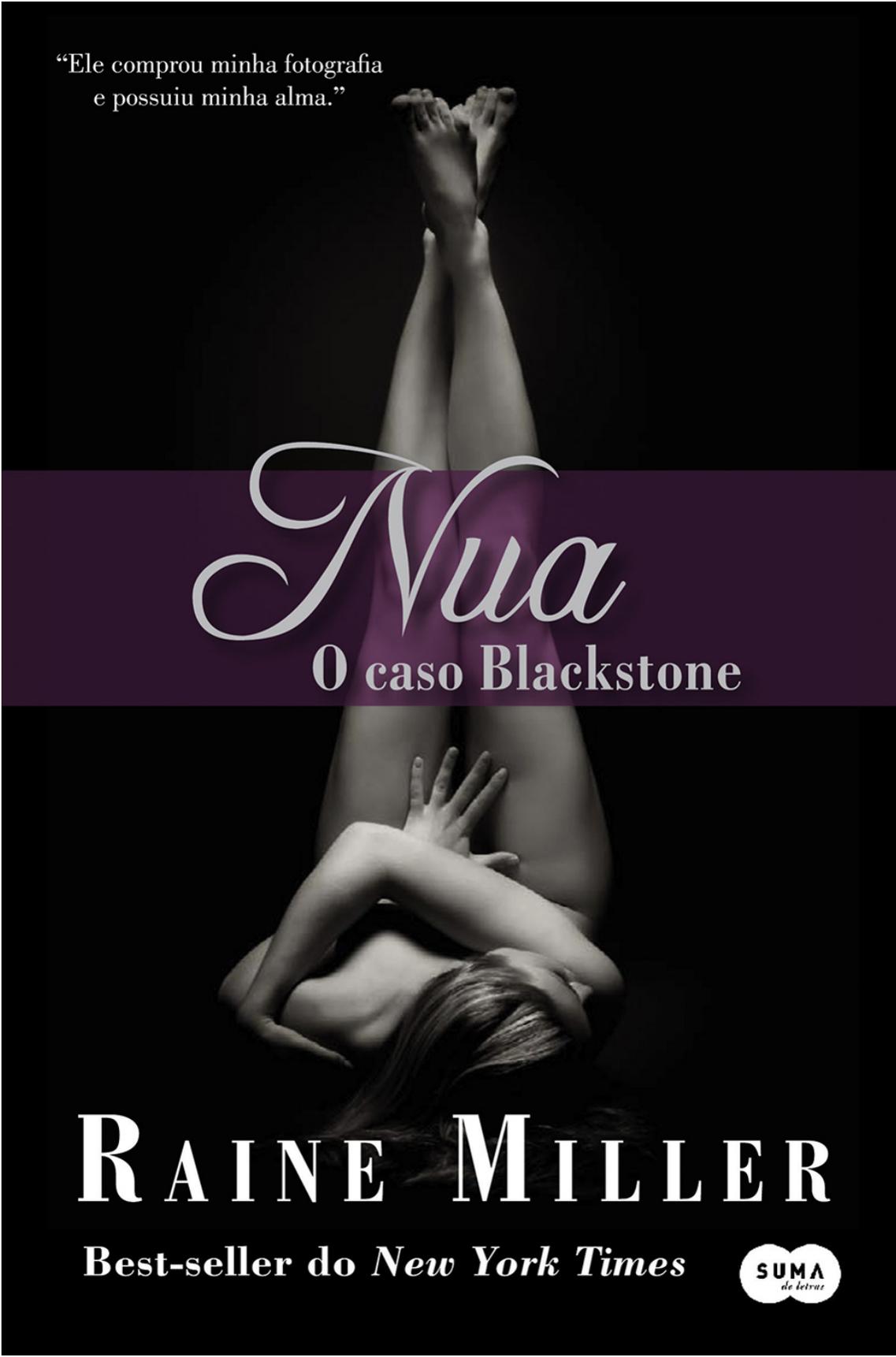
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

“Ele comprou minha fotografia  
e possuiu minha alma.”



*Ivua*  
O caso Blackstone

**RAINE MILLER**

Best-seller do *New York Times*



**RAINE MILLER**

*Nua*  
**O caso Blackstone**

*Tradução*  
Camila Pohlmann



Copyright © 2012, Raine Miller

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Tradução para o português Copyright © 2014 by Editora Objetiva

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*Naked*

Capa

Marianne Lépine

Imagens de capa

© Igor Borodin / Shutterstock

Revisão

Rodrigo Rosa

Lilia Zanetti

Livia Cabrini

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M592n

Miller, Raine

Nua [recurso eletrônico] : o caso Blackstone / Raine Miller ; tradução Camila Pohlmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

recurso digital

Tradução de: *Naked*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8105-187-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Pohlmann, Camila. II. Título.

13-04407 CDD: 813

CDU: 821.111.3(73)-3

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Agradecimentos](#)

*Franziska*

*Minha cara amiga, isto é para ti...*

*A Verdade!, a verdade nua e crua, é a palavra.*

– JOHN CLELAND, 1749

# Prólogo

*Londres, maio de 2012*

**N**ão sei porra nenhuma sobre política americana. Não preciso saber. Sou um cidadão britânico e o Parlamento é confuso o suficiente para mim. A verdade é que política não me interessa muito. Mas sou obrigado a trabalhar o tempo todo com os resultados de negociações políticas. Eu lido com segurança e atendo tanto o governo britânico quanto clientes particulares. Sou bom no que faço. Levo tudo muito a sério. No meu negócio, é preciso ser bom. Quando você não é bom, muita gente acaba morrendo.

Um congressista americano morre em um acidente de avião. Digno de nota, claro. Mas se esse congressista era o provável candidato a vice-presidente do partido de oposição nas eleições que aconteceriam dali a alguns meses, a notícia corre o mundo como um vírus fora de controle. Especialmente quando as pessoas que querem tomar o poder são capazes de qualquer coisa para impedir que o atual presidente garanta um segundo mandato. Tateando no escuro para encontrar um substituto, o partido republicano precisava preencher, com urgência, o nome do vice na cédula. Foi assim que eu a descobri.

Recebi primeiro o e-mail do pai dela. Uma voz do passado trazendo um cumprimento amigável e uma breve lembrança de como havia terminado nosso último contato. Nada mais do que justo. Minha vida tem sido bastante animada, tanto para o bem quanto para o mal, e ele fazia parte de uma época boa.

Uma semana depois, em um telefonema, ele me contou que tinha uma filha morando em Londres. Estava preocupado com a segurança dela e deu algumas justificativas vagas. Fui muito educado, mas tinha praticamente toda certeza de que não seria necessário me envolver. O trabalho já estava uma loucura. Organizar a segurança VIP das Olimpíadas de Londres consumia todo o meu tempo e não sobrava nada para gastar com a filha de um conhecido que encontrei em um torneio de pôquer havia mais de seis anos.

Disse não a ele. Estava pronto para indicar-lhe outra firma de segurança privada quando ele colocou o ás na mesa. Os jogadores de pôquer sabem a hora certa de mostrar as cartas.

No segundo e-mail, ele me mandou uma fotografia dela.

Aquela foto mudou tudo. Depois de vê-la, eu não era mais o mesmo homem. Mesmo que quisesse, jamais poderia voltar a ser quem eu era antes. Muito menos após aquela noite em que nos conhecemos na rua. Meu mundo foi completamente transformado por causa de uma fotografia. Uma fotografia da minha linda menina americana.

# Capítulo 1

**M**inha mãe não está vendo isso agora, o que é ótimo. Ela ia surtar. Eu vim à exposição do Benny hoje porque prometi — sei como isso é importante para ele. Para mim também é. Eu desejo tudo de bom para o meu amigo, exatamente como sei que ele deseja para mim. Nos últimos três anos, Benny tem estado presente para me consolar, para beber comigo, para reclamar da vida ao meu lado e até mesmo para me ajudar a pagar o aluguel, me oferecendo trabalho quando precisei. Bom, isso tudo, e o fato de que foi ele quem tirou a fotografia para a qual estou olhando agora. Uma foto do meu corpo nu.

Posar nua não era algo que eu tenha sonhado em fazer profissionalmente, nada disso, mas foi um jeito de ganhar algum dinheiro extra e conseguir pagar os empréstimos da faculdade. Recentemente, venho recebendo convites de outros fotógrafos. Benny disse para eu estar preparada, que teriam ainda mais interesse depois da exposição: “As pessoas vão perguntar sobre a modelo. É fato, Brynne.” Esse é o meu Benny, sempre otimista.

Dei um gole no champanhe e fiquei analisando a imagem gigante pendurada na parede da galeria. Meu retrato tinha sido ampliado e

impresso em lona, especialmente para a exposição. O efeito era um pouco perturbador, mas mesmo assim era óbvio que Benny tinha talento. Para um filho de refugiados somalis que começaram a vida com uma mão na frente e outra atrás aqui na Inglaterra, ele sabia como tirar um retrato. Benny me botou deitada de costas, a cabeça virada para o lado, um braço sobre meus seios e os dedos abertos entre as pernas. Ele quis que eu deixasse o cabelo espalhado, pusesse as pernas para o alto e cobrisse meu sexo com a mão. Usei uma calcinha fio dental para a foto, mas não dá para ver. Não aparece nada que possa classificar a imagem como pornográfica. O termo correto é nudez artística, aliás. As fotos tinham que ser de bom gosto, ou eu não topava. Esperava que nenhuma dessas imagens jamais fosse parar num site pornô, mas quem pode ter certeza de uma coisa assim nos dias de hoje? De qualquer jeito, eu não faço pornô. Mal faço sexo.

— Aí está minha garota! — Benny passou os braços ao redor dos meus ombros e apoiou o queixo no alto da minha cabeça. — Está demais, não acha? E você tem os pés mais bonitos de todas as mulheres do planeta.

— Tudo o que você faz fica ótimo, Ben, até os meus pés. — Virei para encará-lo. — E então, vendeu alguma coisa? Não, deixa eu refazer a pergunta. *Quantos* você vendeu?

— Três, por enquanto, e eu acho que esse aqui vai sair já, já. — Ben piscou, apontando para o meu quadro. — Disfarça, mas você tá vendo aquele cara alto, de terno cinza, cabelo preto, falando com a Carole Andersen? Ele veio perguntar. Parece que ficou muito impressionado com a mulher nua na foto. Não duvido nada que vá bater uma assim que tiver a tela toda para ele. Como você se sente, Brynne? Um riquinho desses tocando uma punheta e olhando para você?

— Cala a boca! — Revirei os olhos. — Isso é nojento. Não fica me falando essas coisas ou eu não vou mais pegar esses trabalhos.

Balancei a cabeça.

— Sorte sua que eu te amo, Benny Clarkson.

Ben dizia as maiores grosserias de uma maneira que sempre parecia fino e educado. Devia ser o sotaque britânico. Diabos, até o Ozzy Osbourne era capaz de soar sofisticado, tudo graças ao maldito sotaque.

— Mas é verdade — disse Ben, me dando um beijo no rosto. — Você sabe disso. Aquele cara não parou de olhar, desde que você entrou aqui desfilando. E ele não é gay.

Fui me afastando dele.

— Bom saber, obrigada por me informar, Ben. Ah, sim, e eu não desfilo!

Ben sorriu de volta para mim, daquele jeito malandro.

— Acredita em mim, se ele fosse gay, eu já tinha me oferecido para chupá-lo ali na outra sala. Ele é gostoso pra cacete!

— Você vai para o inferno, você sabe, né? — Olhei casualmente para o lado e dei uma checada no comprador.

Benny estava certo: ele exalava sensualidade, das solas de couro dos sapatos Ferragamo às pontas dos cabelos escuros, cheios de cachos. Alto, musculoso, confiante, rico. Não podia falar nada sobre os olhos, porque ele estava conversando com a dona da galeria. Sobre o meu quadro, talvez? Difícil dizer, mas não importava. Mesmo que ele o comprasse, nunca mais o veria.

— Eu tinha razão, né? — Ben me viu olhando para o cara e fez uma cosquinha na minha cintura.

— Sobre a punheta? Nunca, Benny! — balancei a cabeça, devagar. — Ele é bonito demais para precisar usar as mãos quando quiser ter um orgasmo.

E foi aí que aquele homem lindo se virou para mim. O olhar me queimou através do salão, quase como se ele tivesse ouvido o que eu tinha acabado de dizer ao Benny. Mas isso era impossível. Ou será que não? Ele ficou me encarando, até que desviei o olhar. De jeito nenhum conseguiria competir com aquele nível de intensidade, ou o que quer que fosse aquilo que vinha lá de onde ele estava. Imediatamente, tive vontade de fugir dali. Questão de segurança!

Dei mais um gole no champanhe e terminei a taça.

— Tenho que ir agora. A exposição está maravilhosa! — Abracei meu amigo e continuei, sorrindo: — Você vai ficar famoso no mundo inteiro. Daqui a 50 anos!

Benny ficou rindo enquanto eu me dirigia à saída.

— Liga pra mim, querida!

Acenei sem virar para trás e fui embora. A rua estava movimentada para uma noite no meio da semana. Os jogos olímpicos estavam chegando e já tinham transformado a cidade num enorme aglomerado de gente. Levaria anos para conseguir um táxi. Será que valia a pena andar até a estação do metrô? Baixei os olhos para checar meus sapatos. Eles combinavam bem com o vestido, mas eram muito desconfortáveis para andar. E mesmo que pegasse o metrô, ainda teria que caminhar mais uns dois quarteirões até o apartamento, no escuro. Mamãe diria não, é claro. Mas, de qualquer jeito, ela estava em casa, em São Francisco, exatamente onde eu não queria estar. Dane-se. Comecei a andar.

— É uma péssima ideia, Brynne. Não se arrisque. Deixa que eu te dou uma carona.

Congelei na calçada. Sabia quem estava falando comigo mesmo sem nunca ter ouvido a voz dele. Virei devagar para encarar aqueles mesmos olhos que me fritaram na galeria.

— Não te conheço — respondi.

Ele sorriu enviesado, levantando mais um dos lados da boca emoldurada por um cavanhaque. Apontou para o carro parado no meio-fio, um Range Rover HSE. Tipo de carro que só os ingleses cheios da grana podem se dar ao luxo. Não que ele já não tivesse dado pinta de rico antes... Definitivamente, não era para o meu bico.

Engoli em seco. Os olhos dele eram azuis, muito claros e profundos.

— E ainda assim você me chama pelo nome e espera que eu entre num carro com você? Você é maluco?

Ele andou em minha direção e estendeu a mão:

— Ethan Blackstone.

Olhei fixamente para a mão dele, tão elegante, com o punho branco da camisa aparecendo debaixo da manga cinza do paletó de grife.

— Como você sabe o meu nome?

— Há menos de 15 minutos, comprei um quadro chamado *O repouso de Brynne* na galeria Andersen, pagando por ele uma bela quantia em dinheiro. E tenho quase 100% de certeza de que não tenho problemas mentais. Soa mais politicamente correto do que maluco, não acha? — Ele manteve a mão estendida.

Estendi a minha e ele a segurou. Será mesmo? Ou será que enlouqueci, apertando a mão do estranho que havia acabado de comprar uma foto gigante do meu corpo nu? Ethan tinha o aperto de mão firme. E quente também. Teria sido imaginação, ou ele me puxou um pouquinho mais para perto? Ou talvez a louca fosse eu, porque os meus pés não se moveram um centímetro sequer. Mas aqueles olhos azuis estavam mais perto de mim do que há um minuto, e eu podia sentir a colônia que ele usava. Cheirar tão divinamente assim estando na Terra tinha que ser pecado.

— Brynne Bennett — falei.

Ele soltou minha mão.

— Agora nós nos conhecemos — disse ele, apontando primeiro para mim e depois para ele: — Brynne, Ethan.

E fez um sinal com a cabeça indicando o Range Rover.

— Agora você vai me deixar te levar para casa?

Engoli em seco mais uma vez.

— Por que você insiste?

— Porque não quero que nada aconteça com você? Porque esses saltos deixam as suas pernas lindas, mas são péssimos para andar? Porque é perigoso para uma mulher andar sozinha à noite no centro? — Ele me olhou de alto a baixo. — Especialmente uma assim como você.

E sorriu daquele jeito enviesado, para o mesmo lado de novo.

— São tantas as razões, senhorita.

— E se não for seguro ir com você?

Levantou uma sobrancelha e olhou para mim.

— Eu ainda não sei nada sobre você, nem mesmo se Ethan Blackstone é o seu nome de verdade — continuei.

Será que ele me deu uma daquelas olhadas?

— É um bom argumento. Mas fácil de derrubar. — Enfiou a mão no bolso do paletó e puxou a carteira de motorista com o nome Ethan James Blackstone impresso nela. Em seguida, me entregou um cartão de visitas com o mesmo nome, e *Blackstone Security International, Ltda.* gravado em baixo relevo no papel creme.

— Você pode ficar com esse. — Ele sorriu de novo. — Eu sou ocupado demais no meu trabalho. Não tenho tempo de manter o hobby de *serial killer*, te garanto.

— Boa, senhor Blackstone! — Ri, e botei o cartão na bolsa. — Tudo bem. Você pode me levar para casa.

Ele levantou a sobrancelha outra vez, e eu ganhei mais um sorriso.

Disfarcei o incômodo do duplo sentido de “casa” naquela frase e tentei me concentrar em como teria sido desconfortável andar naqueles sapatos até o metrô e na sorte que era ter aparecido aquela carona.

Decidido, Ethan encostou levemente a mão nas minhas costas — naquela curvinha quase na cintura — e me guiou pela calçada.

— Por aqui.

Ethan me ajudou a entrar no carro e deu a volta, deslizando para o banco atrás do volante, sutil como uma pantera. Olhou para mim e inclinou a cabeça.

— Onde a senhorita Brynne mora?

— Nelson Square, em Southwark.

Franziu a testa e virou o rosto para olhar o trânsito antes de entrar com o carro na pista.

— Você é americana.

O quê? Ele não gosta de americanos?

— Estou aqui com uma bolsa da Universidade de Londres. Pós-graduação — expliquei, sem entender por que senti a necessidade

de contar isso a ele.

— E o trabalho de modelo?

No segundo em que ele fez essa pergunta, a tensão sexual aumentou. Dei uma pausa antes de responder. Sabia exatamente o que ele estava fazendo — me imaginando pelada no quadro. E por mais constrangedor que pudesse ser, simplesmente abri a boca e disse:

— Hum, posei para um amigo, o fotógrafo, Benny Clarkson. Ele me pediu, e isso me ajuda a pagar as contas, sabe?

— Não exatamente, mas adorei o seu retrato, senhorita Brynne.  
— Ele manteve os olhos no trânsito.

O comentário me incomodou. Quem era ele para julgar o que eu faço para me sustentar?

— Bom, a minha multinacional nunca deu tão certo como a sua, senhor Blackstone. Não tive outra opção senão trabalhar como modelo. Realmente prefiro dormir numa cama, em vez de num banco de praça. E gosto de ter aquecedor. Os invernos são de arrepiar! — O deboche na minha voz era bem óbvio.

— Pela minha experiência, posso te dizer que várias coisas aqui são de arrepiar.

O jeito que ele disse “arrepiar” fez meu sangue ferver e ativou todas as minhas fantasias. Eu posso não ter um monte de experiência na cama, mas minha imaginação não sofre nem um pouquinho por falta de uso.

— A gente concorda em alguma coisa, pelo menos. — Levei as mãos à cabeça e massageei a testa. A imagem do pau do Ethan e a palavra “arrepio” dividindo o mesmo espaço no meu cérebro eram demais para mim.

— Dor de cabeça?

— É, como você sabe?

Diminuímos a velocidade para passar num cruzamento e ele olhou para mim, os olhos passeando do meu colo para o meu rosto num ritmo lento e marcado.

— Só impressão. Você não jantou, bebeu aquele champanhe na galeria, e como já está tarde, seu corpo começa a protestar. — Levantou a sobrancelha de novo. — Acertei?

Engoli em seco, desejando desesperadamente um copo d'água. Bingo, senhor Blackstone. Você me lê como uma fotonovela. Quem quer que seja, você é bom.

— Só preciso de duas aspirinas e água. Vou ficar bem.

Ethan balançou a cabeça em reprovação.

— Quando foi a última vez em que você comeu, Brynne?

— Estamos nos chamando pelos nomes agora, sem senhor ou senhorita? — Ele me olhou de um jeito que tive certeza de que estava zangado comigo. — Tomei café tarde, ok? Vou preparar alguma coisa quando chegar em casa.

Olhei pela janela. O sinal deve ter aberto, porque voltamos a nos mover. O único som era o do corpo dele, acompanhando cada curva que o carro fazia. Era um barulho sexy demais para se ignorar. Não resisti a uma olhadinha. De perfil, Ethan tinha um nariz proeminente, mas nada que atrapalhasse. Ele era mesmo muito bonito.

Agindo como se eu não estivesse sentada ali a meio metro, Ethan seguiu dirigindo. Ele parecia conhecer bem a cidade, porque não me perguntou o caminho sequer uma vez. Continuava sentindo aquele perfume e o cheiro estava me deixando tonta. Precisava sair do carro.

Ethan fez um movimento brusco e estacionou numa vaga.

— Fica aqui, não vou demorar nem um minuto. — A voz dele soava um pouco tensa. Bem mais do que um pouco, aliás. Tudo era meio tenso com ele. E autoritário. Como se ele dissesse o que fazer e ninguém ousasse discordar.

Em contato com o tecido fino da saia que eu vestia, o banco de couro e a temperatura do carro eram uma combinação bem agradável. Pelo menos em uma coisa Ethan estava certo: eu não teria aguentado caminhar até o metrô. E ali estava eu, pegando carona com um estranho que já tinha me visto pelada, que agora

saía da loja de conveniências com um saquinho na mão e um sorriso enigmático no rosto. A situação toda era esquisita demais.

— O que você comprou na loja?

Ele meteu uma garrafa de água na minha mão e rasgou uma cartela de Nurofen, nome que dão ao Advil aqui na Inglaterra. Entendi a ordem e obedeci, sem nem ligar para o fato de ele me ver engolindo comprimidos. A água desceu em menos de um minuto. Em seguida, ele botou uma barrinha de proteínas no meu colo.

— Agora come. — A voz dele tinha novamente aquele tom de não-brinca-comigo, mas acrescentou: — Por favor.

Suspirei e abri a barrinha de chocolate branco. O estalido do papel do embrulho preencheu o silêncio do carro. Dei uma mordida e mastiguei devagar. Era deliciosa. Realmente, eu precisava do que ele tinha para me dar. Desesperadamente.

— Obrigada — sussurrei, toda emocionada de repente, com aquela vontade de chorar surgindo. Segurei firme, do melhor jeito que pude, e mantive a cabeça baixa.

— O prazer é meu — respondeu calmamente. — Todo mundo precisa do básico, Brynne. Comida, água... cama.

*Cama.* A tensão sexual estava de volta, ou talvez nunca tivesse sumido. Ethan tinha o dom perverso de fazer até a palavra mais inocente soar como sexo — sexo quente, suado, enlouquecedor, daquele tipo que você fica lembrando por muito, muito tempo. Ele ficou ali sentado ao meu lado e não deu ré no carro até que eu terminasse o último pedaço da barra de proteínas.

— Qual é o seu endereço? — perguntou.

— Franklin Crossing, 41.

Saímos do estacionamento, voltamos para a rua e, a cada giro dos pneus, eu ficava mais perto do meu apartamento. Recostei-me no banco de couro macio e fechei os olhos. Meu telefone vibrou dentro da bolsa. Pesquei-o lá de dentro e vi a mensagem do Benny: *já tá em casa?*

Respondi rapidamente com um *ok* e fechei os olhos de novo. A dor de cabeça estava começando a passar e era a primeira vez em

horas que eu conseguia relaxar. Acho que a exaustão tomou conta, porque se pudesse evitar, jamais teria me permitido pegar no sono no carro de Ethan Blackstone.

## Capítulo 2

**A**cordei com o toque de alguém que cheirava muito bem. Podia sentir o perfume no ar e o peso daquela mão no meu ombro. Mas o medo tomou conta de mim do mesmo jeito e a explosão de terror me trouxe de volta à consciência aos gritos. Eu sabia o que era, mas o pânico foi maior do que qualquer outro pensamento. Como sempre. Era o mesmo sentimento que eu trazia comigo havia anos.

— Acorda, Brynne.

Aquela voz. De quem era? Abri os olhos e dei de cara com toda a intensidade dos olhos azuis de Ethan Blackstone, a não mais do que um palmo de distância. Me encolhi no banco, tentando abrir mais espaço entre meu corpo e aquele rosto lindo. Eu lembrava. Ele comprou meu quadro. E me levou para casa.

— Droga, desculpa, eu dormi? — Procurei a maçaneta, mas não conhecia direito aquele carro. Tateei às cegas para tentar fugir dali.

Ethan pôs a mão em cima da minha, com firmeza.

— Calma! Você está segura. Você cochilou, só isso.

— Ok, desculpa. — Respirei fundo algumas vezes, olhei para fora do automóvel e depois de volta para ele, que observava cada movimento meu.

— Por que você fica se desculpando?

— Não sei — respondi baixinho. Eu sabia, mas não podia pensar nisso naquele momento.

— Você está bem? — Ele sorriu devagar, com a cabeça inclinada para o lado.

Podia jurar que ele tinha percebido claramente o efeito que causava em mim. Precisava sair logo dali, antes que concordasse com qualquer coisa. Algo mais ou menos parecido com “tira a roupa e deita aí no banco de trás do meu carro, Brynne”. Esse homem conseguia me controlar com uma facilidade que me deixava maluca.

— Obrigada pela carona. E pela água. E pelas outras coi...

— Se cuida, Brynne Bennett. — Ele apertou um botão e a trava abriu. — Você já pegou a chave? Vou esperar você entrar. Qual é o seu andar?

Catei minha chave de dentro da bolsa e aproveitei para guardar o celular, que ainda estava no meu colo.

— Moro no estúdio do último andar.

— Divide com alguma amiga?

— Sim, mas ela não deve estar em casa. — De novo, me perguntava o que tinha dado na minha língua para sair dividindo informações pessoais com alguém que mal conhecia.

— Vou esperar você acender as luzes, então. — O rosto dele era impassível. Não tinha ideia do que passava pela cabeça dele.

— Boa noite, Ethan Blackstone. — Abri a porta do carro e fui em direção à entrada do prédio, sentindo o olhar dele me acompanhar enquanto andava. Enquanto destrancava o portão, olhei por cima do ombro para o Range Rover. As janelas eram escuras e não dava para enxergar por dentro, mas ele estava lá, me esperando entrar.

No hall, cinco lances de escada me aguardavam. Tirei os sapatos e subi descalça. Entrei no apartamento, acendi a luz e tranquei a porta. Foi o que consegui fazer, porque em seguida despenquei, me apoiando na porta de madeira. Meus sapatos caíram no chão com um baque seco e dei um longo suspiro. O que diabos aconteceu comigo?

Demorei um tempinho para me desencostar da porta e chegar até a janela. Afastei a cortina com um dedo, mas o carro já não estava mais lá. Ethan Blackstone tinha ido embora.

Uma corrida de oito quilômetros era exatamente o que eu precisava para esfriar a cabeça depois da viagem que foi a noite de ontem, digna de uma Alice pelo buraco da toca do coelho. Aliás, eu me sentia mesmo como se tivesse cumprido todo aquele ritual de “coma-me” e “beba-me”. Céus, será que tinha alguma droga no champanhe? A julgar pelo meu comportamento, diria que sim. Entrar no carro com um desconhecido, deixá-lo me levar até em casa e escolher o que eu ia comer? Bom, foi uma burrice, reconheço, mas o melhor a fazer era esquecer essa história toda e ele também. A vida já era complicada o bastante para eu arrumar ainda mais confusão.

Era o que a tia Marie sempre falava. Imaginar a reação dela ao ver as fotos me fazia sorrir. Tinha certeza de que a minha tia-avó iria se chocar menos do que a minha própria mãe. Tia Marie não era nenhuma puritana. Botei o iPod no *shuffle* e fui correr.

Pouco depois, o encontro esquisito da noite anterior já tinha sido deixado para trás na calçada da Waterloo Bridge. Aquele esforço físico me fazia bem. Deviam ser as endorfinas. Maldizendo em silêncio a minha própria capacidade de fazer referências sexuais, imaginei se esse era o meu problema e a razão pela qual dei tamanha intimidade ao Ethan ontem. Talvez eu precisasse ter um orgasmo. *Você está tão fodida*. Imediatamente pensei nos dois sentidos — literal e figurado — dessa expressão.

Segui em frente e passei para a pista que acompanha o rio Tâmisa. O iPod também ajudava. Ouvir música é uma ótima maneira de esvaziar o cérebro. Nos meus ouvidos, Eminem e Rihanna discutiam se vale a pena mentir em nome do amor. Mantive o ritmo firme e comecei a admirar a arquitetura ao meu redor. Em Londres, a história estava presente em todos os lugares, sempre contrastando

com a face mais moderna e cosmopolita da cidade, em equilíbrio. Dualidade. Eu amava viver aqui.

Posar como modelo não era meu único trabalho. Todos os alunos matriculados no programa de pós-graduação em Conservação e Restauração da Universidade de Londres eram obrigados a estagiar na Rothvale Gallery, na Winchester House. Há mais de 50 anos, a mansão do século XVII que foi um dia a residência do duque de Winchester abrigava a sede do departamento de Belas Artes. Na minha opinião, não existia lugar mais bonito para se estudar.

Passando pela entrada de funcionários, mostrei o crachá primeiro para o segurança, depois para o encarregado dos estúdios de restauração.

— Bom dia, senhorita Brynne.

Rory, sempre tão educado e formal. O guarda me cumprimentou do mesmo jeito que fazia todos os dias. Ficava sempre esperando a ocasião em que elealaria alguma coisa diferente. “Deu uns amassos em algum milionário mandão ontem à noite, senhorita Brynne?”

— Oi, Rory. — Dei o meu melhor sorriso enquanto ele abria espaço para eu passar.

Felizmente, logo consegui me concentrar nas tarefas do trabalho. O quadro era fascinante, um dos primeiros trabalhos de Mallerton, chamado simplesmente de *Lady Percival*. De cabelo quase preto, vestido azul combinando com os olhos, um livro nas mãos e o corpo mais bonito que uma mulher poderia desejar ter um dia, ela ocupava quase toda a tela. Não era uma moça exatamente bonita, mas era expressiva, atraente, enigmática. Adoraria conhecer a história dela. Ninguém mexia nesse quadro desde que foi danificado pelo calor de um incêndio nos anos 60. Lady Percival necessitava de uma boa dose de carinho e cuidado — e eu teria a sorte de poder dar isso a ela.

Estava quase na hora do intervalo quando o celular tocou. “Chamada não identificada?” Desconfiei. Não tinha dado esse

número para ninguém e a agência Lorenzo, que tratava dos meus trabalhos como modelo, tinha regras bem rígidas para preservar a privacidade dos clientes.

— Alô?

— Brynne Bennett. — A cadência sexy daquela voz britânica me pegou.

Era ele. Ethan Blackstone. Como, eu não fazia ideia. Ou por quê. Mas era ele, com aquele sotaque sedutor do outro lado da linha. Eu reconheceria aquela voz mandona onde quer que fosse.

— Como você conseguiu esse número?

— Você me deu ontem à noite. — Uma vacilada na voz entregou que ele mentia.

— Não — falei, bem devagar, tentando frear as batidas do coração, que eram cada vez mais rápidas. — Tenho certeza de que não te dei o telefone.

*Por que ele estava ligando?*

— Talvez tenha pego seu celular sem querer enquanto você dormia... E liguei dele para o meu. Você me deixou distraído, desidratada e faminta do jeito que estava. — Ouvi vozes abafadas ao fundo, como se ele falasse de um escritório. — É muito fácil pegar o celular errado, quando todos eles se parecem.

— Então você mexeu no meu telefone e discou para você mesmo, só para gravar o número na memória? Isso é meio assustador, senhor Blackstone. — A falta de limites do Moreno Alto e Bonito com os Lindos Olhos Azuis começava a me irritar.

— Por favor, me chama de Ethan, Brynne. Eu quero que você me chame de Ethan.

— E eu quero que você respeite minha privacidade, *Ethan* — grifei bem o nome dele ao falar.

— Quer mesmo, Brynne? Já eu, acho que você está muito grata pela carona de ontem — disse ele, numa voz mais suave. — E você pareceu gostar do seu *jantar* também. — Fez uma pausa. — Você me agradeceu. Naquelas condições, acho que nunca teria conseguido chegar em casa sozinha.

Sério? Aquelas palavras me trouxeram de volta a mesma emoção incontrolável que havia sentido à noite, quando ele me trouxe a água e o comprimido. Por mais que eu detestasse admitir, ele estava certo.

— Ok. Olha, Ethan, te devo uma pela carona de ontem. Foi uma boa decisão da sua parte ter insistido e realmente agradeço a ajuda, mas...

— Então venha jantar comigo. Uma refeição decente, nada embaladinho em plástico e papel alumínio, e muito menos dentro do carro.

— Não. Sinto muito, mas não acho que seja uma boa ideia.

— Você mesma acabou de dizer 'Ethan, te devo uma pela carona', e o que eu quero em troca é isso, que você venha jantar comigo. Hoje.

Meu coração disparou. *Não posso fazer isso.* Ele mexia demais comigo, era estranho. Não era difícil perceber que Ethan Blackstone era território perigoso para uma garota como eu — como o grande tubarão branco faminto atrás do banhista solitário na beira da praia.

— Tenho um compromisso à noite — respondi abruptamente. Era uma mentira deslavada.

— Amanhã, então.

— Na-não posso. Tenho que trabalhar à tardinha e essas sessões de fotos sempre me deixam exausta.

— Perfeito. Te pego na sessão, a gente come e te levo para casa a tempo de deitar cedo.

— Você me interrompe toda vez que eu falo! Não consigo pensar direito quando me dá ordens, Ethan. Você é assim com todo mundo ou eu sou especial? — Não gostei nada de como a conversa mudou de rumo em favor dele. Era de enlouquecer. E o que quer que ele quis dizer com "deitar cedo" me deixou pensando em todo tipo de safadeza.

— Sim. Sim, Brynne, você é especial. — Podia sentir a energia sexual pulsando na voz dele através do meu telefone e me apavorei.

Sou uma idiota por fazer essa pergunta desse jeito. *Muito bem, Brynne, Ethan disse que você é especial.*

— Tenho que trabalhar agora. — Minha voz soou fraca, com certeza. Ele tinha acabado de me desarmar com tanta facilidade. Tentei de novo: — Obrigada pelo convite, Ethan, mas não posso...

— Dizer não para mim — ele me interrompeu. — Por isso, vou buscá-la amanhã na sessão de fotos para jantarmos. Você já reconheceu que me deve um favor e estou cobrando agora. É o que eu quero, Brynne.

*O filho da mãe conseguiu outra vez!* Suspirei alto e o deixei em silêncio por um momento. Eu não ia ceder assim tão facilmente.

— Ainda aí, Brynne?

— Agora quer falar comigo? Você muda de ideia com facilidade. Toda vez que eu digo alguma coisa, você me interrompe. A sua mãe não te deu bons modos?

— Ela não pôde. Morreu quando eu tinha quatro anos.

*Putá merda.*

— Ah, isso explica tudo. Sinto muito. Olha, Ethan, preciso mesmo voltar para o trabalho agora. Você se cuida. — Fiz a covarde e desliguei o telefone.

Baixei a cabeça na mesa e descansei por um minuto, ou cinco. Ethan me deixava exausta. Não sei como conseguia, mas não falhava. Levantei da cadeira e fui para a copa. Peguei a maior caneca que achei, enchi com uma quantidade insana de leite e açúcar, e completei com café. Talvez uma injeção de cafeína e carboidratos me ajudasse ou, pelo menos, me colocasse em coma.

Dei uma olhada para o estúdio e vi a encantadora Lady Percival me esperando, calma e elegante, do jeito que vinha se comportando havia mais de um século. Com o café na mão, voltei e comecei a limpar a sujeira do livro que ela apoiava delicadamente no peito.

# Capítulo 3

A pele escura do Benny ficava linda em contraste com a camisa amarelo-clara enrolada no torso musculoso. Benny jorrava confiança por todos os poros, em todos os aspectos da vida. Totalmente otimista. Eu queria ser como ele. Eu estava fazendo o meu melhor, mas digamos que o meu melhor era uma grande merda.

— Então esse tal de Ethan está todo interessado em você, hein? Eu vi como ele estava te olhando, Brynne. Ele não parou de te encarar — comentou Ben. — Mas eu não estou julgando ele por isso.

O Benny é sempre doce desse jeito. Ele é o cara a quem procuro quando preciso de um ombro amigo. Mas é um tanto enxerido. Tentei a noite toda manter o foco da conversa nas fotografias e na exposição, mas ele insistia em falar do Ethan.

— Ele sempre dá um jeito de ficar por cima, sabe? Não gosto disso, Ben. — Mergulhei minha batata frita (me recuso a chamá-las de *chips*, como eles fazem aqui) no molho e botei na boca. — Obrigada por garantir que eu continuasse a ser uma mulher direita hoje à noite. — Comi outra batata. — Disse ao Ethan que tinha planos, o que era uma mentira descarada, até você ligar.

Ben apontou para mim com uma batata frita e sorriu debochado.

— Então foi por isso que você quase entrou pelo celular quando eu liguei, né?

Dei um gole na sidra Sheppy's. Já estava cheia do hambúrguer e das batatas.

— Obrigada pelo convite, meu amigo — falei, soando entediante até para mim mesma.

— Mas por que você não sai com ele? Ele é gostoso. Ele está a fim. Você com certeza poderia se divertir. — Benny pegou minha mão e pressionou os lábios macios na minha pele. — Você precisa se divertir, amiga. Fazer um sexo selvagem. Todo mundo precisa de vez em quando. Faz quanto tempo?

Puxei a mão e tomei outro gole de sidra.

— Não vou falar sobre quando foi a última vez que transei, Ben. Limites, por favor.

Ele me deu um olhar paciente.

— Você precisa ter um orgasmo, querida.

Ignorei o comentário.

— Ele é tão intenso. As coisas que ele diz, que ele faz, a sobrancelha arqueada e aqueles olhos azuis... — Apontei um dedo para a minha cabeça como uma arma e fingi puxar o gatilho. — Não consigo pensar quando ele começa a dar ordens. — Notei que o Ben também tinha afastado o prato. — Podemos ir, não acha?

— Sim. Vamos levar sua boceta sexualmente frustrada de volta para casa. Quem sabe você não tem um encontro com o seu vibrador? Isso ia ajudar.

Chutei o Benny por baixo da mesa.

No táxi, a caminho de casa, pensei sobre a noite anterior, no carro do Ethan. Era óbvio que eu tinha ficado confortável, tanto que peguei no sono. Isso, aliás, me deixou pasma. Nunca tinha feito nada assim. Nunca! Com o meu passado, baixar a guarda desse jeito com um estranho não estava no roteiro, principalmente o lance de dormir. Então por que tinha deixado acontecer com o Ethan? Será que foi a beleza dele? Apesar de só ter visto o rosto, posso adiantar

que ele tem um corpo e tanto debaixo daquele terno de seda. O homem era um pedaço de mau caminho. Por que eu, quando ele certamente poderia ter qualquer uma que escolhesse?

— Então você vai fazer uma sessão de fotos amanhã na Lorenzo?

— Vou. — Abracei Ben. — Obrigada pela indicação, querido, e pelo jantar. Você é o melhor. — Dei um beijo na bochecha dele. — *Vaya con Dios*, gostosão.

— Adoro quando você fala espanhol comigo, meu amor! — Benny fez um gesto com as mãos, apontando para o peito. — Continua assim! Quero impressionar o Ricardo da próxima vez que ele vier aqui.

Deixei um Ben sorridente no táxi e mandei um beijo. Subi para o apartamento que amo loucamente e em menos de cinco minutos estava no chuveiro. Dez minutos depois do banho e já tinha até vestido meu pijama. Foi só eu acabar de escovar os dentes que o celular tocou. Olhei para a tela. *Droga*. Ethan.

Apertei aceitar e arrumei coragem para falar.

— Ethan...

— Gosto de quando você diz o meu nome e por isso acho que vou te perdoar por ter desligado na minha cara hoje. — Aquela voz elegante e britânica tomou conta de mim, fazendo imediatamente com que me lembrasse da masculinidade dele e da constante promessa de sexo.

— Desculpa. — Esperei ele dizer alguma coisa, mas ele não disse nada. Ainda não tinha aceitado sair com ele... nós dois sabíamos disso.

Finalmente, ele perguntou:

— Mas então, como foi sua noite hoje? — Pude visualizar aquela ruga de irritação que ele faz na boca.

— Boa... Ótima. Acabei de chegar do jantar, aliás.

— O que você comeu no jantar, Brynne?

— E pra que você quer saber, Ethan?

— Para eu aprender o que você gosta. — E ele fez de novo! Tirou-me da defensiva com palavras fáceis e insinuações sexuais,

como sempre. Imediatamente, me senti uma vaca, grossa e sem sentimentos.

— Comi um hambúrguer com batatas fritas e tomei uma sidra Sheppy's. — Relaxei um pouco e suavizei o tom.

— Vegetariano?

— De jeito nenhum. Eu amo carne, quer dizer, eu como... carne... o tempo todo. — *Meu Deus do céu*. O breve instante de relaxamento acabou ali mesmo e voltei a tropeçar nas palavras, igual a uma adolescente.

Ethan riu do outro lado da linha.

— Então umas boas carnes e sidra no menu vão te deixar satisfeita?

— Ei, eu nunca disse que ia sair com você. — Fechei os olhos.

— Mas você vai. — A voz dele mexeu comigo. Mesmo pelo telefone, sem vê-lo, ele me atraía e me fazia concordar em encontrá-lo novamente. Olhar para ele de novo. Sentir o cheiro dele de novo.

Eu resmunguei no telefone:

— Assim você me mata, Ethan.

— Não. — Ele deu uma risadinha. — Nós já chegamos à conclusão de que eu não sou um *serial killer*, lembra?

— Isso é o que você diz, senhor Blackstone, mas saiba que se você me matar mesmo, será o primeiro na lista de suspeitos.

Ele riu e o som da risada dele me fez sorrir.

— Isso quer dizer que você anda falando de mim para os seus amigos?

— Pode ser que eu tenha um diário secreto e tenha escrito sobre você. Quando a polícia vier revistar o meu apartamento em busca de provas, vai encontrá-lo.

— A senhorita tem bastante talento para fazer drama. Teve aula de teatro na escola?

— Não, mas assisti a muitos episódios de CSI.

— Ok, agora eu estou entendendo tudo. Carne, sidra, CSI. É um mix bem eclético o que estou preparando para você... Entre outras

coisas. — Falou essa última parte bem devagar e eu pude sentir a sugestão implícita nas palavras fazer efeito bem no meio das pernas. — Onde eu te pego amanhã, depois da sessão de fotos?

— São fotos de estúdio, na agência Lorenzo mesmo. Fica no décimo andar do edifício Shires.

— Vou te encontrar, Brynne. Me manda uma mensagem quando estiver acabando e eu vou lá. Boa noite. — A voz dele mudou e soou mais abrupta.

Ouvi um clique na linha e me dei conta de que Ethan tinha desligado dessa vez. Revanche? Talvez. Mas enquanto me ajeitava na cama para dormir, no escuro, repassei mentalmente nossa conversa e tive certeza de que ele tinha conseguido decidir tudo de novo. Eu tinha um encontro marcado com Ethan amanhã à noite, sem jamais ter realmente concordado em ir.

Mandei a mensagem para Ethan enquanto Marco olhava as fotos. Já havíamos trabalhado juntos uma outra vez e tinha gostado muito dele. Baseado em Milão, ele gostava de poses clássicas, fazendo alusão aos anos 30 e 40.

— Você está linda nessas aqui, *bella* — elogiou Marco, com um sotaque italiano delicioso. — A câmera é sua amiga.

— Foi bacana. Obrigada, Marco.

Como tinha que me aprontar, fui para o vestiário. Tentei não me preocupar demais com a aparência, mas o Ethan era tão bonito... Já eu era simplesmente eu. Sabia que tinha um corpo bom. Fazia exercícios para mantê-lo assim, e como hoje em dia ele era meu ganha-pão, me cuidava ainda melhor. Eu fiz muito sucesso quando era mais nova. Demais, até. Mas não era bonita. Cabelo comprido, castanho-claro, nada especial. Meus olhos eram provavelmente o que havia de mais diferente em mim. A cor era estranha — uma mistura de castanho, cinza, azul e verde. Nunca soube o que botar na carteira de motorista, quando ainda estava nos EUA. Acabei ficando com castanho mesmo.

Abri a bolsa e deixei o robe cair no chão. Já era quase verão e, como era um encontro casual, depois de um dia de trabalho, escolhi roupas simples, que não iam amassar muito dentro de uma bolsa de viagem: calça de linho rústico, larguinha, uma camiseta preta sem mangas e sapatilhas pretas. Pendurei nos ombros o meu casaquinho verde favorito e fui dar um jeito no resto. Penteei o cabelo e fiz um rabo de cavalo, com uma mecha enrolada em volta do elástico. Depois, a maquiagem, nada demorado. Quase nunca uso mais do que rímel e blush. Um pouco de brilho nos lábios, uma borrifada de perfume e pronto. *Prontinha, Brynne.*

Apertei o botão para chamar o elevador e esperei. Ethan não tinha dito exatamente onde a gente ia se encontrar, mas imaginei que esperar no lobby faria sentido. Ele parecia conhecer muito bem a cidade.

Marco me levou até o hall e se despediu com um abraço. Ele era um cara efusivo, sempre abraçando e dando dois beijinhos na bochecha daquele jeito europeu que deixava os americanos babando. Tenho que admitir que fico encantada com esse tipo de comportamento carinhoso, que a gente vê tão raramente em meu país.

Abracei-o de volta e dei a bochecha. Marco apertou os lábios contra meu rosto no exato momento em que as portas do elevador abriram e de dentro saiu Ethan, com uma cara fechada.

Dei um passo em falso ao me afastar do Marco e senti as mãos do Ethan me segurando, bem na minha cintura.

— Brynne, querida, aqui está você.

Ethan tirou as mãos da minha cintura e passou os braços pelos meus ombros, me puxando de perto do Marco diretamente para ele. Fiquei de frente para o corpo dele, rígido e musculoso. Podia sentir o olhar de Ethan para Marco e soube que tinha que falar alguma coisa antes que o clima pesasse ainda mais.

— Apresenta a gente, Brynne — falou Ethan na minha orelha, com a pontinha do cavanhaque fazendo cosquinha no meu pescoço e amolecendo meus joelhos.

— Ethan Blackstone, Marco Carvaletti, me-me-meu fotógrafo de hoje. — *Merda!* Por que soar tão vacilante e fraca? Era fato, eu estava em perigo com esse homem. Ele me afetava de um jeito irritante, mas ao mesmo tempo muito excitante. Uma sensação confusa e tentadora, que gritava “perigo!” dentro da minha cabeça.

Ethan estendeu a mão para cumprimentar o italiano alto, que tinha uma expressão esquisita, como se não entendesse muito bem aquela situação.

— Como a minha garota se comportou hoje, senhor Carvaletti? — indagou Ethan, devagar, com aquela voz elegante.

Marco deu um meio-sorriso.

— Brynne sempre é perfeita no trabalho, senhor Blackstone. Sempre. — O elevador apitou de novo e Marco estendeu o braço para segurar a porta.

— Você não vai descer? — perguntou, lá de dentro.

— Eventualmente, mas não agora — respondeu Ethan, me segurando firme, com as mãos nos meus braços.

Ficamos de frente para as portas do elevador enquanto fechavam. *Eventualmente ia descer?* Como sempre acontecia quando estava ao lado do Ethan, vi um duplo sentido nesse comentário. Imediatamente imaginei a visão da cabeça dele do alto, só os cabelos escuros se movendo lentamente, enquanto o rosto se enterrava entre as minhas pernas — e era mais do que a minha libido suportava naquele momento.

— Tchau, Marco, obrigada pela oportunidade — gritei por entre as portas, levantando a mão para acenar.

— Obrigado a você, *bella*, as fotos ficaram lindas, como sempre — respondeu Marco, soprando um beijinho pela fresta da porta, e me deixando sozinha com aquele homem que, sem sombra de dúvida, estava com o pau duro encostado na minha bunda e dava toda a pinta de saber usá-lo muito bem.

— O que você tá fazendo? Qual foi a do “minha garota” e toda essa coisa de ficar marcando território, Ethan? — perguntei, me soltando das mãos dele. Virei para aquele rosto lindo, consciente da

minha respiração ofegante, que a cada vez que inspirava, inalava doses inebriantes do delicioso perfume dele.

Ele veio para cima de mim, me encostou na parede do corredor, com o corpo largo me pressionando, e aproximou a boca da minha. Os lábios do Ethan eram macios, em contraste com o cavanhaque. A língua, que parecia de veludo, logo encontrou a minha e foi explorando cada canto da minha boca, brincando por dentro dela, mordiscando meu lábio inferior, indo cada vez mais fundo. Ele apertou mais forte o quadril contra o meu e senti o volume do membro encostando em mim. Ethan Blackstone tinha total controle sobre meu corpo.

Gemi com os beijos e afundei meus dedos entre os cachos de cabelo dele. Puxei-o para mais perto e esfreguei meus mamilos durinhos nos músculos do peitoral dele, tão duro e másculo que nem parecia de verdade. Mas ele era real, sim, e estava me beijando apaixonadamente em um local público, o corredor do décimo andar do edifício Shires, em frente ao escritório da agência Lorenzo. Ele veio aqui para *me* encontrar.

Ethan segurou meu rosto com as duas mãos, de forma que eu não podia me mover e evitar o beijo dele, se quisesse. Estava completamente entregue a ele e ao que quer que pedisse de mim. Minha reação ao Ethan era a fraqueza. Já sabia disso havia muito tempo, mesmo que só na imaginação. A versão real era devastadora.

Ele tirou uma das mãos do meu rosto e desceu-a até o pescoço. O beijo diminuiu de intensidade, até que ele descolou os lábios e eu senti o ar fresco tocar na minha boca úmida.

— Abre os olhos — Ethan mandou. Obedeci e vi o rosto dele logo ali, a centímetros de mim, os olhos azuis pegando fogo de tesão.

— Não sou sua garota, Ethan.

— Durante esse beijo você foi, Brynne. — Com os olhos piscando, ele me lia perfeitamente. Depois respirou fundo.

Eu estava toda úmida entre as pernas e fiquei imaginando se ele podia sentir o cheiro. *Você tem um perfume tão bom e tão sexy.*

Jesus Cristo! Ele passou o polegar na minha clavícula, ainda com a mão no pescoço. Não fiz nada para impedi-lo. Estava gostando, também. Baguncei o cabelo dele com as mãos. Ainda assim era bonito demais — aposto que já saía lindo da cama de manhã. *Cama*. Será que o nosso futuro imediato incluía uma cama? Não faltava nada para eu levá-lo para a cama, pelo menos não da minha parte. E ninguém tinha que ser um gênio para saber que ele queria sexo. A grande questão era se *eu* queria.

— Ethan. — Empurrei a parede de aço que era o corpo dele, sem sucesso. — Por que você está fazendo isso? Por que age assim comigo?

— Não sei. Não consigo me controlar. Eu tentei deixar você em paz, mas não posso. — Ele passou a outra mão no meu cabelo e foi descendo até pousá-la no pescoço também. — Não quero ficar longe de você.

Desenhou círculos eróticos com os polegares no meu pescoço:

— Você me deseja também, Brynne, eu sei que sim.

— Como você sabe? — Minha voz saiu baixa, soprada em um sussurro.

Ele encostou novamente os lábios nos meus e beijou-me devagar.

— Eu consigo ver no seu olhar o jeito que você reage quando eu te toco.

Mal conseguia ficar de pé quando ele me beijou novamente. Mas ficar de pé para quê? Não precisava. Ele me segurava, minhas costas na parede e os quadris colados nos dele. A campainha do elevador tocou e ele deu um passo atrás. Desabei em seus braços. Ele me segurou, enquanto um casal saía do elevador.

— Não podemos, estamos num lugar público. Não faço esse tipo de coisa. Não posso ficar com você assim...

Ele rapidamente cobriu meus lábios com o indicador, para me calar, e beijou minha mão.

— Eu sei — falou gentilmente. — Está tudo bem, não precisa entrar em pânico.

Não consegui fazer mais do que olhar para ele, maravilhada, enquanto sentia aqueles lábios macios encostarem de leve na minha mão. Os pelos que rodeavam a boca espetavam um pouco, mas nada que se comparasse à aspereza sexy do beijo anterior.

Ethan me lançou um olhar de desejo e segurou a mão que tinha acabado de beijar. Levantou minha bolsa do chão com a outra mão e me levou para o elevador.

— Primeiro vamos jantar, depois podemos *falar* sobre essas coisas.

De uma maneira que já estava se tornando frequente ao me ver na presença do Ethan, aceitei que ele tomasse o controle de novo. Ele decidia tudo, e eu fazia exatamente o que ele queria.

# Capítulo 4

O Vauxmoor Bar e Grill estava na moda, mas não ao ponto de termos que gritar para nos ouvir. De qualquer jeito, eu estava mesmo era apreciando minha vista. Sentado atrás do prato de churrasco, Ethan era o retrato do cavalheiro inglês. Um cavalheiro inglês incrivelmente sexy. A promessa de sexo tinha ficado para trás, lá no elevador. Ele sabia como baixar a temperatura do mesmo jeito que conseguia me excitar quando queria.

— Como uma americana veio parar em uma universidade tão longe de casa?

Espetei um pouco da minha salada com carne, mas preferi tomar um gole de sidra.

— Vacilei um pouco depois do colégio. E-eu... — Fechei os olhos por um instante. — A verdade é que eu estava completamente perdida, por um monte de razões. — Respirei fundo para acalmar o nervosismo que aparecia todas as vezes em que tinha que falar desse assunto. — Com alguma ajuda para me organizar e encontrar um foco, descobri que me interessava por arte. Fiz inscrição para vir para cá e, por algum milagre, fui aceita na Universidade de Londres. Meus pais ficaram tão felizes em me ver motivada que me

mandaram com todas as bênçãos. Tenho uma tia-avó que vive em Waltham Forest, a tia Marie. Mas fora ela, estou por conta própria aqui.

— Mas você está fazendo pós-graduação agora? — O Ethan parecia estar genuinamente interessado em saber o que eu fazia por ali, então continuei falando.

— Bom, quando terminei a graduação em História da Arte, decidi tentar uma pós em restauração. E fui aceita de novo. — Espetei um pedaço de carne com o garfo.

— Arrependimentos? Você soou um pouco triste enquanto falava. — A voz do Ethan era muito suave quando ele queria.

Observei a boca dele e imaginei como seria tê-la apertada contra a minha, me forçando a aceitar um beijo.

— Por vir morar em Londres? — Balancei a cabeça, em negativa. — Nunca, eu adoro morar aqui. Na verdade, vou ficar arrasada se não conseguir um visto de trabalho depois que terminar o mestrado. Considero Londres minha casa agora.

Ele sorriu para mim.

*Você é bonito demais, Ethan Blackstone.*

— Você encaixa bem aqui... Muito bem. Tão bem, que só percebi que não era inglesa quando começou a falar, mas... Jeitinho americano e tudo, você se mistura mesmo assim.

— Jeitinho, é?

— Um ótimo jeitinho, Brynne — ele sorriu do outro lado da mesa, os olhos azuis brilhando.

— E você? Como Ethan Blackstone virou presidente da Blackstone Security International, Ltda.?

Ainda com roupas de trabalho, um terno cinza-escuro chique, que certamente custava mais do que o meu aluguel, ele deu um gole na cerveja e lambeu o cantinho da boca.

— Qual é sua história, Ethan? E saiba que você tem um jeitão, em contraste com o meu jeitinho! — debochei dele.

Sexy, levantou uma sobrancelha.

— Sou o mais novo de dois filhos. Meu pai criou minha irmã e a mim sozinho. Ele era motorista de táxi e me levava com ele quando não tinha aula.

— Então foi por isso que você não precisou de instruções para chegar ao meu apartamento. Ouvi falar dos testes que os taxistas daqui fazem para poder trabalhar. São bizarros!

Ele sorriu novamente.

— Pois é, é *A Sabedoria*. Muito bem, Brynne. Para uma americana, a senhorita está muito bem informada sobre as coisas peculiares da cultura britânica.

Dei de ombros.

— Vi um programa na televisão sobre isso. Era bem engraçado, aliás. — Me dei conta de que o tinha desviado do assunto. — Desculpa te interromper. Então, o que você fez quando terminou a escola?

— Fui para o serviço militar. Por seis anos. Quando saí, abri a empresa, com a ajuda de alguns bons contatos que fiz enquanto estive alistado. — Ele me olhou daquele jeito como se estivesse viajando, e não parecia querer continuar a falar.

— Que ramo do serviço militar?

— Forças especiais, reconhecimento, principalmente. — Não deu mais detalhes, mas sorriu, enigmático.

— Você não se abre muito, senhor Blackstone.

— Se eu te contar mais, vou ter que te matar, e isso ia quebrar minha promessa.

— Que promessa? — perguntei, inocente.

— Que eu não sou um *serial killer* — respondeu, enquanto botava mais um pedaço de carne dentro daquela boca linda, e começava a mastigar.

— Graças aos deuses! Não gosto da ideia de dividir um prato de carne com um assassino.

Ethan engoliu e sorriu de novo para mim.

— Muito engraçado, senhorita. Você é muito espertinha.

— Obrigada, senhor Blackstone, faço o meu melhor. — Ele me desmontava tão facilmente com seu charme, que eu realmente me esforçava para mantê-lo ligado. Ethan conseguia virar a conversa a seu favor em um instante. — O que você faz na sua empresa?

— Segurança, principalmente, para o governo britânico e alguns poucos clientes particulares internacionais. Neste momento, estamos enlouquecidos com as Olimpíadas. Com tanta gente vindo para Londres, especialmente nesse cenário pós 11 de Setembro... É um desafio.

— Aposto que sim.

Ethan apontou para minha salada com a faca.

— Trago você ao melhor restaurante da cidade para se comer um belo filé de primeira e o que você faz? — balançou a cabeça em reprovação. — Você pede uma salada.

Eu ri.

— Tinha pedacinhos de filé nela. Não importa, não consigo evitar. Detesto ser previsível.

— Você é muito boa nisso. — Piscou o olho para mim e pegou mais um pedaço de bife.

— Posso fazer uma pergunta pessoal, Ethan?

— Tenho a sensação de que você vai fazer de qualquer jeito — respondeu, seco.

Sinceramente, queria saber. Essa impressão já vinha se formando na minha cabeça havia uns dois dias.

— Você coleciona quadros de nu ou outra coisa assim? — Baixei os olhos para o meu prato.

— Não — respondeu imediatamente. — Estava fazendo a segurança da galeria naquela noite. Havia alguns convidados importantes lá, achei melhor fazer uma aparição, sabe? Tenho empregados para o trabalho de campo. — Fez uma pausa. — Mas estou muito feliz em ter ido, porque vi sua foto. — A voz dele soou leve, divertida. — Eu fiquei com vontade de ter para mim, então comprei.

Podia sentir os olhos dele me chamando. Levantei os meus.

— E foi aí que você entrou, Brynne.

— Ah!

— Aliás, eu ouvi o que você e Clarkson comentaram sobre a minha mão. — Deu uma batidinha na orelha. — Aparelhos de segurança sofisticados fazem parte do meu trabalho.

Deixei o garfo cair no prato e devo ter saltado pelo menos uns 20 centímetros na cadeira. Ele sorriu e ficou impassível, sexy demais para estar ali comigo. Estava tão morta de vergonha que queria sair correndo pela porta.

— Sinto muito que você tenha ouvido.

— Não sinta, Brynne. Evito mesmo usar a mão para me aliviar, especialmente quando existem outras opções tão mais adoráveis. — Pegou no meu queixo e senti a temperatura do corpo subir no mesmo instante. *Opa... Respira, Brynne, respira.* — Como você.

E continuou, sussurrando:

— Quero você de verdade. Debaixo de mim. Quero gozar com você. — Não afastou os olhos dos meus nem por um instante. Tampouco soltou meu queixo. Ele segurou firme, para ter certeza de que eu estava prestando atenção.

— Por quê, Ethan?

Ele passou o polegar pela linha do meu maxilar.

— Por que alguém quer alguma coisa? É simplesmente a maneira como meu corpo reage a você. — Revirou os olhos e pude ver aquele olhar de tesão. — Vem para casa comigo. Fica comigo hoje à noite, Brynne. Deixa eu te mostrar.

— Ok. — Meu coração começou a bater tão forte, que tive certeza de que ele conseguia escutar. E, simples assim, tinha acabado de concordar com algo capaz de mudar uma vida. A minha, com certeza.

No instante em que a palavra saiu dos meus lábios, vi Ethan fechar os olhos calmamente. Em seguida, os abriu de novo naquela atividade de sempre, focado em ditar o passo a partir dali; tudo contrastando bem com a conversa sensual que acabávamos de ter. Em minutos, ele fechou a conta e me guiou para o carro. O toque

seguro dele nas minhas costas, me levando para um lugar onde ele poderia me ter. Só para ele.

Ethan nos levou para um prédio lindo de vidro, que pairava acima do horizonte da cidade, formado ao longo dos séculos. Moderno, mas com o toque elegante das construções pré-guerra britânicas.

— Boa noite, senhor Blackstone — o porteiro uniformizado cumprimentou o Ethan e acenou educadamente para mim.

— Boa noite, Claude — Ethan respondeu suavemente.

A pressão constante da mão dele nas minhas costas me guiou para dentro do elevador. Assim que as portas se fecharam, ele me virou e pressionou os lábios contra os meus. De novo, assim como no prédio da agência, senti aquele desejo entre as coxas. Começava também a ter uma ideia melhor de quem era o meu acompanhante. Reservado em público, Ethan era todo cavalheiro, fino, educado. Mas entre quatro paredes? Cuidado!

As mãos dele estavam por toda parte. Não ofereci nenhuma resistência quando ele me empurrou para um canto. Meu corpo todo ficou quente e, ao mesmo tempo, meus pés pareciam não tocar mais o chão. Ele esfregou a barba pelo meu pescoço e meteu a mão por dentro da minha blusa para pegar um seio. Engasguei com o toque das mãos quentes dele explorando meu corpo. Arqueei o tronco, meu peito explodindo, empurrando meu seio contra a mão dele. Ele achou meu mamilo por trás da renda e o apertou.

— Você é tão sexy, Brynne. Estou morrendo de tesão — falou bem no meu pescoço, a respiração na minha pele.

O elevador parou e as portas abriram para um casal mais velho, esperando para subir. Eles olharam para nós dois e sinalizaram que iam no próximo. Tentei afastar o corpo dele do meu. Pela segunda vez no mesmo dia, me senti uma vagabunda, respirando sem fôlego ao lado do Ethan, aos olhos de tudo e todos.

— Aqui não, Ethan, por favor.

Ele tirou a mão do meu peito e de dentro da minha blusa, e a levou até o meu pescoço. Senti o polegar dele desenhando um círculo invisível embaixo do meu queixo. Depois sorriu para mim.

O Ethan pareceu feliz quando pegou a minha mão com a dele que estava livre e levou-a até os lábios para dar um beijinho. Droga, eu adorava quando ele fazia isso.

— Você está certa, peço desculpas. Você me perdoa, senhorita Brynne? É que você me faz esquecer onde estou.

Senti um frio na barriga. Concordei com a cabeça, porque não conseguia fazer mais nada, e suspirei:

— Tudo bem. — O elevador, abençoado seja esse coração mecânico, continuou no ritmo, nos levando para o andar certo. Imaginei o que ele faria comigo no momento em que entrássemos no apartamento. O Ethan tinha me enfeitiçado completamente, e eu tinha quase certeza de que ele sabia disso.

Finalmente, chegamos à cobertura. A parada suave do elevador me deu mais uma vez aquele frio na barriga, ao mesmo tempo em que o Ethan encostava de novo a mão em mim. O homem era afeito ao tato — e me tocava sempre que podia.

Destrancou as portas de carvalho trabalhadas e empurrou uma delas, me convidando para entrar. Era uma sala bonita, mais clara do que eu imaginava encontrar na casa de um homem. O ambiente principal era moderno, em tons de cinza e creme, com muita madeira, painéis e outros objetos de decoração.

— É muito bonito aqui, Ethan. A sua casa é linda.

Ethan tirou o paletó e o jogou sobre um sofá. Pegou na minha mão e me levou até uma parede envidraçada e um terraço, que dava vista para as luzes de Londres — uma vista de tirar o fôlego.

Ele me virou, de costas para as janelas e de frente para ele, e deu alguns passos para trás. Por uns instantes, ficou só me olhando.

— Nada é mais bonito do que você, de pé aí, neste momento, na minha casa, bem na minha frente. — Balançou a cabeça, parecendo praticamente desesperado. — Nada se compara.

Imediatamente, não sei por quê, tive uma vontade incontrolável de chorar. Ethan era tão intenso; meu pobre cérebro lutava para dar conta de tudo isso. E foi quando ele começou a andar na minha direção, devagar, como um predador. Já tinha visto esse jeito antes.

Ele podia ir devagar, rápido, com força, gentilmente — de qualquer maneira! —, sem nunca deixar de parecer muito natural.

Meu coração acelerou conforme ele se aproximava. A poucos centímetros de mim, parou e esperou. Precisei levantar a cabeça para encará-lo nos olhos. Era tão mais alto do que eu, que podia ver o tórax dele se movendo, respirando rápido também. Era bom ver que essa atração o afetava tanto quanto a mim.

— Não sou tão bonita assim... É a lente da câmera — disse.

Ele desabotoou meu casaco verde e deslizou-o por trás dos meus ombros, até deixá-lo cair, fazendo um barulhinho suave ao pousar no chão de carvalho encerado.

— Você está errada, Brynne. Você é linda o tempo todo. — Puxou a camiseta preta pela bainha e a tirou por cima da minha cabeça. Levantei os braços para ajudar.

De sutiã preto de renda, fiquei de frente para ele, enquanto me devorava com os olhos azuis apaixonados. Passou a mão pelos meus ombros e, com os dedos, traçou a curva dos meus seios. O toque, delicado e reverente, me fez doer de desejo; não consegui mais me segurar.

— Ethan... — Inclinei-me para mais perto.

— Que foi, baby? O que você quer? — Ele virou minha cabeça para um lado, deixando meu pescoço à mostra. Foi ali que me beijou. A combinação da barba com aqueles lábios macios era pura eletricidade. A sensação de prazer cresceu a um tal ponto que eu estava completamente perdida, entregue ao desejo. Não tinha mais volta: eu o queria. Demais.

— Quero... Quero tocar você. — Passei as mãos pela camisa branca e afrouxei o colarinho. Ele me abraçou e observou, enquanto eu desfazia o nó da gravata roxa; meus dedos se mexeram para cá e para lá e, em um minuto, ela estava no chão, na companhia do meu suéter verde. Comecei a desabotoar a camisa.

Ele assoviou quando meus dedos tocaram a pele exposta.

— Porra, agora sim! Encosta em mim!

Joguei a camisa chique na pilha que crescia no chão. Olhei pela primeira vez para o peito dele nu e quase caí em prantos. O Ethan era compacto, cheio de músculos, com um tanquinho arrematado por aquele músculo em V, o caminho da felicidade mais delicioso que eu já tinha visto na vida.

Inclinei-me para a frente e encostei os lábios bem no meio do peito dele. Ethan botou as mãos, uma de cada lado, na minha cabeça e segurou-a, como se não fosse nunca mais deixá-la escapar. A força dominadora que ele exercia era bem clara. Quando se tratava de sexo, quem mandava era ele. Estranhamente, saber disso me confortava. Eu me sentia segura quando estava com ele.

Ajoelhando-se, deslizou as mãos pelos meus quadris e depois pelas minhas pernas. Quando chegou aos sapatos, tirou-os um de cada vez, suavemente. Subiu as mãos novamente, até alcançar a cintura da calça de linho. Desfez o lacinho do cordão e puxou-a até o chão. Segurou minhas pernas para me ajudar a não perder o equilíbrio enquanto me desvencilhava do montinho de tecido formado no chão. Em seguida, me beijou bem na cintura, logo abaixo do umbigo. Minha barriga deu cambalhotas, e a pontada entre as minhas pernas ficou ainda mais forte. Ethan pôs os dedos por baixo do elástico e puxou a calcinha de renda, até tirá-la de mim.

Ele olhou para o meu órgão, na frente dele, fez um ruído selvagem e urgente, e em seguida encarou-me de novo.

— Brynne... Você é tão bonita que não consigo... puta merda, não posso esperar...

Ele espalhou os dedos abertos pela minha barriga e pelos meus quadris, me puxou para perto dos lábios e pressionou-os sobre minha nudez. Estremeci enquanto ele me segurava, imaginando o que viria em seguida.

Ethan se levantou e botou minhas mãos na cintura dele. Entendi o recado e comecei a desabotoar o cinto, depois as calças. Era impressionante. A ereção dentro da cueca era impossível de se ignorar. Ele gemeu quando minha mão esbarrou de leve no pau

duro, por cima da seda fina. Conforme me abaixei para afastar aquelas roupas dali, ele soltou o fecho do meu sutiã e o jogou longe. Fiquei completamente nua.

— Não vou passar a noite aqui, Ethan. Promete que você vai me levar para casa depois.

Ele me pegou no colo e me carregou para fora da sala.

— Quero que você fique. Uma vez só não vai ser o suficiente. Pelo menos, não com você. — Chutou a porta do quarto. A expressão no rosto dele era selvagem e desesperada. — Primeiro eu preciso foder você, depois a gente vai mais devagar. Dá essa noite para mim. Deixa eu fazer amor com você hoje à noite, minha linda Brynne. — E pertinho do meu rosto, pediu: — Por favor.

— Mas não posso dormir...

Com a boca me beijando, engoliu meus protestos. Me deitou na cama macia e começou a me tocar. A me beijar, incendiando meu corpo até espantar do cérebro qualquer pensamento. Estava quebrando minhas regras, mas não pensava em outra coisa que não a língua do Ethan dando voltas ao redor dos meus mamilos durinhos, alternando mordidinhas leves com chupadinhas.

O contraste dos pelos do cavanhaque com a maciez dos lábios dele me fazia gemer. Achei que pudesse gozar só com aquilo. Gritei e arqueei as costas de prazer. Cruzei as pernas enquanto ele se concentrava nos meus peitos. Incapaz de ficar imóvel, estava completamente entregue. Era tão bom... Jamais questionaria a decisão. Todas as minhas reservas estavam desarmadas, graças ao tratamento delicioso que dava ao meu corpo — tinham voado para longe sem pensar duas vezes.

Ficar nua não me assusta. Já fiz muito isso no trabalho e sei que os homens acham o meu corpo atraente. É a intimidade que acho difícil de processar. Então, quando Ethan dizia coisas como “quero fazer amor com você, linda Brynne”, sabia que não tinha chance de resistir.

— Ethan? — gritei o nome dele sem outra razão a não ser me certificar de que estava mesmo ali, e não em um sonho erótico, uma

fantasia.

— Eu sei, querida. Deixa eu cuidar de você. — Dizendo isso, se afastou dos meus peitos, botou as mãos nos meus joelhos e abriu minhas pernas. Fiquei totalmente espalhada na cama, e ele encarou meu sexo pela segunda vez nessa noite. — Meu Deus, como você é bonita... Quero sentir o seu gosto.

E então ele botou a boca em mim. Aquela língua macia passou pelo clitóris e pelos pequenos lábios, acariciando-os. Podia sentir o cavanhaque espetando a pele sensível, enquanto me contorcia ao toque da língua dele. Ia gozar em um segundo, não dava para controlar. Não dava para controlar o Ethan. Ele conseguiu o que queria.

— Vou gozar...

— A primeira de muitas vezes, baby — falou, lá de entre as minhas pernas. Enfiou dois dos dedos longos dele e começou a me tocar por dentro. — Você é apertada. Quando for meu pau dentro de você, vai ficar mais apertadinha ainda, não vai, Brynne? — Continuou me explorando com os dedos e lambendo o clitóris. — Não vai? — perguntou de novo, dessa vez mais alto.

Senti a investida, o aperto dentro da barriga, quando começou.

— Sim! — gritei, em um fôlego só, porque sabia que ele queria uma resposta.

— Vem pra mim, então. Vem pra mim, Brynne!

Eu gozei, uma sensação diferente de todos os orgasmos que já tive na vida. Não podia fazer nada, a não ser gozar. Ethan me levou até o limite e me pegou. Arfei com a onda de êxtase, mas os dedos firmes dentro de mim me mantiveram no lugar. Era devastador e incrível — e só o que restava fazer era aceitar o que ele havia me dado.

Quando tirou os dedos de dentro de mim, ouvi o barulho de uma embalagem sendo aberta. Observei-o desenrolar a camisinha no pau, grosso, duro, lindo. Aquela era a parte dele que, em segundos, estaria dentro de mim. Tremi com a expectativa.

Levantou os olhos azuis até encontrar os meus e falou baixinho:

— Agora, Brynne, vou possuir você.

Respirei fundo com a visão daquele homem montando sobre mim. A ansiedade era tanta, mal conseguia pensar.

Ethan tomou conta do meu campo de visão, a cabeça do pênis já dentro de mim, queimando, duro como um osso. Os quadris dele me forçaram a abrir mais as pernas, conforme ele metia o pau fundo e com força. Beijou-me na boca, a língua esfregando na minha, em movimentos casados com os lá de baixo. Pude sentir meu gosto na língua dele. Ethan Blackstone me possuiu, na sua própria cama. Total e irrevogavelmente.

Deixei-me levar pelo ritmo dele. Foi forte no início. Movimentos bruscos, para dentro e para fora da minha intimidade encharcada, indo um pouco mais fundo a cada empurrão. Senti que ia acabar gozando de novo.

Com as veias do pescoço saltadas, ele se levantou um pouco para mudar o ângulo pelo qual deslizava para dentro de mim.

Espremi minha boceta ao redor do pau, que latejava dentro de mim. Ele fez vários sons e soprou baixarias deliciosas ao meu ouvido, sobre como era gostoso me foder. Isso só me deixou mais louca ainda.

— Ethan! — gritei, enquanto gozava pela segunda vez. Meu corpo estava completamente entregue àquele pênis, que ficava mais duro a cada movimento.

Ethan não parou. Continuou penetrando até chegar sua vez de gozar. Com o pescoço rígido, os olhos inflamados, meteu com mais força ainda. Estiquei o corpo para acomodá-lo, no comprimento e na circunferência. Sabia que ele estava perto.

Apertei as paredes da vagina com toda a força que pude e o senti enrijecer. Soltou um som gutural, que parecia uma mistura do meu nome com um grito de guerra, e desmontou em cima de mim, os olhos azuis brilhando na meia-luz do quarto. Ethan jamais tirou os olhos dos meus enquanto gozava dentro de mim.

# Capítulo 5

**E**than não tirou os olhos de mim. Nem mesmo depois que descansamos daquele sexo louco, depois que já tinha saído de dentro de mim. Ele tirou a camisinha, amarrou-a e jogou fora. Mas logo estava de volta, me encarando de novo, os olhos me percorrendo, procurando minhas reações ao que havíamos feito juntos.

— Tudo bem com você? — perguntou, passando o polegar nos meus lábios, gentilmente acompanhando o contorno deles.

Sorri e respondi que sim, com a voz mansa.

— Não estou nem perto de estar satisfeito. — Passou a mão pelo meu pescoço, pelo meu quadril, e pousou-a na minha barriga. — Foi tão incrível, não quero que termine.

Deixou a mão lá e veio me beijar, devagar, intensamente, de uma maneira quase reverente. Tinha certeza de que ele ia pedir alguma coisa.

— Você toma pílula, Brynne?

— Tomo — sussurrei perto da boca dele. *Eu estava certa*. Ele ia ficar surpreso se soubesse o motivo, mas ainda não estava pronta para dividir essa informação.

— Quero gozar dentro de você. Quero sentir aqui, sem nada entre a gente. — Pressionou os dedos na minha boceta ainda melada e esfregou os lábios de leve. — Bem aqui.

As palavras dele me surpreenderam, no entanto. A maioria dos homens não se arriscaria. Sem querer, meu corpo reagiu àquele toque, e me arqueei contra os dedos dele. Dei um gemido de prazer.

— Minha empresa faz exames periódicos em todo mundo. Temos que ser saudáveis. Incluindo a mim. Posso até te mostrar o resultado mais recente, Brynne. Estou limpo, prometo — falou, soprando no meu pescoço e deslizando os dedos longos e espertos pelo meu grelo latejante.

— Mas e se eu não estiver? — perguntei, sem fôlego.

Ele franziu o rosto e parou a mão.

— Quanto tempo faz que você esteve com alguém?

Dei de ombros.

— Não sei, muito tempo.

Ele apertou os olhos um pouquinho.

— Muito tempo, tipo uma semana, ou muito tempo, mais de meses?

*Uma semana não é muito tempo.* Por que respondi, não faço ideia. Mas é parte do que acontecia comigo com o Ethan. Ele cobrava respostas, fazia questões diretas, e tinha um jeito que tornava impossível ignorá-lo, mesmo quando começava a explorar assuntos que não me agradavam.

— Meses. — Foi a minha resposta, a mais detalhada que ele ia receber por enquanto.

— Então? Isso é um “sim”? — Ele rolou por cima de mim e prendeu minhas mãos entrelaçadas com as dele, os joelhos afastando minhas pernas, de maneira que ele encaixava bem no meio. — Eu quero você de novo. Eu quero estar dentro de você de novo. Quero gozar com meu pau tão fundo, que você nunca vai esquecer que ele esteve lá. Quero gozar dentro de você, Brynne, e sentir isso junto com você.

Dava para sentir que ele já estava enorme; duro, quente, pontudo, e pronto para enterrar até o fim. Por mais vulnerável que ficasse debaixo dele, nesse momento estava absolutamente segura.

Ethan me beijou profundamente, a língua me tomando como antes. Era uma demonstração do que ele queria fazer com o pênis dele. Eu o compreendia perfeitamente, a maior parte do tempo. O Ethan não era nem um pouco complicado nesse ponto.

— Confio em você, Ethan, não vai me engravidar.

— Agora sim, porra — gemeu, me penetrando com mais força, meu sexo pulsando. — Ai, Brynne, você é tão gostosa. Estou ficando louco aqui dentro de você agora.

E foi assim a segunda vez com ele. Ele foi mais devagar, mais controlado, como se quisesse saborear cada momento. Não foi menos prazeroso; o Ethan me fez gozar até eu não ser mais nada, além de um mero receptáculo inerte.

Eu o sentia maior dentro de mim, mais duro, as bolas batendo na minha boceta molhada a cada investida. Aí ele parou, as costas curvadas fazendo ângulo para uma penetração que nos conectava tão profundamente, como se fosse uma parte de mim.

Ethan balbuciou meu nome e ficou enterrado em mim, exatamente como tinha dito que queria fazer, depois deu alguns poucos golpes, curtos, para ordenhar todo o leite, até que parou completamente, respirando com pesar, sem sair de cima de mim.

Beijou de leve meu pescoço, conforme eu o acariciava nas costas, nos músculos quentes e úmidos de suor. O quarto cheirava a sexo e a qualquer que seja a colônia deliciosa que ele usava. Precisava descobrir o nome. Com os dedos, senti marcas desiguais nas costas dele. Várias, aliás... Cicatrizes? Ele saiu de cima de mim e minhas mãos escorregaram. Não seria boba de perguntar coisa alguma.

Ele não foi longe. Deitou ao meu lado e levantou um pouco o tronco, para me enxergar melhor.

— Obrigado por isso — sussurrou, fazendo um carinho no meu rosto. — E por confiar em mim. — Sorriu de novo. — Estou adorando ter você aqui na minha cama.

— Quanto tempo faz que alguém esteve aqui nessa cama com você, Ethan? — Se ele podia perguntar, eu também tinha esse direito.

Ele sorriu, com um olhar meio superior.

— Desde... Desde nunca, minha querida. Não trago mulheres para cá.

— Da última vez em que chequei, eu era uma mulher.

Ele passou os olhos pelo meu corpo, de cima a baixo, antes de responder.

— Com certeza. — Olhou para mim. — Mesmo assim, não trago *outras* mulheres aqui.

— Sei. — Sentei, encostada na cabeceira, e puxei o lençol para cobrir meus seios. *Como que isso pode não ser mentira, me diz?* — Isso me surpreende. Eu pensei que você recebia muito mais ofertas do que podia usar...

Ele puxou o lençol para baixo e descobriu os meus seios.

— Não atrapalha a minha visão, por favor. Sim, o termo principal na sua frase é *usar*, minha querida. Eu não gosto de ser usado. As mulheres usam os homens com a mesma frequência que nós as usamos. — Ele se encostou ao meu lado, na cabeceira, e acompanhou o contorno de um seio com a ponta do dedo. — Mas, no seu caso, não me importo se você me usar. Você tem passe livre.

Respirei fundo e tirei a mão dele dali:

— Você tem a sorte de ser bonito demais, Ethan. E o pior é que você sabe disso. Esse charme britânico não vai te dar passe livre comigo, não.

Ele fez um barulho sarcástico.

— E você é uma americana muito durona. Na outra noite, achei que fosse precisar te pegar no colo e te jogar no meu carro.

— Que bom que você não fez isso, então. Porque nesse caso, esse sexo maravilhoso que a gente teve jamais teria acontecido. — Balancei minha cabeça devagar, debochada.

Ele fez cócegas na minha cintura e me fez rir.

— Então foi só sexo para você, hein?

— Ethan! — Tirei as mãos dele de mim e rolei até a pontinha da cama.

Ele me puxou de volta e me prendeu embaixo dele, com um sorriso enorme no rosto:

— Brynne — pronunciou devagar.

E aí ele me beijou. Lento, gentil e suave, ao mesmo tempo íntimo e especial. Ethan me acomodou ao lado dele e arrumou nossos corpos debaixo dos lençóis, o braço forte me segurando. Comecei a sentir um pouco de sono, ali na cama com ele. Sabia que era uma péssima ideia. Regras são regras; e eu as estava quebrando.

— Não posso ficar a noite toda aqui, Ethan; realmente preciso ir.

— Não, não, não, quero que você fique — insistiu, soprando os meus cabelos.

— Mas eu não deveria...

— Shhhhhh — interrompeu-me, como já havia feito muitas vezes antes, e espantou minhas palavras com um beijo. Passou os dedos pelos meus cabelos e eu não consegui mais impedi-lo. Não depois de hoje. A segurança que sentia era maravilhosa, meu corpo estava exausto depois de todos os orgasmos, e aquele braço forte era confortável demais para eu argumentar. Então dormi.

*Os pesadelos são reais. Eles aparecem à noite, quando durmo. Tento combatê-los, mas eles quase sempre ganham de mim. Tudo está escuro, porque meus olhos estão fechados. Mas eu ouço sons. Palavras cruéis sobre alguém, termos nojentos, palavrões. E uma risada assustadora... Eles acham graça em rebaixar a pessoa. Meu corpo está fraco e pesado. Ainda os escuto rindo e repetindo toda a maldade que fizeram.*

Acordei gritando, sozinha na cama do Ethan. Compreendi onde estava quando ele entrou correndo no quarto, os olhos assustados. Comecei a chorar assim que o vi; soluzei ainda mais alto quando ele sentou na cama e me abraçou.

— Está tudo bem, estou aqui com você. — Ele me aninhou no colo dele. O Ethan estava todo vestido, e eu continuava nua. — Você teve um pesadelo, só isso.

— Aonde você foi? — perguntei, entre lágrimas.

— Estava ao lado, no escritório. Essa merda de Olimpíadas! Tenho trabalhado muito à noite... — Beijou-me na testa. — Mas fiquei aqui até você pegar no sono.

— Você devia ter me levado para casa! Eu disse que não podia dormir aqui! — Lutei para me desvencilhar dos braços dele.

— Jesus, Brynne, qual é o problema? São duas da manhã, caramba. Você está exausta. Será que não pode simplesmente dormir aqui?

— Eu não quero. É demais! Não posso fazer isso, Ethan! — Empurrei o peito dele para longe de mim.

— Jesus Cristo! Você me deixa te trazer para a minha casa e foder você loucamente, mas não pode dormir na minha cama por algumas horas? — Ele me encarou bem de perto. — Fala. Você está com medo de ficar aqui comigo?

Ele parecia magoado e soava um pouco mais do que ofendido. Já eu, me senti uma filha da puta, além daquela bagunça emocional. Além disso, ele estava lindo dentro dos jeans desbotados e da camiseta de malha cinza mescla. O cabelo todo amassado e o cavanhaque precisando de cuidados, mas ainda assim, era de uma beleza devastadora, como sempre. Agora até mais, porque o via na intimidade, o lado que ele não mostrava em público.

Comecei a chorar de novo e a pedir desculpas. Era para valer. Eu realmente sentia muito que partes de mim estivessem tão estragadas e quebradas, mas isso não mudava os fatos.

— Não estou com medo aqui com você. É muito complicado, Ethan. Eu sinto muito! — Esfreguei as mãos no rosto. — Quero ir para casa.

— Shhhhhhh... Não tem nada para se desculpar. Você teve um pesadelo, e não posso deixar você ir pra casa desse jeito. Você está muito abalada. — Ethan alcançou uma caixa de lenços de papel na mesinha ao lado da cama e entregou-a a mim. — Quer conversar?

— Não — respondi, a voz abafada por três folhas de lenço.

— Tudo bem, Brynne. Quando você estiver confortável, a gente conversa, se você quiser. — Era maravilhoso sentir a mão dele desenhando círculos invisíveis nas minhas costas; mas não queria fechar os olhos e correr o risco de dormir novamente. Ele me deitou de novo, ao lado dele no colchão. — Deixa eu te abraçar um pouco?

Acenei com a cabeça, concordando.

— Vou ficar aqui até você pegar no sono. Se você acordar, estarei logo ali, do outro lado do salão, no escritório. As luzes estão acesas. Eu não ia te deixar sozinha aqui em casa. Você está totalmente segura comigo. Sou o cara da segurança, lembra?

Puxei mais alguns lenços e assoei o nariz, morta de vergonha por toda essa situação. Fiz o melhor que pude para parecer mais calma. Já sabia o que ia fazer. Dei uma risadinha com a piada e o deixei me arrumar de volta na cama dele. Com o rosto encostado no peito dele, inspirei o cheiro que eu amava e tentei me lembrar de como ele era lindo. Concentrei-me na sensação gostosa de estar ali com Ethan me segurando, no calor daquele corpo largo. Tentei gravar tudo na minha cabeça, porque não teria essa experiência outra vez.

Fingi que estava dormindo.

Acalmei minha respiração, fiquei quieta, e depois de alguns instantes, percebi que ele saiu em silêncio do quarto. Ouvi até mesmo o som dos pés descalços pisando no chão de madeira. Dei uma olhada no relógio e contei cinco minutos antes de me levantar.

Completamente nua, fui até a sala e peguei as minhas roupas no chão. Tirei a gravata roxa dele da pilha e alisei-a, antes de dobrá-la e deixá-la no braço do sofá. Queria poder levá-la como lembrança.

Vesti as roupas rapidamente, em frente à enorme janela de vidro, e preferi segurar os sapatos na mão em vez de calçá-los. Peguei minha bolsa e me dirigi à porta. Entre as minhas pernas, dava para sentir o sêmen dele, úmido, escorrendo, e me deu vontade de chorar. Agora tudo parecia errado. Eu tinha estragado tudo.

Assim que cheguei do lado de fora do apartamento, corri para o elevador e apertei o botão. Enfiei os sapatos nos pés e meti a mão na bolsa, atrás de uma escova. Penteei o meu cabelo bagunçado

pós-sexo com movimentos brutais. Aquela bagunça embaraçada não resistiu, e era melhor do que nada. O elevador chegou e eu entrei, guardando a escova e conferindo a carteira, para ver se tinha o dinheiro do táxi.

Quando saltei no lobby, o porteiro me cumprimentou:

— Posso ajudar a senhora?

— Pode... Claude? Preciso ir embora. Será que você me ajudaria a pegar um táxi? — Sabia que soava desesperada. Não queria nem pensar no que Claude estaria imaginando.

Ele não esboçou a menor reação, entretanto, e pegou o telefone.

— Já temos um a caminho. — Botou o fone no gancho e deu a volta na mesa, para abrir a porta para mim. Ele me acompanhou até o táxi e me ajudou a entrar. Agradei, disse o endereço ao motorista e olhei pela janela.

A portaria era clara à noite, então pude ver quando Ethan saiu desesperado de um dos elevadores e falou com Claude. Ele correu para a rua, mas o meu táxi já estava andando. Ele balançou os braços, frustrado, e levantou a cabeça para o alto. Os pés ainda estavam descalços. Quando nossos olhos se cruzaram — eu dentro do carro e ele na rua — pude ver a expressão de confusão e mágoa no rosto dele. Eu podia ver o Ethan. E, provavelmente, aquela seria a última vez.

# Capítulo 6

**A**cordei com o cheiro maravilhoso de café. Olhei para o despertador e na mesma hora soube que não ia sair para correr naquela manhã. Entrei na cozinha com a mão sobre os olhos, me protegendo da luz.

— Exatamente como você gosta, Bree; doce e cremoso. — Gabrielle, minha amiga querida e companheira de apartamento já há algum tempo, estendeu a caneca na minha direção, com um olhar bem fácil de entender. *É melhor começar a falar, garota, e assim eu prometo não te machucar.*

Amo a Gaby, mas essa história com Ethan tinha sido tão perturbadora que eu só queria enterrar as lembranças e fingir que nunca tinha acontecido.

Peguei a caneca fumegante e inspirei o cheiro delicioso. Por algum motivo, me lembrei do Ethan, e senti a emoção crescer. Sentei defronte ao balcão da cozinha e enrosquei minhas mãos em volta da xícara, como uma galinha protegendo os pintinhos. Conforme ia me acomodando no banco, a sensibilidade entre as minhas pernas foi mais um lembrete. Uma lembrança do Ethan, do corpo gostoso dele, da beleza de modelo e do sexo maravilhoso... E

de como eu acordei, toda histérica na cama dele. Desisti da brincadeira de ser firme e deixei as lágrimas caírem.

Levou algum tempo — duas canecas de café e uma mudança para o sofá — para eu começar a contar a história. Mas a Gaby é muito boa nisso. Ela é incansável.

— Coloquei seu celular no silencioso há umas duas horas. Aquele mala estava fazendo tanto barulho, quase dei um chute nele. — Gabrielle passou a mão na minha cabeça, encostada no ombro dela. — Você deve estar até o teto de recados e mensagens de texto. Acho que o pobrezinho estava prestes a explodir, então salvei o aparelho de uma morte cataclísmica e silencieei o filho da mãe.

— Obrigada, Gab. Estou tão feliz por você estar aqui essa manhã. — Era verdade. Ela era parecida comigo em tantos aspectos. Uma californiana radicada em Londres, estudando Restauração, tentando se esquecer de merdas que a assombravam. A única diferença é que o pai dela também morava em Londres, então ela não estava totalmente sozinha aqui na Inglaterra. A gente se conheceu na primeira semana de aulas, havia quase quatro anos, e nunca nos separamos. Ela sabia dos meus piores segredos, e eu, dos dela.

— Eu também. — Ela bateu no meu joelho. — Você vai marcar uma hora com o doutor Roswell, vai combinar de sair comigo e com o Benny, e vai fazer uma visita na Charbonnel et Walker, para podermos encher a cara de chocolate. O que você acha?

— Acho ótimo! — Forcei um sorriso e tentei me recompor.

— Eu acho que você tinha que dar uma chance pra esse cara, Bree. Ele é bom de cama e tá super a fim de você!

Troquei o sorriso falso por uma testa franzida de verdade.

— Você andou fofocando com o Ben.

Gaby revirou os olhos.

— Ao menos liga para ele — falou Gaby, quase num cochicho. — Ele não sabe nada do seu passado.

— Eu sei. — Ela estava certa. Ethan não sabia nada de mim.

Gaby fez um carinho no meu braço.

— Realmente, não fiquei zangada ou ofendida na noite passada. Só precisava sair de lá. Acordei gritando na cama dele e... — A vontade de chorar voltou tão forte quanto antes. Tentei me segurar.

— Mas parece que ele só queria acalmar você. Ele não estava tentando te afastar, Bree.

— Você devia ter visto a cara dele quando entrou no quarto e me encontrou berrando que nem uma maluca. O jeito como ele olhou para mim... — Esfreguei as têmporas. — Ele é tão intenso! Não consigo explicar direito, Gaby. O Ethan não é como ninguém que eu já tenha conhecido. Não sei se conseguiria sobreviver a ele. Se a noite de ontem foi uma amostra, eu sinceramente duvido muito.

Gaby olhou para mim, os lindos olhos verdes sorrindo confiantes.

— Você é muito mais forte do que imagina! Tenho certeza disso. — Balançou a cabeça assertivamente. — Você vai se arrumar para trabalhar e, depois de um dia produtivo a serviço das grandes obras de arte da Universidade de Londres, vai voltar para casa e se arrumar para a nossa noite de prazeres. Benny já topou. — Ela me cutucou com um dedo: — Agora vai, filha.

— Eu sabia que Ben ia me dedurar na primeira oportunidade. — Sorri para ela, o primeiro genuíno em doze horas, e levantei a bunda do sofá. Massageando o lugar onde ela tinha me cutucado, falei: — Ok, estou indo, Gaby. Eu me rendo.

Eu já estava no trabalho havia algumas horas quando Rory entrou pelos fundos, trazendo um vaso com as dálias roxas mais lindas que eu já tinha visto. Ele marchou na minha direção com um sorriso enorme no rosto.

— Uma entrega para você, senhorita Brynne. Parece que você tem um admirador.

*Que merda!* Olhei com mais cuidado. O laço no vaso não era exatamente um laço. Era a gravata roxa da noite passada. Ethan tinha me dado a gravata, no fim das contas.

— Obrigada por me trazer as flores, Rory. Elas são lindas. —  
Minha mão estava tremendo quando peguei o cartão dentro do envelope de plástico. Deixei-o cair duas vezes, antes que conseguisse ler o que ele havia escrito.

*Brynne,  
A noite passada foi um presente.  
Por favor, perdoe-me por não ouvir o que  
você estava tentando me dizer.  
Eu sinto muito.  
Do seu,  
E*

Li o bilhete uma dúzia de vezes e fiquei pensando o que fazer. Como ele conseguia me confundir desse jeito? Em um momento, tinha certeza de que queria fugir dele, e no outro queria vê-lo de novo. Olhei para as flores roxas mais uma vez — eu precisava agradecer o presente e aquele bilhete escrito a mão. Ignorá-los seria cruel.

Ligar ou mandar mensagem? Era uma decisão difícil. Uma parte de mim queria ouvir a voz dele, e outra estava morrendo de medo de ouvir a minha, quando ele começasse a fazer perguntas. No fim, decidi mandar um SMS e me senti uma covarde. Primeiro, precisava carregar o celular. A enxurrada de ligações perdidas, recados e alertas de mensagem que apareceram quando liguei o aparelho me fizeram passar mal, sem sequer ouvi-los ou lê-los. Era demais para mim, então ignorei tudo e digitei na tela vazia: **Ethan, as flores são lindas. Tks. Eu 1 roxo. — Brynne**

Assim que apertei enviar, pensei em desligar o telefone, mas claro que não o fiz. A curiosidade matou o gato, ou, no meu caso, me obrigou a fazer coisas idiotas.

Ao contrário, fui até o vaso de flores e tirei a gravata do arranjo. Levei-a ao meu rosto e cheirei. Ela tinha o cheiro dele. O cheiro sexy do Ethan, que eu adorava. Nunca devolveria aquela gravata para ele.

Não importa o que acontecesse ou deixasse de acontecer. A gravata era minha agora.

Meu telefone piscou e começou a vibrar. O primeiro instinto foi desligá-lo, mas eu sabia que ele ia ligar. E uma parte de mim queria falar com ele de novo. Encostei o telefone na orelha.

— Oi.

— Você gosta mesmo de roxo? — A pergunta me fez sorrir.

— Muito. As flores são lindas, e eu não vou devolver sua gravata.

— Fiz merda, não fiz? — A voz dele era suave e eu podia ouvir um barulho de inspiração e depois expiração.

— Você tá fumando, Ethan?

— Hoje bem mais do que o normal.

— Um vício... Você tem um! — Passei a mão na gravata, esticada na minha mesa de trabalho.

— Lamento, mas eu tenho muitos. — Houve um momento de silêncio e eu imaginei se Ethan me considerava um desses vícios, mas ele falou: — Eu quis ir até o seu apartamento ontem à noite. Eu quase fui.

— Que bom que não foi, Ethan. Eu precisava pensar. Tenho muita dificuldade em fazer isso quando você está perto. E não foi nada que você tenha feito ontem à noite. Não foi culpa sua. Eu precisava de algum espaço depois de ficarmos tão... próximos daquele jeito. É só o jeito que eu sou. Eu sou a problemática aqui.

— Não diz isso, Brynne. Eu sei que não te escutei ontem como deveria. Você me disse o que precisava e eu ignorei. Forcei a barra, muito rápido. Quebrei a confiança que você tinha em mim, e isso é o que me deixa mais triste. Sinto muito, muito mesmo! Você não tem ideia do quanto. E se isso destruiu todas as minhas chances de ficar com você, então eu mereci.

— Não, não. — Minha voz era só um fiapo e havia tanto que eu queria dizer, mas não encontrava as palavras para fazê-lo. — Você não quer ficar comigo, Ethan.

— Eu sei que eu quero, minha linda. — Podia ouvi-lo fumando do outro lado. — A única questão é, você vai? Você vai ficar comigo de

novo, Brynne Bennett?

Não podia segurar. As palavras dele me fizeram chorar. A minha sorte era que ele não podia me ver chorar, mas eu tinha quase certeza de que ele conseguia me ouvir pelo telefone.

— E agora eu te fiz chorar. Isso é bom ou ruim, baby? Diz para mim, por favor, porque eu não sei. — O apelo na voz dele baixou minha resistência.

— É bom. — Ri desconcertada. — Mas não sei quando. Hoje eu tenho planos com o Benny e a Gaby.

— Eu entendo.

Será que estava concordando em sair com ele de novo? Nós dois sabíamos a resposta para a pergunta. Acontece que Ethan me levava pela mão. Desde a primeira noite em que nos conhecemos, ele me tinha para si. Sim, fomos rápido para o sexo. Sim, ele forçou a barra um pouco, mas graças a ele estive em um lugar maravilhoso, onde pude esquecer do passado. Ethan me dava muita, muita segurança, de um jeito que me surpreendia e me obrigava a avaliar as razões por trás disso. Não tinha muita fé de que daríamos certo, mas com certeza seria uma história para se recordar depois.

— A gente pode ir devagar, Ethan Blackstone?

— Estou entendendo isso como um sim. Claro que a gente pode.

— Ouvi o sopro de uma tragada de novo. E uma pausa, como se estivesse tomando coragem. — Brynne?

— Sim?

— Eu estou com o maior sorriso na cara agora.

— Eu também, Ethan.

# Capítulo 7

**A**noite em Londres é incrível. A gente não sai muito, mas tudo que eu precisava era de uma supernoitada, de boate em boate. Minha pobre mente estava rodando no máximo, num conflito de emoções, medos e culpa. Precisava dançar, beber, rir, mas, mais do que isso, precisava esquecer toda essa merda. A vida era muito curta para ficar remoendo as partes mais pesadas, ou ao menos foi isso o que a minha terapeuta disse. Tinha sessão com a dra. Roswell no dia seguinte, às quatro da tarde, e um jantar marcado com o Ethan logo depois. Era o primeiro passo no acordo de “levar as coisas devagar” que fizemos pelo telefone. Ele me disse que queria botar as cartas na mesa — tenho que admitir que gostei disso. A verdade é o que funciona melhor comigo. Não tenho nada para esconder, mas era bom ter mais cuidado em relação ao que eu quero ou não dividir. E não sabia mesmo o quanto poderia dividir com Ethan. Não havia um mapa, um manual que pudesse me ajudar. Precisava seguir a onda e torcer para não quebrar a cara em um recife.

— Experimenta isso, é magnífico! — Benny me passou um drinque vermelho-alaranjado, em um copo alto. — O nome é Tocha

Olímpica.

Dei um gole.

— Bom.

Ficamos olhando Gaby dançar na pista, com um cara que definitivamente não ia se dar bem depois dali. A gente já tinha ido a três clubes até o momento, e os meus pés estavam começando a reclamar. As botas roxas ficavam ótimas com o vestido florido de um ombro só, mas após três clubes, eu estava pronta para trocá-las por meias fofinhas.

— Acho que meu fetiche com botas de caubói está voltando para me assombrar — brinquei com o Benny, e levantei um pé para ele ver.

— Você tem, tipo, 10 pares de botas. — Ele deu de ombros. — Acho sexy, você sabe. Um nu de botas ia render umas fotos deliciosas. Só o seu corpo e as botas, não acha? Quero fazer. Posso bolar uma luz bem escura e deixar as botas coloridas. Você tem tantas cores diferentes... Amarelo, rosa, verde, azul, vermelho. Elas vão ficar incríveis. Só arte, nada óbvio. Você faz, Bree?

— Claro que faço. Se você acha que vão ficar boas... Mas vou querer negociar um termo de liberação de imagem para as minhas botas. — Botei a língua para ele. — Minha mãe vai ter um infarto.

Fiquei só esperando o comentário sarcástico do Ben.

— O que a sua mãe precisa é de uma boa foda por trás. — Ben não me decepcionou.

Caí na gargalhada com a imagem absurda de Clarice Huntington Bennett Exley dando o cu alguma vez na vida:

— Porra, ninguém falou que precisa ter um orgasmo para engravidar, e tenho quase certeza de que minha mãe só fez sexo com meu pai nessa única vez.

— Acho que você deve estar certa, minha querida. — Ben concordou. Ele tinha encontrado minha mãe umas duas vezes, então ele sabia do que estava falando. — Pelo menos ela fez direito nessa única vez e teve você.

Meus pais se separaram quando eu tinha 14 anos — provavelmente por causa da falta de transas regulares e da percepção de que não tinham qualquer interesse um no outro. Mas, para ser justa, os dois continuaram próximos até eu me formar no colégio. Depois, minha mãe passou a cruzar o Atlântico num pulo, quando dava vontade, e eu adorava deixá-la chocada com os meus amigos, nosso estilo de vida e antipatias em geral, até que ela se cansava e voltava. O marido dela, Frank, era muito mais velho que ela e muito mais rico que meu pai, e provavelmente ficava feliz da vida quando ela saía de São Francisco. Duvido que ela transasse com ele. Talvez Frank desse umas boas enquanto ela viajava, mas quem poderia saber? Minha mãe e eu estávamos em lugares diametralmente opostos a maior parte do tempo.

Agora, com meu pai a história era outra. Dos dois, sempre foi a ele que recorri quando precisei. Ele me ligava com frequência e apoiava minhas escolhas. Ele me amava por ser quem eu era. Nas minhas horas mais escuras, ele foi a única razão que me manteve viva. Ficava imaginando o que meu pai ia achar do Ethan.

Ben se afastou para conversar com um louro gato e eu fiquei bebericando minha Tocha Olímpica.

— Ei, garota, essas suas botas são umas belezuras! — Um cara grandalhão, de botas também, jeans e um cinto com a fivela do formato e do tamanho do estado do Texas se aproximou da minha mesa. Americano, com certeza. Milhares de pessoas estavam vindo a Londres para os Jogos Olímpicos e esse cara definitivamente parecia ser virgem de Europa.

— Obrigada. Coleciono botas de caubói. — Sorri para ele.

— Coleciona caubóis, é? — Passou os olhos devagar por mim, de alto a baixo. — Então acho que estou no lugar certo.

Sentou-se ao meu lado, aquele corpo enorme ocupando muito espaço no sofá.

— Posso ser seu caubói, se você quiser — cochichou no meu ouvido, com hálito de álcool. — E você pode montar em mim.

Escorreguei no sofá para mais longe e me virei.

— Qual é o seu nome, meu amor?

— Meu nome é Não Estou Interessada. — Encarei-o, séria. — E o nome do meio é Você Só Pode Estar de Sacanagem, Seu Porco Bêbado.

— Isso é jeito de ser simpática com os visitantes americanos que vieram para cá lá do Texas? — O ruivão se aproximou e botou o braço nas costas do sofá, colando a perna na minha, a respiração dele soprando no meu rosto. — Você não sabe o que está perdendo.

— Acho que posso imaginar. — Afastei-me o quanto pude e escorreguei ainda mais no sofá. — Não ensinam boas maneiras no Texas, ou será que as garotas de lá gostam de bêbados insuportáveis que fazem propostas indecentes em público?

O ruivão não pegou a dica, ou talvez estivesse bêbado demais para entender minha pergunta, porque ele agarrou minha mão e ficou de pé, me puxando também:

— Dança comigo, gata!

Recuei, mas o puxão foi tão forte que não consegui ficar no lugar. Ele era como um homem das cavernas peludo, me apertando contra o corpo dele e forçando o caminho para a pista de dança. A mão dele cobriu minha bunda e começou a puxar de leve a minha saia. Foi aí que eu levantei a bota e pisei no pé dele, com toda a força que pude.

— Tira a mão da minha bunda, antes que as suas bolas virem dois pompons nas minhas botas. Você tem duas bolas e eu tenho duas botas, uma para cada. — Dei um sorriso falso.

Ele grunhiu e apertou os olhos. Dava para ver que estava avaliando se eu falava sério ou não, até que se afastou.

— Sua piranha inglesa! — ele balbuciou e foi se embrenhando pela multidão, provavelmente para incomodar outra pobre mulher.

— Sou americana, seu escroto! Mas da parte boa do país! — gritei, antes de me virar e dar de cara com um peitoral de outro homem. Um peitoral com o qual eu já tinha me encontrado antes. Um corpo que trazia de volta aquele cheiro intoxicante. Ethan.

Ele não parecia feliz. Franziu a testa, enquanto acompanhava com os olhos a retirada do ruivão, e depois a mim. Ethan botou a mão nas minhas costas e me empurrou em direção a uma mesa. Sabia que ele estava zangado. Mas mesmo irritado, ele continuava lindo, de camiseta preta, jeans escuro, paletó cinza e aquele olhar sério.

— Por que você está aqui, Ethan?

— Ainda bem que estou, não acha? Aquele macaco estava em cima de você, com as patas na sua bunda... Não quero nem pensar o que ele poderia fazer em seguida. — Ele me encarou fixamente, os maxilares travados, os lábios tensos.

— Acho que me virei muito bem com ele... — Ethan pegou meu rosto com as mãos e me beijou, me prendendo com a boca, empurrando a língua para dentro, exigindo que eu o beijasse de volta. Eu fiz isso, claro, sentindo o gosto de menta e cerveja. Ainda não podia acreditar que ele fumava, nunca senti nenhum cheiro de cigarro nele. Mesmo que quisesse negar o beijo, dizer não ao Ethan era quase impossível. Eu sempre o queria. Ele apertava todos os meus botões certos, e essa era a razão pela qual ele era tão perigoso.

— Olha para você — falou devagar, os olhos dele estudando minha roupa e depois o meu rosto. — É um milagre que não tenha uns 50 babacas tentando dar em cima de você.

— Nem. Só dois. O ruivão e você.

— Quem? — Ele apertou os olhos.

Era a minha vez de questioná-lo.

— O Benny estava comigo até poucos minutos atrás e vou deixar essa passar. — Cruzei os braços logo abaixo dos meus seios. — Nem era pra você estar aqui, né? Ou melhor, como você sabia que eu estava exatamente nessa boate? Você está me seguindo, por acaso?

Ele passou a mão pelo cabelo e desviou o olhar. Uma garçonne loura oxigenada apareceu do nada, dando risinhos enquanto anotava o pedido dele. Tenho certeza de que a senhorita Sex On The Beach não hesitaria um minuto, caso ele pedisse para ela sentar no colo

dele. Sério, como Ethan conseguia vir a um lugar desses sem que as mulheres começassem a se jogar aos pés dele?

Quando Ethan me perguntou se queria alguma coisa do bar, simplesmente balancei a cabeça e mostrei o drinque que o Benny tinha me dado. A garçonete me lançou um olhar enquanto se afastava, balançando os quadris.

— O que eu faço da vida, Brynne? — A voz dele estava calma, e devo dar-lhe o devido crédito por ter ignorado solenemente a bunda dela, mesmo balançando na cara dele, como se fosse a bandeira olímpica. Enquanto falava, os olhos dele analisavam cada pedaço da pista de dança.

— Você é dono da Blackstone Security International Ltda., e por isso tem a seu dispor todas as ferramentas para seguir suas peguetes? — respondi, sarcasticamente, inclinando a cabeça.

Ele virou para mim e o olhar dele pareceu atravessar meu corpo.

— Faz muito tempo que você não é mais uma peguete, minha linda. — Ele se inclinou, os lábios encostando na minha orelha. — Desde que transamos na minha cama, você passou a desbravar territórios desconhecidos. Pode acreditar.

Meu coração pareceu engasgar com aquele olhar no rosto do Ethan, e com essas palavras que ele tinha acabado de dizer. Imediatamente, fiquei toda molhada. Tentei levar a conversa para longe do tema sexual. Não sei por que me importava; Ethan provavelmente já percebera desde o início que eu estava tremendo por ele.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— O cartão de crédito do Clarkson apareceu nos meus registros de trabalho. — Ele pegou minha mão e fez um carinho nela com o polegar. — Não fica zangada comigo por ter vindo. Eu não teria me aproximado se você estivesse se divertindo com teus amigos, mas aquele caubói escroto chegou em você...

Ethan levou minha mão até os lábios e eu senti o toque áspero do cavanhaque, uma sensação que começava a amar e achar tão familiar.

— Queria ver você se divertindo. Você parecia tão triste da última vez em que te vi, naquele táxi. — Ethan sorriu e todo o rosto dele se modificou.

— Adoro quando você faz isso — falei.

— Faço o quê?

— Beija minha mão.

Ethan olhou para ela, ainda encaixada na dele.

— Ela é muito linda, e eu ia detestar se a machucasse...

Os olhos dele voltaram a me encarar, mas ele ficou quieto, desenhando círculos imaginários com o polegar no dorso da minha mão, ou levando-a aos lábios para beijá-la. O Ethan precisava do toque. Isso era uma coisa que ele fazia que eu entendia muito bem. E me confortava. Não sabia explicar, mas adorava o que ele me fazia sentir quando me tocava. Acho que era algo que eu deveria discutir com a dra. Roswell na minha próxima sessão.

Mas a escolha de palavras que ele fez me pareceu estranha. Ele era superprotetor, é fato, e se preocupava que eu pudesse me machucar. *Esse barco já partiu há uns seis anos, Ethan.*

Benny e Gaby se aproximaram, fizemos as apresentações, e eles logo sumiram, tão discretamente quanto faziam suas colegas naquelas festas de colégio quando te deixavam a sós com o gatinho que você paquerava. Que seja. Tenho certeza de que eles vão passar o resto da noite bolando umas mil teorias mesmo.

Quando a bebida dele chegou, Ethan levantou-a com a mão esquerda, sem nunca deixar a direita largar da minha. Pelo menos não até me colocar no carro para me levar para casa.

Ethan continuou me encarando no carro, atraindo meus olhos para os dele repetidas vezes, me excitando de tal maneira que eu tive que me contrair toda para aliviar a dor que sentia entre as pernas.

— Por que você fica me olhando desse jeito? — perguntei, finalmente.

— Acho que você sabe. — A voz dele era suave e firme ao mesmo tempo.

— Quero que você me diga, porque realmente não sei.

— Brynne, estou te olhando assim porque não consigo tirar meus olhos de você. Quero sentir você. Entrar em você. Estou com tanta vontade de te comer, que mal consigo dirigir esse maldito carro. Quero gozar dentro de você e depois fazer de novo. Quero a sua boceta gostosa abraçando meu pau enquanto você grita meu nome, só porque te fiz gozar. Quero que você fique comigo a porra da noite toda, só para eu poder te comer mil vezes, uma atrás da outra, até que você não se lembre de mais nada, a não ser de mim.

Apertei o braço do banco e me arrepiei toda, com certeza tive um miniorgasmo. Minha calcinha estava tão molhada que eu poderia ter escorregado pelo banco de couro, se os saltos das botas não estivessem tão enterrados no tapete do Range Rover.

Quando o Ethan encostou no meio-fio eu estava tremendo. Ele saiu do carro, deu a volta e veio abrir a porta para mim. Não disse nada, nem eu. Na portaria, tateei dentro da bolsa em busca da chave e ela caiu no chão. Ethan pegou-a, abriu a porta e me guiou para o hall. Ele segurou minha mão enquanto subíamos os cinco lances de escada, sem darmos uma palavra sequer.

Abri a porta do apartamento e ele entrou comigo. E como já havia acontecido em outras vezes em que ficamos a sós, um outro homem apareceu. Um homem que mal podia controlar o desejo por mim. Eu sabia que não recusaria nada a ele.

Em dois segundos, minhas costas bateram na parede e meus pés saíram do chão. A boca do Ethan estava na minha, explorando e procurando, segundos depois.

— Enrosca as pernas em mim — disse ele, segurando com mais força a minha bunda.

Fiz o que ele mandou. Esparramada contra a parede, as botas roxas de caubói balançando no ar, aberta como um sapo, pronto para ser dissecado. Eu me entreguei ao que ele tinha planejado. Aceitei que Ethan liderasse essa parte do nosso relacionamento — o sexo. Ele estava no controle do meu corpo e eu desejava demais o toque dele para questionar qualquer coisa.

— Abre o zíper e bota meu pau para fora.

Fiz isso também. Ele retraiu os quadris para me dar mais acesso, mas a boca e a língua continuavam dentro de mim, enquanto eu abria a calça jeans dele e puxei o pau para fora, duro como um osso e coberto em seda. Esfreguei a pele com as mãos da melhor maneira que pude, e adorei ouvir os gemidos que provoquei.

Ethan meteu a mão por baixo da minha saia e enfiou os dedos na minha calcinha. Ele arrebentou a parte de trás e o tecido estalou como um elástico, antes de me penetrar com aquela ereção enorme. Gritei conforme ele me possuía, tão alargada pelo tamanho do pênis que me contraí toda com a sensação. Ele me segurou em suspenso por um instante, nossos corpos finalmente no mesmo ritmo.

— Olha para mim e não para! — Ele apertou mais ainda as mãos na minha bunda e começou a bombear dentro de mim. Forte. Fundo. Machucando, na verdade, mas eu não me importei. Era isso mesmo o que queria dele, e me concentrei nos olhos azuis que pegavam fogo na minha direção.

— Ethan! — gemi e me espremi contra a parede do apartamento enquanto ele me fodia, o órgão me tomando toda por dentro. Mantive os olhos firmes nele. Até quando sentia a pressão dentro do útero e a ponta do pênis alcançando o ponto mais profundo que ele conseguia, segui olhando para ele. A intimidade estava no limite e não poderia ter olhado para outro lugar, mesmo se quisesse. Precisava dos olhos bem abertos.

— Por que estou fazendo isso, Brynne? — perguntou.

— Não sei, Ethan. — Mal conseguia falar.

— Sabe sim. Fala, Brynne! — Me contraí com um orgasmo que começava a tomar conta do meu corpo, mas ele imediatamente reduziu o ritmo, passando a tirar e botar mais devagar, dentro e fora do meu sexo escancarado.

— Fala o quê? — gritei, frustrada.

— Diz para mim as palavras que eu preciso ouvir. Diz a verdade e eu te deixo gozar. — Ele enfiou em mim bem devagarzinho e mordeu de leve o meu ombro.

— Qual é a verdade? — Estava começando a choramingar, completamente entregue à vontade dele.

— A verdade é — ele grunhiu, uma palavra a cada estocada forte:  
— Você. É. Minha!

Respirei fundo e dei um grito na última.

Ele acelerou de novo, metendo mais rápido.

— Diz!

— Eu sou sua!

No segundo em que disse essas três palavras, meteu o polegar no meu clitóris e eu finalmente gozei, tão forte como uma onda gigantesca quebrando na praia. Como se fosse um prêmio por obedecê-lo. Gritei, presa na parede do meu apartamento, com o Ethan ainda penetrando forte em mim.

Um rugido saiu do fundo do peito dele, conforme começou a atingir o clímax; o olhar do Ethan era quase amedrontador. Deu um golpe final, enterrando até o fim, enquanto o sêmen quente começava a jorrar dentro de mim, me inundando. Ele apertou os lábios nos meus e me beijou, tirando e botando o pau lá embaixo, ainda para aproveitar até a gota final, gentil, devagar. Os braços fortes dele ainda me seguravam no alto — não sei como ele aguentou... — e os beijos agora eram doces, em total contraste com o louco por sexo de um minuto atrás.

— Você é... — tossiu — minha!

Ele me desceu da parede, me segurando firme até que meus pés pousassem no chão com segurança, e só então tirou de dentro de mim. Encostei na parede, cansada, e observei-o subir a calça e fechar o zíper de volta. Minha saia também caiu de volta para o lugar. Qualquer um que entrasse na sala naquele momento não saberia que tínhamos acabado de transar feito loucos ali contra a parede. Tudo ilusão.

Ethan pôs uma das mãos no meu rosto, segurando-me delicadamente, mas com firmeza, para que eu olhasse para ele.

— Boa noite, minha linda garota americana. Dorme bem. A gente se vê amanhã.

Ele passou a mão no meu rosto, pelos lábios, pelo queixo, no pescoço e no meu colo. O olhar dele me dizia que ele não queria ir embora, mas sabia que ele ia mesmo assim. Ethan me beijou na testa, com carinho. Parou e respirou fundo, como se estivesse me inalando, e em seguida foi embora.

Fiquei em pé lá mesmo, depois que a porta se fechou, meu corpo ainda latejando do orgasmo, minha calcinha rasgada enrolada na cintura, o sêmen quente começando a escorrer pela minha coxa, só escutando. O som dos passos dele se afastando não era um som que me agradasse. Nem um pouco.

# Capítulo 8

**A**dra. Roswell sempre toma notas num caderno durante nossas sessões. Isso me parece um pouco fora de moda, mas afinal de contas estamos na Inglaterra e o consultório dela fica num prédio que já estava de pé quando Thomas Jefferson escreveu a Declaração de Independência dos EUA, na Filadélfia. Ela usa uma caneta tinteiro também, o que me deixa ainda mais embaçada.

Enquanto ela me ouvia falar sobre o Ethan, fiquei observando os movimentos que a belíssima caneta de ouro com turquesa fazia no caderno. A dra. Roswell era uma ótima ouvinte. Bom, na verdade, isso é basicamente a essência do trabalho dela. Não sei o que seria das nossas sessões se eu não contasse a ela coisas para ouvir.

Sentada atrás de uma escrivaninha francesa elegante, ela era o retrato do profissionalismo e interesse genuíno. Eu imaginava que ela tivesse uns cinquenta e poucos anos; ela tinha a pele bonita e os cabelos eram brancos, o que não a envelhecia nem um pouco. Ela sempre usava joias marcantes e roupas cheias de personalidade, que a deixavam com um estilo sofisticado e, ao mesmo tempo, acessível. Meu pai me ajudou a escolhê-la quando me mudei para

Londres. A dra. Roswell estava na minha lista de primeiras necessidades, junto com comida, roupas e abrigo.

— Mas então, por que você acha que reagiu desse jeito, deixando Ethan sozinho no meio da noite?

— Tive medo de que ele me visse daquele jeito.

— Mas ele viu. — Ela escreveu alguma coisa no caderno. — E, pelo que você me disse, ele queria te confortar e te convencer a ficar.

— Eu sei... Mas eu fiquei com medo que ele me pedisse pra contar sobre esses sonhos... — Esse era o meu maior problema. A dra. Roswell e eu já tínhamos discutido isso milhares e milhares de vezes. O que um homem pensaria de mim se soubesse? — Ele me perguntou se eu queria conversar. Eu disse que não. Ele é tão intenso; tenho certeza de que vai ser só uma questão de dias até ele tentar saber mais.

— Relacionamentos são assim, Brynne. Você divide e ajuda o outro a saber mais de você, até as coisas mais assustadoras.

— Só que Ethan não é assim. Ele é tão exigente o tempo todo. Ele quer tudo de mim...

— E como você se sente quando ele exige alguma coisa, ou quer que você entregue tudo a ele?

— Apavorada! Morta de medo do que vai acontecer comigo. — Respirei fundo para conseguir dizer essas palavras. — Mas quando estou com ele, quando ele me toca ou quando estamos em situações mais íntimas, me sinto tão segura e querida, como se nada de ruim pudesse me acontecer. Por algum motivo, eu confio nele, dra. Roswell.

— Você acha que ter entrado num relacionamento sexual com o Ethan pode ser a razão pela qual os pesadelos voltaram?

— Acho. — Minha voz saiu trêmula, e eu odiei o som dela.

— Brynne, isso é muito normal com os sobreviventes de abusos. O ato sexual por si só já deixa a mulher numa posição muito vulnerável. A fêmea recebe o macho dentro do corpo dela. Ele é mais forte e tipicamente dominante. Ela precisa confiar no parceiro,

ou então eu imagino que haveria pouquíssimas mulheres fazendo sexo por aí. Junte a isso a sua história pessoal e você terá uma mistura de emoções muito complicada, fermentando dentro do seu inconsciente.

— Mesmo se você não se lembra?

— O seu cérebro lembra, Brynne. O medo de viver de novo aquela traição está aí dentro. — Ela anotou mais alguma coisa. — Você quer tentar tomar um remédio para dormir? Podemos ver se a gente resolve os terrores noturnos.

— Funciona? — Me interessei logo. A sugestão de algo simples como um comprimido me fez rir de nervoso. A ideia de que poderia passar a noite toda com ele... Ou ele poderia ficar comigo... Me deu esperança também. Isso, se o Ethan ainda quiser tentar dormir comigo. Lembrei da noite passada, ele indo embora de casa depois do nosso sexo-muito-louco-na-parede, e de como não gostei da sensação de vê-lo partir. Meus sentimentos andavam tão confusos. Parte de mim o desejava muito e a outra parte morria de medo dele. Realmente, não conseguia imaginar o que ia acontecer conosco. *Ele fez com que você dissesse que era dele.*

A dra. Roswell sorriu para mim.

— Não vamos saber se dá certo até tentarmos, minha querida. Coragem é o primeiro passo; a medicação é simplesmente uma ferramenta para te ajudar a dar mais alguns passos, até que consiga enfrentar o caminho. As soluções não têm sempre que ser complicadas. — Ela pegou o bloquinho de receitas.

— Muito obrigada, mesmo. — O celular começou a vibrar dentro da bolsa. Dei uma olhada e vi a mensagem do Ethan. — O Ethan está aqui na recepção. Combinamos de ele vir me buscar antes de irmos jantar. Ele disse que queria conversar sobre a gente...

— É sempre bom para o casal conversar sobre o relacionamento. A honestidade e a confiança que vocês tiverem agora vão ser muito importantes lá na frente, se tiverem que resolver problemas ou diferenças. — Ela me entregou a receita. — Adoraria conhecê-lo, Brynne.

— Agora? — Meu estômago começou a dar cambalhotas.

— Por que não? Vou te levar até a porta e encontro seu Ethan lá. Sempre me ajuda demais poder dar um rosto ao nome quando falamos nas nossas sessões.

— Ok, então — eu disse, levantando da poltrona florida confortável —, mas ele não é exatamente *meu* Ethan, dra. Roswell.

— Vamos ver — disse, com uma batidinha de leve no meu ombro.

Fiquei sem ar quando o vi, de pé, olhando para o quadro na parede enquanto me esperava. O jeito que ele estava me lembrou da primeira vez em que o vi, observando e desejando meu retrato na exposição do Benny. Desejando-o o suficiente para comprá-lo.

Ethan se virou quando entramos na antessala. Os olhos azuis iluminaram o rosto dele e se moldaram num sorriso gentil, conforme ele vinha na minha direção. Uma explosão de alívio acalmou meu coração. O Ethan parecia muito feliz em me ver.

— Ethan, essa é minha terapeuta, dra. Roswell. Dra. Roswell, este é Ethan Blackstone, meu...

— Sou o namorado da Brynne. — Ele me interrompeu de novo. Ethan esticou a mão para a doutora e deu um daqueles sorrisos que provavelmente fez a calcinha dela derreter. Enquanto eles trocavam delicadezas, pude observar a reação dela, e devo admitir que ficava convencida ao ver mulheres de todas as idades ficarem intoxicadas pela beleza dele. Tomara que eu me lembrasse de perguntar numa próxima sessão. *E então, doutora, você também achou o Ethan incrivelmente sexy, não foi?*

— Namorado? — perguntei, enquanto andávamos até o carro, de mãos dadas.

— Só tentando ser positivo, querida. — Sorriu e levou nossas mãos entrelaçadas até os lábios, para dar um beijo na minha, antes de me ajudar a entrar no carro.

— Eu percebi. Para onde você está me levando, e por que está tão sorridente?

Ele se inclinou para o meu lado e levou a boca até pertinho dos meus lábios, sem tocá-los.

— Sou sempre sorridente, como você disse, quando consigo o que quero. — Deu em mim um beijinho comportado e se afastou.

— E desde quando você não consegue o que quer? Você é a pessoa mais exigente que já conheci na vida. — Maneirei o sarcasmo com um sorrisinho.

— Cuidado, querida. Você não tem ideia das coisas que eu quero fazer com você. — Os olhos dele ficaram sérios.

Deixei a corrente sensual fluir entre nós e tentei manter a respiração no ritmo.

— Você me assusta um pouco quando fala coisas assim, Ethan.

— Eu sei disso. — Puxou meu queixo com os dedos e me beijou novamente. Dessa vez, mordiscou o lábio inferior, me provocando. — Por isso que estamos indo devagar. Não quero nunca te assustar.

Os olhos dele se moveram como se estivessem tentando enxergar meus pensamentos, os lábios tão próximos, sem me tocar, no entanto.

— Você se dá conta de que esta é a primeira vez em que estamos juntos que eu não precisei te convencer a vir? Existe esperança, viu? Deve ser por isso, senhorita Bennett, que estou tão sorridente. — Os olhos azuis dele estavam dançando agora. Ele me deu um último beijo antes de se afastar para pôr a chave na ignição.

— Justo, senhor Blackstone, posso aceitar isso. — Ele me ajudou a encaixar a fivela do cinto de segurança e saímos do estacionamento. Recostei no banco de couro macio e inalei o perfume dele, deixando que ele me levasse para algum lugar e acreditando, pelo menos por enquanto, que tudo ia ficar bem.

— A dra. Roswell parece muito competente — Ethan disse casualmente enquanto me servia de mais vinho. — Há quanto tempo você é paciente dela?

Encarei os olhos dele e me preparei. *Lá vem; como você vai lidar com isso?* Disse a mim mesma que deveria respirar.

— Quase quatro anos. Desde que me mudei para cá.

— Você foi se encontrar com ela hoje por causa do que está acontecendo com a gente?

— Se você quer dizer ir para casa com um completo estranho e deixar que ele transe comigo toda vez que nos encontramos? Sim, foi por aí. — Tomei mais um gole de vinho.

Ao fazer a próxima pergunta, a mandíbula dele se retesou, mas a expressão no rosto não mudou:

— E sair correndo no meio da noite, é por aí também?

Abaixei a cabeça e concordei. Era o melhor que eu conseguia.

— O que te machuca, Brynne? — Ele fez essa pergunta com tamanha gentileza que, por um segundo, cheguei realmente a considerar contar tudo para ele, mas ainda não estava pronta.

Pousei o garfo e, imediatamente, soube que não ia mais conseguir comer o fettuccini com camarões. O assunto “meu passado” misturado com comida é uma combinação impossível.

— Uma coisa ruim — respondi, levantando a cabeça e olhando para ele.

— Imaginei. Vi seu rosto quando você acordou do pesadelo. — Olhou para o prato de comida agora afastado, e depois para mim. — Sinto muito por aquela noite. Eu não soube escutar você. Pegou minha mão e esfregou o polegar no dorso dela. — Só quero que saiba que pode confiar em mim. Espero que você saiba que pode. Quero ficar com você, Brynne.

— Você quer um relacionamento, não quer? — Olhei para o polegar dele fazendo carinho nos meus ossinhos da mão. — Você disse à dra. Roswell que era meu namorado.

— Eu disse, sim. Eu quero você, Brynne. E quero, sim, ter um relacionamento. — A voz dele saiu mais firme. — Olha para mim.

Levantei os olhos imediatamente, a beleza dele tão forte contra o mar de toalhas brancas nas mesas atrás dele.

— Mesmo eu sendo desse jeito, Ethan?

— O seu jeito é perfeito para mim.

Tirei a minha mão da dele. Tive que lutar um pouquinho para ele deixar eu soltar a mão. Bem como o Ethan é, querendo ditar tudo,

mas acabou que consegui virar a palma dele para cima e segurá-la. Acompanhei o traço da linha da vida dele, depois a do coração, e imaginei se alguma das minhas linhas podia ser recuperada.

— Não é, não, Ethan. Perfeito e mim são coisas que nunca podem estar numa mesma frase — falei, olhando para a palma dele.

— O certo é “perfeito” e “eu” — corrigiu-me, maliciosamente. — E eu discordo totalmente de você, minha bela americana do sotaque sexy.

Olhei de novo para ele.

— Você é tão controlador, mas você faz isso de um jeito que me deixa estranhamente segura.

— Eu também sei disso. E fico ainda mais louco por você. Por isso, você deveria confiar e deixar que eu cuide de você. Eu sei do que você precisa, Brynne, e posso te dar tudo isso. Só quero que você saiba... Ou melhor, preciso saber que você quer também. Que você quer ficar comigo.

O garçom veio até a mesa.

— A senhorita já terminou? — perguntou.

O Ethan pareceu incomodado quando falei para o garçom tirar o meu prato e pedi um café.

— Você não comeu nada hoje à noite.

Deu para perceber que ele não estava satisfeito com isso.

— Comi o suficiente. Não estava com muita fome. — Tomei um gole de vinho. — Então você quer que eu seja sua namorada, deixe você me controlar, e confie que não vai me machucar. É isso o que você quer, Ethan?

— Sim, Brynne, isso é exatamente o que eu quero.

— Mas tem tanto sobre mim que você ainda não sabe. E coisas que eu não sei sobre você.

— Quando você estiver pronta, você vai me contar e estarei bem aqui para ouvir. Quero saber tudo sobre você, e o que você quiser saber de mim, pode perguntar.

— E se eu não quiser te deixar no comando de certos assuntos, Ethan, ou mesmo se for incapaz de fazê-lo?

— Aí você vai me dizer. Estamos negociando, e os dois devem respeitar limites.

— Tudo bem.

Ele inclinou a cabeça e falou, suavemente:

— Eu quero tanto ficar com você agora. Quero te levar para casa comigo, te botar na minha cama e ficar horas e horas com teu corpo abraçado no meu, para eu poder fazer o que quiser com ele. Quero que você esteja lá de manhã, pra gente acordar junto e eu poder te fazer sentir prazer, e você gritar meu nome. Quero te levar ao trabalho e te buscar quando achar que está na hora de você sair. Quero ir ao supermercado com você e comprar comida para a gente cozinhar para o jantar. Quero assistir televisão e ver você pegar no sono encostada em mim no sofá, para eu poder ficar te admirando e ouvindo sua respiração.

— Ai, Ethan...

O café chegou e eu quis bater na cara do garçom por interromper um discurso tão lindo. Ganhei tempo lidando com o açúcar e o creme. Dei um gole e tentei encontrar as palavras. Para ser honesta, eu já estava totalmente na dele. Cabeça, tronco e membros. Também queria todas essas mesmas coisas com o Ethan, só não tinha certeza de que ia conseguir sobreviver a ele.

— Demais? Estou assustando você?

Balancei a cabeça.

— Não, isso parece ótimo, aliás. E posso te dizer que é algo que nunca tive com ninguém. Nunca tive um relacionamento assim, Ethan.

Ele sorriu.

— Está ótimo para mim, baby. Quero ser o seu primeiro. — Levantou uma sobrancelha, me olhando de um jeito tão escandalosamente sexy, que me fez querer ir embora com ele e começar logo esse acordo. — Mas quero que pense sobre tudo isso hoje à noite e depois me diga o que decidiu. E é bom que você saiba logo também que eu sou muito possessivo com os meus pertences.

— Você jura? — O sarcasmo foi mais forte do que eu. — Nunca teria imaginado, ainda mais depois da noite de ontem, no meu apartamento.

— Eu poderia facilmente dar umas boas palmadas na sua bunda linda, só por causa desse biquinho que você está fazendo para mim. — Piscou. — Não consigo evitar. É como me sinto em relação a você, Brynne. Na minha cabeça, você é minha e pronto, desde a primeira vez que nos encontramos. — Do outro lado da mesa, ele suspirou. — Mas vou me controlar dessa vez e te levar para dormir na sua casa. Te dar um beijo de boa-noite na porta, e vou esperar que você me diga que quer fazer diferente. — Pediu a conta ao garçom. — Podemos ir?

Eu ri da imagem que me veio à cabeça.

— Você está rindo de mim, senhorita Bennett? Por favor, compartilhe.

— Estou imaginando você querendo me bater, senhor Blackstone, e ainda assim bancando o cavalheiro respeitador que me deixa na porta com um beijo de boa-noite.

Ele assobiou e arrumou as pernas na cadeira, claramente arrumando uma posição para disfarçar uma ereção poderosa:

— Se o meu carro realmente chegar à sua rua, você terá testemunhado um milagre.

Ethan manteve a palavra. Ele me deu mesmo boa-noite na porta de casa. Com permissão, tomou algumas liberdades com as mãos, e eu tive uma boa impressão do que ele tinha guardado dentro das calças. Mas ele me deixou em casa do jeito que havia prometido, depois de alguns bons beijos ardentes.

Depois de um banho quente, vesti minha camiseta mais macia. Tinha uma estampa do Jimi Hendrix na frente — a foto em que ele está num jardim, com a mesa do chá posta, considerada a última tirada dele. Adorava coisas assim, e adorava o Jimi também, então ela foi bem usada.

Decidi que era hora de fazer uma certa pesquisa sobre meu “namorado”, e então liguei o notebook bem no meio da cama e digitei no Google o nome que li na carteira de motorista, quando ele me mostrou: Ethan James Blackstone.

Não veio muita coisa, não. Uma página na Wikipédia e alguns links para o site da Blackstone Security. A Wikipédia foi uma surpresa, porém. Ethan era conhecido principalmente pela carreira de jogador de pôquer, dos que jogam alto. Ele tinha ganho um torneio em Las Vegas há coisa de seis anos, aos 26 anos. Um monte de dinheiro. Dinheiro suficiente para montar um negócio. E com toda a experiência militar nas Forças Especiais, ele deve ter visto essa oportunidade. Bom, isso queria dizer que agora ele tinha uns 32. Fiz as contas. Quase oito anos a mais do que eu.

No Google Imagens havia algumas fotos dele, a maioria das vitórias no pôquer. Tinha que perguntar ao meu pai se ele já tinha ouvido falar do Ethan. Ele adorava os torneios e ainda jogava de vez em quando. Continuei rolando as páginas de fotos, parando toda vez em que ele aparecia. Tinha uma com o primeiro-ministro e a rainha! Jesus! O primeiro-ministro italiano e o presidente da França? Senti um arrepio nas costas. Será que o Ethan era uma espécie de James Bond ou coisa parecida? Que porra de segurança que ele fazia? Se essas eram as pessoas que ele protegia, então ele tinha uma clientela realmente de alto nível. Eu estava chocada. Mentalmente, anotei que, na próxima vez em que encontrasse com o pai da Gabrielle, tinha que perguntar a ele se já tinha ouvido falar do Ethan. Ele era da polícia de Londres, e se alguém vivia por dentro das coisas, esse alguém era Rob Hargreave.

Não vi uma só fotografia pessoal do Ethan, numa situação social com uma mulher. Imaginei se ele teria poder para abafar fatos assim. Não dava para acreditar que ele levasse uma vida de celibato, ainda mais exalando sexo daquele jeito. Se Ethan estava falando a verdade quando disse que não levava ninguém na casa dele, então aonde ele as levava? Argh, preferia não imaginar muito.

Fechei o computador, apaguei a luz e deitei na cama. Puxei a gravata roxa de debaixo do travesseiro e segurei-a no nariz. Automaticamente, senti o cheiro dele, tão familiar e reconfortante. Eu me sentia tão pequena, diante daquilo que estava vivenciando. E me perguntava o que um homem desses tinha notado logo em mim. Só pelo meu retrato numa exposição? A ideia parecia difícil de acreditar.

Tentei acalmar os medos e pensar no que ele tinha me oferecido naquela noite. Me lembrei de como era bom estar com ele e de como ele fazia meu corpo todo ferver durante o sexo. Não precisava me preocupar com nada de assustador ou escondido com o Ethan. Ele era absurdamente honesto. Dava para ver. Era dominador, também, claro. Mas eu gostava disso. Tirava de mim a pressão em uma área da vida que eu tinha pouquíssima segurança. Era claro que o desejava; só não sabia se ele havia de me querer uma vez que conhecesse minha história completa.

# Capítulo 9

**A**corrida pela ponte de Waterloo me deu um belo cansaço na manhã seguinte. Cheguei em casa sentindo o cheiro delicioso do café preparado pela minha companheira de apartamento. Passei pela Gaby meia hora depois, quando já estava saindo para a aula.

— Você vai à exposição do Mallerton no dia dez? — perguntou.

— Quero ir. Estou trabalhando num quadro dele agora, chamado *Lady Percival*. Tinha esperança de descobrir mais sobre a origem da personagem. O quadro sofreu estragos num incêndio e o verniz está derretido, bem em cima do título do livro que ela está segurando. Queria tanto descobrir que livro é esse. Tipo um segredo que quero desvendar.

— Uhu! — Ela bateu palmas e deu um pulinho. — É a exposição de aniversário dele.

— Vamos ver... Sir Tristan teria o quê? 228 anos? — Fingi contar nos dedos.

— Duzentos e vinte e sete, para ser exata. — Gabrielle estava profundamente mergulhada na dissertação sobre o pintor romântico Tristan Mallerton, então sempre que aparecia qualquer programa sobre ele, era a primeira da fila, com ingressos na mão.

— Ok, errei por um ano. Não tô tão ruim assim.

Ela abriu um sorrisão, mostrando os dentes perfeitos e os lábios carnudos que me faziam imaginar por que não era ela a modelo. As mechas avermelhadas no cabelo escuro, combinadas com a pele cor de azeitona, davam a ela um ar exótico. Os homens estavam sempre dando em cima da minha amiga, mas ela não queria nada com eles. Muito parecida comigo, eu achava. Ao menos até o Ethan aparecer e balançar toda a minha existência.

— A gente combina de ir junto, fazer um programa. Aliás, eu quero comprar um vestido novo. Quer marcar uma saída de compras também? — Gaby estava muito animada para que eu pudesse dizer não.

— Parece ótimo, Gaby. Preciso mesmo me distrair da minha vida, que de repente ficou mais complicada. — Inclinei a cabeça e murmurei o nome dele: — Ethan.

Gaby me deu uma olhada de alto a baixo e cruzou os braços:

— O que aconteceu com vocês dois?

— Ele quer ter um relacionamento. Tipo, de verdade, daqueles que se dorme junto, faz jantarzinho e vê televisão.

— E muito sexo, quente, cheio de orgasmos! — Gaby acrescentou, para em seguida estender os braços na minha direção. — Vem cá. Você tá com cara de quem precisa de um abraço.

Aceitei a oferta e apertei forte a minha amiga.

— Estou com medo, Gaby — cochichei no ouvido dela.

— Eu sei, minha querida. Mas eu já te vi com ele. E também vi o jeito que ele te olha. Quem sabe ele não era o cara que você estava esperando? Você não vai saber se não tentar. — Ela tocou no meu rosto. — Eu tô feliz por você, e acho que você deve dar um voto de confiança. Até agora, ele está na minha lista “do bem”. Se isso mudar, ou se ele machucar um fio de cabelo dessa sua cabecinha, eu vou transformar as bolas de garanhão dele em bolinhas de gude. Por favor, diga a ele que eu falei isso.

— Céus, eu te amo, mulher! — Ri e me mandei para a aula, pensando em como eu daria a notícia ao Ethan.

Três horas mais tarde, ele me mandou uma mensagem:

**Ethan Blackstone:** < --- está c/ saudade, Brynne. Qdo vejo vc?

Sorri ao ler essas palavras. Ele sentia a minha falta e não tinha medo de dizer isso. Preciso admitir que o jeito direto do Ethan ajudava a acalmar meus nervos e medos do tal relacionamento, ainda bem. Tentei deixar de frescura e respondi:

**Brynne Bennett:** < --- está :) **Daqui a pouco, se vc ã tiver mto ocupado. Posso ir até seu trabalho?**

Meu telefone piscou quase imediatamente com um enfático SIM, seguido de instruções de onde ir, que elevador tomar, planos de me alimentar — o típico *modus operandi* do meu Ethan. Espera aí, eu acabei de dizer meu Ethan? Me dei conta de que falei mesmo, conforme descia as escadas do metrô.

Queria parar numa farmácia no caminho para comprar meu novo remédio, então desci do metrô duas estações depois. De volta à rua, entrei numa Boots e entreguei a receita ao farmacêutico. Peguei uma cestinha e fiquei olhando as prateleiras, enquanto esperava pelo remédio. Tive uma ideia e saí pegando vários produtos, enchendo a cestinha.

Na fila para pagar, notei um cara grandalhão bem atrás de mim, esperando também, mas com só uma garrafinha de água na mão. Bom, eu reparei mesmo foi na tatuagem dele. Era linda, na parte interna do antebraço, uma reprodução perfeita da assinatura do Jimi Hendrix, a curva do J bem redonda, tão nítida que parecia que o próprio Jimi tinha rabiscado ali.

— Bela tattoo! — elogiei, reparando como ele era realmente alto e forte. Quase dois metros, todo musculoso, cabelo bem louro cortado arrepiado e um rosto que exalava confiança. Era claramente alguém com quem não se deveria brincar.

— Obrigado. — Os olhos quase pretos se suavizaram um pouco, e ele perguntou: — Você curte?

O sotaque britânico dele me soou tão suave, a despeito da aparência.

— Curto muito — respondi com um sorriso, antes de voltar para o metrô.

Dentro do trem, botei os fones e liguei o iPod. Melhor ouvir um pouco de Jimi e pensar no que dizer ao Ethan quando o encontrasse.

A Blackstone Security ficava em Bishopsgate, bem no meio da antiga Londres, junto com todos os outros arranha-céus modernos. De alguma forma, não era nem um pouco difícil imaginar o Ethan ali, atrás de uma mesa, vestindo um terno sexy e cheirando bem como sempre. Saí do metrô na estação Liverpool Street e subi as escadas para a rua. Tropecei numa rachadura em um dos degraus de concreto e agarrei-me no corrimão. Protegi os joelhos, mas não consegui evitar que a minha sacola caísse no chão, espalhando todas as compras. Resmunguei um palavrão enquanto me abaixava para recolher tudo e dei de cara com o mesmo cara que tinha visto na farmácia, o da tatuagem.

O homem prontamente me ajudou com as compras e me entregou de volta a sacola.

— Cuidado com os degraus — falou, delicado, e continuou escada acima.

— Obrigada! — gritei pelas costas dele, os músculos marcados debaixo da camisa social preta.

Eu mal tinha pisado na calçada e meu celular começou a vibrar:

**Ethan Blackstone:** < --- está preocupado. Cadê vc?

Não pude deixar de sorrir com essa atenção dele a cada detalhe... como os espaços de tempo! Mandei de volta:

**Brynne Bennett:** < --- está quase aí. Calma!!!!

O painel de salas do prédio indicava que a Blackstone Security ocupava quatro andares, do 40 ao 44. O Ethan tinha me dito para encontrá-lo no 44. Fui até o segurança e dei meu nome. O guarda sorriu discretamente e me deu uma caneta para eu assinar o livro de visitas.

— O senhor Blackstone está à espera, senhorita Bennett. Queira passar por aqui. Vou fazer um crachá para que possa entrar direto

da próxima vez.

— Ah, sim, tudo bem.

Deixei que ele fizesse seu trabalho e, em minutos, já estava subindo para o 44, exibindo meu próprio crachá da Blackstone Security. Meu coração batia um pouquinho mais rápido, conforme me aproximava do meu destino. Engoli em seco algumas vezes e endireitei a jaqueta de couro preto. A saia preta e as botas vermelhas que estava vestindo junto com a jaqueta não eram, de maneira nenhuma, peças vulgares, mas tampouco eram roupas para se usar em um escritório. De repente, comecei a me sentir constrangida e torci para que as pessoas não ficassem olhando para mim. Detesto isso.

Com a bolsa a tiracolo e a sacolinha da farmácia na mão, desci do elevador em um ambiente elegante e bem decorado. Nas paredes havia quadros com fotografias em preto e branco de maravilhas arquitetônicas do mundo inteiro, enormes janelas de vidro mostrando a vista da cidade e uma ruiva muito bonita sentada na recepção.

— Sou Brynne Bennett. Vim ver o senhor Blackstone.

A ruiva me analisou com cuidado antes de se levantar.

— Ele está esperando a senhorita. Vou levá-la até o escritório dele. — Sorriu, enquanto abria a porta para mim. — Espero que goste de comida chinesa.

Fui atrás dela e ignorei o comentário, não porque não quisesse responder, mas porque todo mundo nos observava. Todas as cabeças em todas as mesas de trabalho se viraram na nossa direção e ficaram encarando. Queria me afundar em um buraco no chão e me esconder. Isso, claro, depois que eu matasse o Ethan. Que merda era aquela? Ele tinha mandado um e-mail coletivo avisando que a *namorada* estava chegando para pagar um boquete? Senti meu rosto ferver, enquanto seguia a recepcionista bonitinha que, para ser sincera, tinha um anel de noivado no dedo. Eu provavelmente só reparei nisso porque me recusei a levantar a cabeça, com todos aqueles rostos ali em volta.

— Uau, essa é uma bela parada de boas-vindas — resmunguei baixinho.

— Não se preocupe. Estão todos só curiosos para ver quem merece tanta atenção do chefe, só isso. Eu sou a Elaina, aliás.

— Brynne — respondi.

Ela parou em frente a uma porta dupla de ébano — verdadeiramente impressionante — e deu umas batidinhas antes de entrar.

— Essa é a Frances, assistente do senhor Blackstone. Frances, a senhorita Bennett chegou.

— Obrigada, Elaina. — Frances sorriu e se virou para mim. — Senhorita Bennett, é um prazer conhecê-la. — Estendeu a mão e apertou a minha, com firmeza.

Imaginei se era muito ruim eu amar o fato de que a assistente do Ethan era provavelmente mais velha que a minha mãe e parecia adorar terninhos de poliéster. Sorri para ela e meu medidor de insegurança imediatamente desceu alguns pontos. Mesmo assim, quando apontou para um novo par de portas de ébano, ela foi gentil e segura, como uma guardiã do reino.

— Por favor, vá em frente, querida. Ele está esperando por você.

Abri a porta que parecia pesada mas que se movia tão facilmente que meu dedo mindinho conseguiria empurrá-la, e entrei na sala do Ethan. Fechei a porta atrás de mim e encostei nela. Queria encontrá-lo de meus olhos fechados, seguindo só meu faro.

— Sim, está certo. Continue fazendo isso. Sim, quando você estiver em campo, quero receber relatórios a cada hora. Mantenha o protocolo.

Ele falava com alguém no telefone. Abri os olhos e o observei, do meu posto, encostada na porta. Tão confiante e belo, com um terno risca-de-giz cinza-escuro. E eis que uma outra gravata roxa! Essa era tão escura que podia facilmente se passar por preto, mas — putz! — como ela ficava bem nele. Ele encerrou a ligação e me olhou. Senti a porta travar atrás de mim. Ele sorriu, com uma sobrancelha arqueada. Encarei-o de volta.

— Todas essas pessoas olhando para mim, Ethan! O que você fez, mandou um e-mail para a merda do escritório inteiro?

— Vem cá sentar no meu colo. — Ele se afastou da mesa e abriu espaço para mim. Minha reclamação não surtiu qualquer efeito. Só uma exigência confiante, saída daquela boca linda, de que eu fosse imediatamente até ele.

Bom, assim eu fiz. Marchei para lá com as minhas botas vermelhas e sentei, conforme ordenado. Ele passou os braços ao meu redor e me aconchegou no seu corpo para me dar um beijo. Isso melhorou consideravelmente meu humor.

— Eu posso ter deixado escapar para algumas pessoas que você estava vindo me ver. — Ele deslizou a mão pela minha coxa, debaixo da saia. A temperatura dele me parecia mais alta do que a minha. — Não fica zangada comigo. Você demorou tanto para vir, que eu tive que ficar a toda hora conferindo com a Elaina, para saber se você já tinha chegado.

— Ethan, o que você está fazendo? — murmurei, a boca encostada nos lábios dele, enquanto aquela mão continuava subindo, os dedos longos abrindo caminho para o seu destino. Ele afastou as minhas pernas, até poder alcançar meu sexo.

— Só estou pegando no que é meu, baby. — Ele alisou meus lábios por cima da calcinha de renda vermelha que eu usava, e em seguida afastou o tecido para o lado.

Contraí meus músculos já antecipando o que viria e comecei a respirar mais rápido.

— Quantas vezes você foi lá ver se eu já tinha chegado?

— Algumas poucas... Quatro ou cinco. — O dedo dele encontrou meu clitóris e começou a massageá-lo, em movimentos circulares sobre aquele ponto durinho, cheio de nervos, me deixando paralisada como sempre.

— Isso é muita coisa, Ethan... — Mal consegui falar, de tanto prazer que sentia com aquele movimento vindo dos dedos mágicos dele. Abri minhas pernas mais um pouco e montei na mão dele. — A porta...

— Já está trancada, querida. Não pensa em mais nada, a não ser no que eu estou fazendo aqui. — Ethan me segurou firme com uma das mãos e continuou me tocando com a outra. Não havia mais nada que eu pudesse fazer, senão me concentrar no caminho pelo qual ele estava me guiando. Ele mudou do dedo indicador para o polegar e esfregou com um pouco mais de força. Ele escorregou dois dedos para dentro do órgão molhado e começou a me possuir.

— Puta merda, você tá toda molhadinha para mim. — Colou a boca na minha e mostrou que era ele quem mandava ali, também.

Gritei ao atingir o prazer ali no colo do Ethan, com os dedos dele dentro de mim e a língua na minha boca, totalmente entregue e dominada. E muito satisfeita. Ele me segurou firme, como se estivesse com medo de que eu fugisse, mas ele nem precisava se preocupar com isso.

Respirei fundo, aquela sensação ainda percorrendo minhas veias, enquanto eu tentava compreender o efeito que ele tinha sobre mim. Ao lado do Ethan, eu não tinha mais autocontrole. Nada.

Olhei para ele quando pude e fui tragada por aqueles olhos azuis incríveis.

— A sua mão deve estar toda melada — falei, ciente de que o que ele havia dito era verdade. Eu estava encharcada.

Ele sorriu de um jeito maroto e mexeu os dedos ainda dentro de mim.

— Eu adoro esse lugar onde a minha mão está agora. Mas para falar a verdade, preferia que fosse isso aqui. — Forçou o pau na minha bunda por cima da roupa, e tive certeza de que ele falava sério. Eu pude sentir como ele estava duro e me arrepiei.

— Mas a gente tá no seu escritório.

— Eu sei, mas a porta está trancada e ninguém pode nos ver. Estamos totalmente sozinhos. — Ele soprou no meu pescoço e cochichou: — Só você e eu.

Eu tentei sair do colo dele, mas ele me segurou firme, com um certo olhar de reprovação. Tentei de novo e dessa vez ele me deixou ir. Deslizei para o chão, ajoelhei em frente a ele, meu corpo

praticamente escondido pela mesa de trabalho. Botei as mãos no membro ereto e segurei firme. Quando olhei para cima e percebi o desejo nos olhos dele, já sabia o que fazer.

— Ethan, quero te chupar.

— Claro! — Era toda a autorização de que eu precisava. Desabotoei o cinto, abri o zíper e encontrei meu prêmio. Céus, ele tinha um pau lindo. O Ethan assoviou quando eu segurei-o na minha mão e lambi a pontinha, apreciando o gosto salgado. Recuei e olhei mais uma vez para ele. Esse negócio já tinha estado dentro de mim algumas vezes e eu nunca tinha parado para olhar bem para ele. Era grande, duro, mas suave como veludo. Acariciei-o um pouco e sorri para ele. Ele estava mordendo o lábio e me encarando, como se pudesse explodir ao meu toque.

— Você é perfeito — disse baixinho antes de fechar minha boca em volta dele, enfiando aquele membro lindo e rosa dentro de mim. O Ethan segurou firme na cadeira e meteu fundo, até o limite da minha garganta. Caprichei, acariciando com a mão e chupando forte com a boca. Passei a língua de leve na veia bem marcada pela ereção e o escutei soltar um gemido. Não diminuí o ritmo ou tive dúvidas de até onde gostaria de ir. Comigo seria sem-parar-até-a-linha-de-chegada, ele ia ver.

O Ethan deve ter entendido minha linguagem corporal, porque ele botou as mãos na minha cabeça e me manteve no lugar, enquanto ele fodia a minha boca. Engoli tudo, sem me engasgar nenhuma vez. Quando as bolas endureceram e soube que ele estava perto, segurei os quadris dele com força, para que ele não pudesse se afastar.

— Puta merda, eu vou gozar tanto! — Ele ficou duro como ferro e cuspiu seu líquido quente pela minha garganta abaixo, segurando minha cabeça com as duas mãos enquanto atingia o clímax. — Meu deus do céu, Brynne — disse, ofegante.

Levantei os olhos quando ele saiu da minha boca. Engoli devagar e notei que o lábio de baixo dele deu uma tremida, enquanto me observava. Ele me puxou do chão na sua direção, as duas mãos

ainda segurando a minha cabeça, e me beijou com tanto carinho que me emocionei com o gesto. Estava orgulhosa por ter sido capaz de dar tanto prazer a ele. Fazê-lo feliz também me deixava feliz.

De volta ao colo dele, depois de vestirmos as nossas roupas, nos aninhamos na cadeira. Ele passou os dedos pelo meu cabelo e beijou meu pescoço. Fiquei brincando com o prendedor de gravata dele, de prata, monografado, que parecia ser uma peça antiga, enquanto permitia que ele me segurasse um pouco.

— Isso é muito bonito — falei para ele.

— Você é que é bonita — cochichou no meu ouvido.

— Adorei o seu escritório. As fotografias na recepção são incríveis.

— Adoro quando você me visita no escritório.

— Percebi isso, Ethan, você me recebeu muito bem. — Dei uma risada para ele. Ele me fez cócegas e deixou que eu me contorcesse um pouco demais para o meu gosto. Com um tapa, afastei as mãos dele das minhas costelas.

— O que você trouxe para mim da rua? Espero que seja um doce — falou e foi logo pegando a sacola da farmácia. — Gosto de Jolly Ranchers. Cereja é meu favorito.

Agarrei a sacola antes que ele pudesse olhar dentro.

— Ei! Você não sabe que não se deve mexer em bolsa de mulher? Você pode encontrar alguma coisa pra deixar a gente sem graça.

Ethan ficou sério e suspirou.

— Acho que você tem razão — concordou, mas me pareceu muito fácil. Em seguida, sorriu como um demônio e arrancou a sacola da minha mão. — Mas eu quero ver de qualquer jeito.

Ele a segurou numa altura que eu não alcançava e começou a pescar itens de dentro dela. Quando pegou a escova de dentes roxa e o tubo de pasta, ele ficou calado. Colocou-os em cima da mesa e enfiou de novo a mão dentro da sacola. De lá, tirou uma escova de cabelos nova, um hidratante e o gloss que eu uso. Ele continuou pegando tudo que comprei na farmácia. O xampu de que gosto, gel depilatório e um vidrinho do perfume Dreaming, de Tommy Hilfiger,

completavam a *nécessaire*. Ele arrumou tudo em cima da mesa e olhou para mim, muito sério.

— Pensei que você não pudesse, Brynne.

— Eu também. — Tirei da bolsa a única coisa que ele tinha deixado lá. O remédio. — Mas a dra. Roswell me deu isso. E também me deu alguma esperança de que eu vá conseguir. São comprimidos que vão me ajudar a dormir, evitando que eu acorde no meio da noite que nem da outra vez. Quer dizer, se eu sou sua namorada, então eu quero tentar dormir na sua casa eventualmen....

Ele me interrompeu com um beijo, antes que eu dissesse mais alguma coisa.

— Puxa, querida, você me deixou tão feliz agora — falou, entre muitos beijos mais. — Hoje à noite? Dorme hoje à noite? Por favor, diz que sim.

A expressão no rosto dele me dizia tudo o que eu precisava saber. Ele queria que eu ficasse lá, mesmo com os meus problemas bizarros e tudo o mais.

Olhei para baixo, para o prendedor de gravatas e falei:

— Se você está disposto a tentar e eu também, como vou poder dizer não?

— Olha para mim, Brynne.

Obedeci e observei o ângulo bem marcado da mandíbula dele, mesmo por trás do cavanhaque. Eu conseguia enxergar muitas emoções nele, também. Ethan nunca as escondia de mim, nunca. Ele até podia ser reservado em público, mas comigo, em particular, ele tinha mesmo o coração escancarado. O que você via era o que você levava. Ele me falou o que queria de mim, sem aliviar as palavras duras.

— Quero que você olhe nos meus olhos e veja que eu realmente quero tentar, e estou feliz que você esteja tentando também. — Beijou meu cabelo. — Mas quero que você escolha uma palavra. Alguma coisa que você possa dizer caso sinta que precisa ir embora, porque está com muito medo ou porque eu fiz algo de que não gostou — disse. Antes de continuar, segurou meu rosto: — Se você

disser essa palavra eu vou parar, ou te levar para casa. Só por favor, nunca mais vá embora daquele jeito.

— Uma palavra de segurança? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Exatamente. Quero que você confie em mim. Preciso disso, Brynne. Mas eu também preciso confiar em você. Eu não posso e nem quero me sentir daquele jeito outra vez, quando você me deixou naquela noite. — Ele engoliu em seco. Notei o movimento da garganta dele pulsando e tive certeza de que aquilo era mesmo importante. — Não quero nunca mais me sentir do mesmo jeito de quando você foi embora.

— Sinto muito ter deixado você daquele jeito. Eu estava totalmente sobrecarregada. Você me deixa assim, Ethan. Você precisa saber disso, porque é a verdade.

Ele encostou os lábios na minha testa e falou:

— Ok, mas então só me diga quando. Você fala a sua palavra, qualquer que seja, e eu vou dar um passo atrás. Só não me deixe sozinho, nunca mais.

— Waterloo.

Ele olhou para mim e sorriu.

— Waterloo é a sua palavra de segurança?

— É — confirmei, balançando a cabeça.

Olhei para a comida posta na mesa para o nosso almoço e respirei fundo. Chinês, de acordo com Elaina, e com o meu nariz também.

— Você vai me dar de comer ou não? Eu achava que ia ganhar pelo menos um almoço. — Cutuquei-o no peito. — Uma garota precisa de mais do que só um orgasmo, você sabe.

Ethan inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Em seguida, deu uma palmada firme no meu traseiro.

— Então está bem. Vamos lá te alimentar, minha linda garota americana. Temos que te manter cheia de energia. Tenho grandes planos para hoje à noite.

E me deu uma piscadela. Eu sabia que estava perdida.

# Capítulo 10

O celular tocou enquanto arrumava minha bolsa para dormir fora. Vi quem estava ligando e olhei para o relógio. Ethan tinha dito que chegaria por volta das sete para me pegar. Faltavam 15 minutos.

— Você não está pensando em desistir de me levar para dormir na sua casa hoje, não, né?

Ethan riu.

— Sem chance. Espero que você esteja com as suas coisas prontas, baby.

— Então por que você ainda não está aqui para me buscar?

— Bom, eu mandei um carro te pegar. Apareceu uma coisinha chata aqui no trabalho. Eu sinto muito... O nome do motorista é Neil, ele trabalha para mim. Neil vai te deixar no meu apartamento e quero que você se sinta em casa até eu chegar lá. Você faz isso para mim, minha querida?

— Acho que sim, tudo bem. — Minha cabeça estava rodando, tonta com todas as implicações de me ver sozinha na casa dele. Não estava exatamente com medo, mas a ideia não me deixava muito animada. — Você tem certeza, Ethan? Quero dizer, a gente pode fazer isso uma outra noite, se você estiver ocupado.

— Eu vou dormir com você hoje, Brynne. Na minha cama. Fim de papo.

— Ai, meu deus. — Sorri ao telefone. — Posso ir preparando o jantar para você, então? Tem comida em casa, ou é melhor eu pedir ao seu motorista para dar uma paradinha no supermercado?

— Não precisa. Tem comida e até mesmo algumas coisas prontas no freezer. Minha empregada prepara alguns pratos e congela. Você escolhe o que quiser. Desculpe. — Ouvei algumas vozes abafadas ao fundo e Ethan falando com alguém. — Preciso desligar, baby. Assim que der, vou para lá te ver.

Cheguei a dar "tchau", mas ele já tinha desligado. Fiquei olhando para o celular por alguns instantes antes de guardá-lo, me sentindo de novo como a Alice no País das Maravilhas, tudo muito surreal. Minha vida parecia estar em ritmo frenético, sem que eu pudesse mudar as marchas. Fui de solteira a namorada em pouco mais de uma semana, e não havia sinal de uma desacelerada no horizonte. Não mesmo.

O celular tocou novamente, um número não identificado.

— Alô? — atendi.

— Boa noite, madame, meu nome é Neil McManus. O senhor Blackstone me pediu para vir buscar a senhorita. Há um Range Rover preto aguardando em frente ao seu prédio. — O sotaque inglês suave formava as palavras com cuidado.

Neil. Lembrei-me do que Ethan havia dito sobre o motorista.

— Claro, já tô descendo.

Pendurei minha bolsa no ombro e desci bem rápido. O carro que me esperava parecia exatamente com o do Ethan, mas quase tropecei quando vi o Neil-motorista; enorme, musculoso, louro, de cabelo espetado e olhos bem escuros.

— Você! — falei, completamente chocada. Era o cara com a tatuagem do Jimi Hendrix que tinha visto mais cedo.

— Sim, madame. — Ele abriu a porta do carro para mim, a expressão impassível.

— Você tava me seguindo de manhã! — Não foi uma pergunta, e tenho certeza de que Neil percebeu isso. Botei minha bolsa no chão, cruzei os braços debaixo dos seios e fiz pose de má. — Me dê uma boa razão para eu entrar nesse carro com você, Neil.

Ele sorriu e olhou para a minha sacola na calçada.

— Eu trabalho para o senhor Blackstone? — Fiz a melhor cara de pedra que consegui. Ele tentou de novo. — Ele vai me demitir sem dó nem piedade se não te levar para o apartamento dele, exatamente como as instruções passadas? — Olhou de volta para mim, os olhos escuros bem sinceros, e completou: — Gosto muito do meu emprego, madame.

Minha cabeça voltou a rodar com mais pensamentos muito loucos: o que eu estava fazendo, o que Ethan planejava, quantas pessoas estavam envolvidas nisso... A lista poderia continuar indefinidamente. Caramba, caramba, a gente precisava ou não conversar? Ainda assim, não seria justo descontar minhas frustrações no Neil, que aparentemente estava só cumprindo ordens.

— Muito bem, Neil. — Peguei a bolsa do chão e me sentei no banco de trás. — Mas vou quebrar esse acordo se você continuar me chamando de "madame", ok? Meu nome é Brynne. E se o *senhor* Blackstone não gostar, você pode dizer a ele que venha se entender comigo, a americana informal. Ele deveria saber que as garotas americanas detestam ser chamadas de "madame".

Neil inclinou a cabeça e abriu um sorriso, ao mesmo tempo em que fechava minha porta. Ele começou a dirigir e eu me acomodei no banco de trás. O silêncio me irritava e achei melhor abrir o jogo.

— Então o Ethan te contratou para me seguir por Londres, né?

— Para proteção, mada... Brynne. Não para seguir — respondeu Neil.

— Proteção contra o quê? — perguntei. — Você também fica me olhando quando saio pra correr de manhã?

Neil olhou para mim pelo retrovisor.

— Essa cidade pode ser perigosa. — Os olhos dele se voltaram para a rua. Tinha começado a chover e os limpadores de para-brisa

iam e vinham em um ritmo marcado. — Ele só gosta de tomar conta, só isso.

— É, eu sei. — O Ethan toma conta demais e é um pouco mais controlador que o aceitável, para o meu gosto. E ele estava bem encrencado comigo. — Mas então, há quanto tempo você trabalha para ele, Neil? O Ethan não me conta nada. Vamos ver se você pode me dar uma luz.

Cheguei para o lado, para poder conversar com ele pelo espelho.

— Faz seis anos agora. Estivemos juntos nas FE.

— Forças Especiais, certo? Então vocês são um tipo de James Bond do governo britânico?

Neil riu de verdade e balançou a cabeça.

— Posso entender por que o senhor Blackstone fica de olho, Brynne. Você tem uma imaginação e tanto.

— É, o Ethan me disse isso também — falei, seca.

Por mais chateada que eu estivesse com as conclusões precipitadas do Ethan — todas completamente sem sentido —, eu não podia descontar no Neil. Ele parecia ser um cara legal, e tinha ótimo gosto musical. Simpatizava com ele. Estava simplesmente fazendo seu trabalho. O que quer que fosse isso, no que me dizia respeito.

Neil estacionou o carro na garagem e subimos pelo elevador de serviço. Antes que me desse conta, estávamos de novo dentro do apartamento lindo do Ethan, só que dessa vez sem ele.

Neil me pediu que gravasse o número do celular dele nos meus contatos e disse que estaria perto, caso eu precisasse de alguma coisa.

— O quão perto é perto? Vou ter privacidade aqui? Você não pode tomar conta de mim dentro da casa dele, pode? — Encarei-o nos olhos, procurando algum sinal de inverdade. — Nem pense em mentir para mim, Neil. Eu ia atravessar aquela porta tão rápido que o Ethan ia sentir o ventinho passando por ele lá onde tá agora.

O Neil chegou mesmo a estremecer.

— Você tem total privacidade aqui. Não tem câmeras no apartamento, só a do hall dos elevadores. Então, se você saísse, eu veria. Estou em outro apartamento, do outro lado. Não é longe. Mas o senhor Blackstone quer muito que você se sinta em casa. — Ele levou o telefone à orelha e deu uma balançadinha. — Liga para mim se você precisar de alguma coisa, Brynne.

A porta se fechou e meu protetor tinha ido embora.

Bom, isso foi esquisito. Sozinha na casa do Ethan, com a minha malinha para passar a noite, e uma cabeça para lá de confusa. Imaginei se algum dia voltaria a me sentir normal de novo.

Começando pelo começo, certo? Fui até a geladeira, peguei uma garrafa de água gelada e bebi a metade. Havia tanta comida fresca lá dentro, que o jantar não seria um problema. Dei uma olhada na cafeteira que ele tinha ali ao lado e comecei a babar. Muito bacana mesmo. Preparei uma xícara para mim e fui explorar o freezer. A empregada da casa parecia ser organizada ao ponto de etiquetar e datar todas as refeições congeladas em potes plásticos. Mas não me interessei muito. Depois daquele incrível almoço chinês que ele me fez comer, eu não estava com fome.

Entrei no quarto e, imediatamente, fui tomada pelas lembranças da última vez que estive ali. Fechei os olhos e respirei fundo para sentir o cheiro do Ethan. Ele estava em todo lugar, mesmo ausente. Fui até o banheiro dele. O box do chuveiro, todo em mármore, era maravilhoso, mas a banheira incrível era uma verdadeira fantasia para uma menina que não tinha nada parecido no seu apartamento. Logo, soube o que ia fazer primeiro.

Uma hora depois, minha pele estava cor-de-rosa por causa do calor e macia por causa da espuma. Vesti a camiseta do Jimi Hendrix e uma cueca de seda do Ethan, que ficava bem larguinha em mim. Organizei minhas compras da farmácia em uma gaveta do banheiro, me depilei e passei no corpo um creme com cheirinho de flores.

Voltei até a máquina de café e preparei mais uma xícara para mim, antes de explorar os outros cômodos do apartamento. A sala de exercícios tinha uma esteira supermoderna, de último tipo, de

frente para uma janela de vidro, que ia do chão até o teto. A vista me tirou o fôlego. Adoro a visão da cidade à noite, toda iluminada, mas imaginei que ela seria igualmente espetacular de dia.

Encontrei o que imaginava ser o escritório dele e girei a maçaneta. O cômodo era realmente um escritório. Uma mesa grande, pesada, de carvalho era o centro das atenções; na parede em frente, havia um painel de monitores de TV e outros equipamentos de tecnologia. Mas foi a parede atrás da mesa que chamou a minha atenção: um aquário de água salgada brilhava, com luzes, cores e bolhas distorcidas pelo vidro. Cheguei mais perto e observei um arco-íris de peixes coloridos, nadando apressados entre formações elegantes de corais. O peixe-leão, no entanto, não parecia ter pressa. Ele veio até o vidro e abriu os espinhos multicoloridos, como se quisesse me cumprimentar.

— Ei, bonito. Como será que o Ethan te chama, hein? — perguntei ao meu amigo peixe, e dei um gole no café.

Tomei um iogurte de cereja sentada em frente ao bar da cozinha e preparei uma segunda xícara de café. Uma parede inteira da sala principal era coberta com prateleiras de livros. Dei uma boa olhada na coleção, que era eclética — para dizer o mínimo. Clássicos, *best-sellers*, policiais e toneladas de romances históricos preenchem a maior parte. Havia também alguns livros sobre história militar e fotografia. Também havia uma boa quantidade de títulos de estatística e jogos de azar. Ele também tinha alguns romances *pop* e outros volumes de poesia, o que me fez sorrir. Gostava de saber que o Ethan valorizava os livros.

Peguei um livro de cartas enviadas pelo Keats para Fanny Brawne e levei-o comigo para o sofá, para sentar, ler e relaxar. Tinha meu café, cartas de amor angustiadas do poeta para sua garota e as luzes de Londres piscando na minha frente.

Passei uma boa hora ali antes de baixar o livro. Olhei para a cidade. Foi nesse exato lugar que Ethan me despiu, em frente à porta da varanda. Ele tinha dado um passo para trás e dito que nada

se comparava à visão do meu corpo nu, de pé, no meio da casa dele. *Ai, Ethan.* Decidi mandar um SMS para ele:

**Brynne Bennett:** <--- está p. da vida com vc por causa do lance do Neil. Vc é louco?!!!

Ele não levou sequer um segundo para me responder:

**Ethan Blackstone:** <--- louco por vc & precisamos conversar. Mta saudade. O eufemismo do ano!

**Brynne Bennett:** <--- está vestida c 1 cueca sua... e precisamos mesmo, malandro!

Tive que rir ao ler a mensagem seguinte:

**Ethan Blackstone:** <--- acabei de ficar de pau duro imaginando vc na minha cueca. Pf deixe em cima do travesseiro pq ñ vou lavar nunca.

**Brynne Bennett:** <--- ainda está puta, mas acha q vc tem uma bela máquina de café.

**Ethan Blackstone:** <--- acha que tem uma namorada linda. Vc comeu?

**Brynne Bennett:** <--- comeu. Vc tem um peixe-leão. :)

**Ethan Blackstone:** <--- É o Simba. Cuido dele & ele me tolera. Vcs 2 têm mto em comum.

A resposta me fez sorrir. Aparentemente, Ethan tinha um fraco por animais.

Disparei de volta:

**Brynne Bennett:** Vc ñ vai ganhar mais boquetes por causa desse comentário. :P

**Ethan Blackstone:** <--- quer tanto te dar umas palmadas & beijar & transar. Vc tá me matando, baby!

**Brynne Bennett:** <--- tá ficando com sono. Vou tomar remédio e ir pra cama. Ñ me tente!

**Ethan Blackstone:** Nunca! Vai dormir, minha linda. Vou te encontrar.

Levantei do sofá e fui para a cozinha lavar a louça. Limpei a cafeteira e a aprontei para o dia seguinte. Só o que eu precisava fazer era ligá-la. Usei minha escova de dentes roxa nova e tomei o comprimido. Os lençóis supermacios da cama do Ethan tinham o cheiro dele; me acalmavam na minha solidão ali. Preenchi a cabeça com aquele perfume e apaguei.

Braços fortes me abraçavam. O cheiro que eu adoro impregnava o ambiente. Lábios me beijavam. Abri os olhos no meio da noite e vi sombras. Sabia quem estava ali, claro. Meu despertar foi calmo e gentil, uma coisa boa, e para mim, isso era uma experiência totalmente nova.

— Você está aqui — murmurei entre os lábios dele.

— E você também — sussurrou ele. — Puta merda, eu adoro te encontrar na minha cama.

As mãos do Ethan tiveram bastante trabalho enquanto eu dormia. Estava nua da cintura para baixo, a cueca de seda tirada de mim havia tempo. O Ethan estava nu também. Podia sentir os músculos dele tentando se misturar aos meus. Minha camiseta estava levantada e meus seios eram devorados pelos lábios dele, o bigode espetando a pele sensível, provocando os mamilos com chupões, até que eu me transformasse numa criatura que gemia debaixo dele.

Enterrei meus dedos no cabelo do Ethan e pude sentir o movimento da cabeça, conforme ele se concentrava nos meus mamilos e sentia o peso dos seios com as mãos. Ele parou, arrancou minha camiseta e me encarou, faminto e lindo. A luz que vinha do banheiro permitia que eu visse um pouco dele, o que era bom. Precisava enxergar quando ele viesse para cima de mim. Fazia com que tivesse mais certeza de que estaria segura com ele.

— A sua cama tem seu cheiro.

— Você é a única coisa que quero cheirar e mais, quero seu gosto na minha boca. — Ele afastou minhas pernas e se abaixou.

— Meu deus, Ethan! — Os movimentos da língua dele lá embaixo, rodando e dançando na pele quente, toda aberta para ele, me levaram de sonolenta a excitada em menos de um segundo. Não conseguia me manter quieta, mesmo com ele me segurando e abrindo minhas coxas. O orgasmo veio tão rápido e forte, que me ouvi gritando, me pressionando contra a língua dele como uma devassa, meus músculos retesados, latejando de prazer ardente.

Ethan uivou lá embaixo, encostado nos lábios da minha boceta, e em seguida se afastou, provavelmente admirando aquilo que ele

queria possuir. Ele não perguntou nada. Simplesmente meteu.

Ethan levantou minhas pernas por cima dos ombros dele e penetrou fundo, com força. Conforme me preenchia, ele emitia sons de prazer. Fui tomada por essa invasão enquanto ainda me recuperava do orgasmo, então só o que podia fazer era aguentar firme. O sexo era furioso e ele me dizia o quanto estava gostando, como ele desejava me ter ali naquela cama e como eu era bonita. Tudo o que fazia com que me sentisse mais próxima dele. Mais dependente dele. Mais envolvida no mundo dele. Eu sabia disso.

Ethan me fez gozar de novo; ele me deu estocadas quase violentas, feitas primeiro para punir, tomar propriedade, e em segundo lugar, para dar prazer. Mas quando veio, o prazer foi avassalador, ao mesmo tempo em que ele me enchia com o orgasmo explosivo dele. Senti lágrimas escorrerem para o travesseiro, enquanto recebia o que ele tinha para mim. Falou o meu nome, meio engasgado, os olhos travados nos meus como das outras vezes. Sabia que ele tinha visto minhas lágrimas.

Ethan tirou minhas pernas de cima dos ombros dele e se deitou por cima de mim, segurando meu rosto e acariciando-o, mantendo o pau ainda lá dentro, aproveitando o prazer até fim.

— Você é minha.

— Eu sei.

Ethan me beijou com cuidado, nossos corpos unidos, gentilmente explorando meus lábios e me dando mordidinhas delicadas. Abraçou-me e nos beijamos por um longo momento, até que ele saiu de dentro de mim.

Fazer sexo com Ethan só pode ser descrito como “belo” na minha cabeça. Sei muito bem que para os outros era tudo pornográfico, mas para mim era um simples e belo ato conjunto. A intimidade com ele, me querendo tão intensamente, era uma droga viciante. Mais potente do que qualquer coisa que tivesse experimentado na minha vida até então. Acho que seria capaz de perdoar o Ethan de quase qualquer coisa que ele fizesse para me magoar. E esse foi o meu grande erro.

# Capítulo 11

**E**than me trouxe café na cama no dia seguinte. Sentei recostada na cabeceira e puxei os lençóis para me cobrir. Com uma sobrancelha levantada, ele sentou na beira da cama e me entregou a xícara com cuidado.

— Acho que acertei, mas prova você e me diz.

Dei um gole e fiz uma cara.

— Botei metade de leite e três colheres de açúcar. — Ele deu de ombros. — Você mesma preparou a máquina, eu só apertei o botão.

Mantive o suspense por mais um minuto até abrir um sorriso e dar mais um gole no café, que estava delicioso.

— Que foi? Só estou me certificando de que é capaz de preparar corretamente uma boa xícara de café. Tenho meus padrões. — Pisquei para ele. — Acho que você consegue, senhor Blackstone.

— Você é um demônio, me tentando desse jeito. — Ele se inclinou para me beijar, tomando cuidado com o café quente. — Gostei da ideia de deixar a cafeteira pronta na véspera. Não sei como nunca pensei nisso.

Ethan continuava perto do meu rosto, me encarando com atenção, o cabelo ainda desarrumado depois de uma noite de sono e

sexo, mesmo assim ainda parecendo um deus.

— Acho que você vai ter que vir aqui toda noite para prepará-la, antes de vir para a cama comigo. — Ele deu uma mordidinha no meu pescoço. — Aí, vou poder te trazer café de manhã, como hoje, você nua e linda, com o meu cheiro pelo corpo, depois de uma noite de prazer.

Senti um arrepio ao imaginar aquilo tudo, mas ainda tínhamos muita coisa para discutir. Esse era um problema entre mim e o Ethan. A gente nunca falou o suficiente sobre o que era preciso resolver. Cada vez que ele chegava perto de mim, as roupas caíam, meu corpo reagia e, bom, nunca se conseguia falar muito depois disso.

— Ethan — falei, com carinho, ao mesmo tempo em que empurrei gentilmente o rosto dele, para afastá-lo. — Precisamos conversar. O lance do guarda-costas, o Neil? Por que você fez isso e nem me contou?

— Eu ia te falar ontem, depois que te trouxesse para cá. Mas as coisas acabaram acontecendo de outro jeito. — Desviou o olhar e abaixou o rosto. — A cidade está cheia de estrangeiros, minha querida. Você é uma mulher linda e não acho que seja seguro pegar o metrô e andar por aí sozinha. Lembra daquele idiota de merda na boate?

— Mas sempre fiz isso tudo antes de te conhecer e estava tudo muito bem.

— Sei que estava. Mas você ainda não era minha namorada. — Me deu um daqueles olhares, do tipo que me faz ficar tensa e esperar o golpe de ar frio. — Sou dono de uma empresa de segurança, Brynne. É o que faço. Como posso deixar você andando por aí em Londres, quando eu conheço todos os perigos? — Ele levou uma das mãos até o meu rosto e começou o já conhecido movimento com os polegares. — Por favor? Por mim? — Encostou a testa na minha. — Eu morreria se alguma coisa acontecesse com você.

Botei minha mão no cabelo dele, enterrando bem meus dedos.

— Ah, Ethan. Você exige tanto de mim, e às vezes me sinto como se não fosse aguentar. Há tanta coisa sobre mim que você não sabe.  
— Ele começou a falar e eu o calei com meus dedos sobre sua boca.  
— Coisas que ainda não estou pronta para dividir. Você disse que a gente podia ir devagar.

Ele beijou os meus dedos que estavam sobre os lábios dele e os tirou dali.

— Eu sei, minha querida. Eu disse. E não quero fazer nada que coloque nossa relação em risco. — Beijou meu pescoço e beliscou a pontinha da minha orelha. — A gente pode conversar sobre um compromisso?

Dei um puxão no cabelo dele, para que parasse com as táticas de sedução e olhasse para mim.

— Primeiro você precisa falar comigo de verdade e não tentar me distrair com sexo. Você é muito bom nisso, Ethan. Vamos, me diz o que você quer que eu faça, que eu te digo se consigo fazer.

— Que tal você aceitar um motorista? — Ele acompanhou com o dedo a linha do lençol sobre os meus seios. — Nada de viagens no metrô ou de pegar táxi à noite. Você vai ter um carro pra te levar aonde quiser.

Fez uma pausa e me encarou com aqueles olhos expressivos, que me diziam tanto sobre o desejo que tinha de me proteger.

— Assim eu teria mais tranquilidade — completou.

Dei mais um gole no café que ele havia me trazido e decidi que era a minha vez de perguntar.

— E por que você precisa ter tranquilidade em relação a mim?

— Porque você é muito especial, Brynne.

— Como assim, Ethan? — sussurrei, porque tinha medo da resposta. Tinha medo dos meus próprios sentimentos por ele. Em tão pouco tempo, ele já me possuía completamente.

— Pra mim? Você é tão especial quanto alguém pode ser. — Deu aquele sorriso que era a marca registrada dele, meio tortinho de lado, e meu estômago deu uma cambalhota.

Ethan não disse que me amava. Mas tampouco eu havia dito a ele. Sabia que ele se importava comigo, isso era claro.

Ele baixou os olhos mais uma vez e pegou a minha mão que estava livre, com a palma para cima. Minha cicatriz no pulso bem à mostra. A cicatriz da qual tenho tanta vergonha, que tento esconder, mas que é impossível de disfarçar quando é dia e estou nua. Ele acompanhou o traçado irregular com a ponta de um dos dedos, mas eu não abri a boca para contar nada a ele. A dor da lembrança, somada à vergonha, me paralisava e me impedia de falar sobre o assunto.

Tinha sentimentos por aquele homem, mas não podia dividir isso com ele. Minha indignidade era feia demais, horrível demais para ser colocada entre nós dois. Nesse momento, tudo que queria era ser desejada. Ethan me desejava. Era o suficiente para que eu concordasse. Passinhos de neném. Aceitaria as condições dele, o motorista; e ele aceitaria minha incapacidade de dividir o passado com ele. Iríamos devagar.

— Ok. — Inclinei-me para a frente e dei um beijo no pescoço dele, acima do V da camiseta, os pelos do peito espetando minha boca, o cheiro dele já tão familiar que era como uma necessidade, assim como água, comida e ar. — Aceito o motorista, mas você vai me dizer sempre o que faz. Preciso de honestidade. Gosto de que você seja tão direto comigo. Você fala o que quer e eu entendo.

— Obrigado. — Começou a me beijar de novo. O café foi colocado de lado e o lençol já não me cobria mais. Ethan tirou a camiseta, se livrou da calça de pijama e se esticou sobre mim. Finalmente pude dar uma boa olhada no corpo dele. Completamente nu. Em plena luz.

*Meu deus do céu!*

Do peito, que parecia ter sido esculpido, ao membro, impressionante e lindo, eu estava hipnotizada. Ele tinha os pelos aparados, nada esquisito, só bonito e bem masculino.

Ele parou e inclinou a cabeça.

— O quê?

Empurrei-o para trás, obrigando-o a se sentar sobre os joelhos, e me levantei também.

— Quero olhar para você. — Passei as mãos pelo corpo dele, começando pelos mamilos, passeando por aquele músculo em V, tão pecaminosamente esculpido que era uma verdadeira injustiça com o resto da população masculina, para chegar nas coxas musculosas, cobertas por uma leve camada de pelos escuros. Me deixou tocá-lo e controlar aquele momento. — Você é lindo, Ethan.

Ele fez um som gutural e seu corpo se enrijeceu. Nossos olhos se encontraram e houve uma troca, uma comunicação de sentimentos e uma compreensão de aonde estávamos indo, empurrados por essa força que nos liga.

Baixei o olhar para o pênis dele, duro, pulsante. Uma gota na cabeça dava mostras de que ele estava pronto. Eu o queria tanto que até doía. Queria dar prazer a ele, queria que ele viesse abaixo como ele fez comigo, que havia ficado entregue, em mil pedacinhos. Abaixei a cabeça e botei aquele pau lindo na minha boca. Tive meu desejo realizado instantes depois.

Nos despedaçamos no chuveiro também, ou melhor, eu me despedacei, quando ele me empurrou para o canto, ajoelhou-se e devolveu o favor. O sexo nunca acabava com esse homem. Com ele, estava a bordo do trem do prazer, exibindo meu cartão de passageiro frequente, acumulando milhas. Não tinha tanto sexo desde...

*Não faça isso, não estrague esse momento com ele.*

Ethan tinha uma tatuagem nas costas. Bem em cima dos ombros havia um par de asas. Elas pareciam góticas, talvez greco-romanas, traçadas bem forte em preto. Adorei a frase debaixo das asas — *No more yielding but a dream\** — que eu vi no banho quando ele se virou para pegar o sabonete.

— Isso é Shakespeare, né? — Passei a mão sobre a tatuagem. Foi quando vi as cicatrizes. Muitas linhas claras e sulcos. Tantas que não dava para contar. Respirei fundo, assustada e desesperadamente triste só de imaginar o quanto ele deve ter sofrido. Quis perguntar,

mas segurei a língua. Afinal, eu também não quis falar das minhas cicatrizes.

Ele se virou e me beijou nos lábios, antes que eu pudesse dizer uma palavra. Ethan não queria falar das cicatrizes dele, tanto quanto eu não queria falar das minhas.

\*\*\*

Depois de mais de uma semana de noites dormidas na casa do Ethan, eu precisava voltar ao meu apartamento para mais do que simplesmente pegar uma muda de roupas e sair. Sentia falta de recarregar as baterias no meu próprio lar. Ethan concordou em vir aqui essa noite. Disse a ele que visitar uma favela faria bem à alma. Ele me sacaneou de volta e respondeu que não se importava, desde que tivéssemos algo para comer e uma cama, porque os dois estariam nus durante a noite, mesmo. Avisei que se a Gaby aparecesse, nós teríamos que nos vestir, porque não queria dar à minha amiga a chance de babar pela aparência divina do meu namorado. Ethan riu e disse que adorava o tom do ciúme na minha voz. Falei que era bom que ele viesse com fome e vestido. Ele ainda ria quando a gente desligou o telefone.

Depois que Neil me deixou em casa, troquei de roupa e vesti uma calça de yoga e uma camiseta podrinha. Ele me buscou na Rothvale, fizemos uma parada no supermercado para comprar os ingredientes do jantar mexicano que planejava fazer. Ethan já sabia que a comida mexicana era minha favorita — e eu estava decidida a trazê-lo para o meu time. O menu da noite? Tacos de frango com molho de milho e abacate. Se Ethan detestasse, eu prepararia um burrito para ele. Nenhum cara resiste a um burrito cheio de carne, feijão, queijo e guacamole. Era o que eu esperava. Os ingleses são meio estranhos com comida.

Assim que comecei a cozinhar o frango e já tinha lavado as mãos, decidi ligar para o meu pai. Lá seria de manhã, mas ele estaria no

trabalho, e se não estivesse muito ocupado, poderíamos bater um papo. Botei o celular no viva-voz e liguei para o escritório.

— Tom Bennett.

— Oi, papai.

— Princesa! Estava com saudade de ouvir sua voz. É uma boa surpresa.

Sorri com a escolha de apelido para mim que meu pai tinha feito. Ele me chamava de princesa desde sempre, desde que consigo me lembrar. E agora eu tinha 24 anos, mas ele não parecia nem um pouco preocupado em mudar de apelido.

— Pensei em te ligar dessa vez, para variar um pouco. Estou com saudade.

— Está tudo bem aí em Londres? Animada com as Olimpíadas? Como foi a exposição do Benny? Você gostou das suas fotos ampliadas em telas gigantescas?

Eu ri.

— Foram quatro perguntas de uma vez só, pai! Pega leve com a sua filha, vai.

— Desculpa, princesa. Fiquei feliz em te ouvir. Você está tão longe, sempre ocupada com a sua vida. As provas das fotos que você mandou estavam magníficas. Conta da exposição do Benny para mim.

— Bom, foi um sucesso. O Benny se deu bem, os quadros venderam. Arranjei alguns outros trabalhos também, então estou indo com calma, vendo como vão as coisas. — Ficava feliz em poder falar assim com o meu pai, e em saber que ele apoia meus trabalhos como modelo. Ele achou que fosse ser bom para mim, ao contrário da minha mãe, que ficou envergonhada de ver a filha posando pelada.

— Você vai ficar famosa no mundo todo. Tenho orgulho de você, princesa. Acho que posar vai te ajudar. Espero que você também sinta isso. — Ele soava um pouco estranho, quase triste. — O que você está fazendo agora?

— Tô fazendo o jantar. Tacos. Um amigo deve estar chegando daqui a pouco... Pai, tá tudo bem com você?

Ele hesitou por um instante antes de responder, mas eu já sabia que tinha alguma coisa que o incomodava.

— Brynne, você viu a notícia do avião que caiu, causando a morte do congressista Woodson?

— Vi. Era ele que queriam indicar para vice-presidente? Essa notícia teve destaque até aqui. Por que, pai?

— Você ouviu quem vai substituir o Woodson na chapa?

Nunca podia esperar o nome que ele me disse. E, simples assim, o passado tomava fôlego e me mostrava as garras de novo.

— Ah, não. Não me diz que o senador Oakley foi o indicado! Você só pode estar brincando que esse — esse! — homem pode ser o próximo vice-presidente dos Estados Unidos! Como é possível que escolham ele? Papai!

— Eu sei, querida. Ele vem abrindo caminho nos últimos anos. Primeiro, foi deputado, depois senador...

— É, bom, eu espero que todos morram queimados em uma grande fogueira.

— Brynne, isso é coisa séria. Todo mundo vai remexer o passado dele, tentando achar sujeiras do Oakley e da família. Quero que você tome cuidado. Se qualquer pessoa se aproximar de você, ou te mandar alguma correspondência suspeita, eu preciso que você me avise na mesma hora. Essas pessoas têm como descobrir tudo. São como tubarões. Quando eles sentem uma gota de sangue, eles se preparam para o ataque.

— Bom, é o senador Oakley que tem um demônio no lugar de um filho. Eu diria que quem tem um grande problema é ele.

— Eu sei, meu amor. A gente que trabalha para o Oakley vai trabalhar com o mesmo empenho para manter os segredos da família bem enterrados. Não é uma situação fácil, e eu odeio que você esteja tão longe de casa. Mas chego a pensar que pode ser bom que você esteja em Londres. Não quero que ninguém te

magoe. Quanto mais distante você estiver, melhor. Nada de más lembranças reaparecendo nos jornais, nem nada parecido.

Como um vídeo. Sabia que era isso o que meu pai estava pensando. Aquele vídeo ainda deveria estar por aí, em alguma parte do ciberespaço.

— Você tá indo tão bem, princesa. Posso ouvir isso na sua voz, o que faz com que seu velho aqui sorria. Então, esse jantar de hoje. Não é para um homem, é?

Sorri, enquanto misturava o molho de milho.

— Bem, eu conheci uma pessoa, sim, pai. Ele é muito especial, em vários aspectos. Ele comprou um quadro meu na exposição do Benny. Foi assim que nos conhecemos.

— Mesmo?

— Mesmo. — De repente, me senti esquisita contando ao meu pai sobre o Ethan. Talvez porque nunca tivesse falado muito de namorados com ele. Nunca houve motivo para isso. Havia muito tempo que eu não gostava de ninguém.

— Conta mais. O que ele faz da vida? Quantos anos ele tem? Bom, aproveita e me dá o telefone dele. Preciso ligar para ele e colocar esse cara na linha com a minha filhinha.

Dei uma risada nervosa.

— Acho que é um pouco tarde para isso, pai. Ethan é bem especial, como eu disse. A gente passou muito tempo juntos. Ele me escuta e me sinto realmente feliz com ele. Ele me entende.

Meu pai ficou em silêncio por um minuto. Acho que ele estava chocado em me ouvir falar de um homem como se realmente me importasse com ele. Eu não devia me surpreender. Ethan era o primeiro em uma longa fila de *primeiros*.

— Qual é o sobrenome do Ethan e o que ele faz da vida?

— Blackstone. Ele tem 32 e é dono de uma empresa de segurança particular. É tão paranoico que me deu um motorista, para eu não pegar mais o metrô. Toda essa gente vindo para as Olimpíadas tá deixando ele todo neurótico. Por isso você não precisa se preocupar com a minha segurança. Ethan é profissional.

— Bom, isso parece realmente sério. Vocês estão dormin... em um relacionamento?

Ri de novo, dessa vez com um pouco de pena dele, pelo óbvio desconforto que ele sentia.

— Sim, pai. A gente tem um relacionamento. Eu te disse que esse era especial. — Esperei o silêncio do outro lado e comecei a esquentar as tortilhas. — Aliás, ele ganhou um torneio de pôquer nos Estados Unidos há uns seis anos. Pensei que você pudesse já ter ouvido falar dele.

— Hummmm. — Papai fez um som como se estivesse tentando se lembrar. — Talvez, tenho que checar.

Ouvi uns barulhos do outro lado da linha.

— Melhor te deixar ir, pai. Você está no trabalho e eu só queria dar um oi e contar o que vem acontecendo comigo. Estou bem e as coisas vão bem.

— Ok, princesa. Fiquei feliz que você ligou. E tô feliz se a minha filhinha tá feliz. Se cuida, e diz pro seu novo namorado que se ele te magoar ele será um namorado morto. Não esquece. Dá meu número para ele também. Diz pra ele que seu pai quer ter uma conversa de homem para homem um dia desses. Podemos falar sobre pôquer.

Eu ri.

— Certo, vou fazer isso, papai. Te amo!

Ethan chegou no momento em que eu desligava o telefone. Ele trazia uma embalagem de Dos Equis e um sorriso safado no rosto. Tinha dado minha chave ao Neil, para que ele a entregasse ao Ethan. Assim ele entraria na portaria sem problemas. Ele botou a chave e a cerveja no balcão da cozinha antes de perguntar:

— Ouvi mal ou você estava dizendo que amava alguém, um segundo antes de eu entrar?

Sorri e balancei a cabeça, concordando.

— Era um homem também.

Ethan veio até mim, atrás do balcão da cozinha, botou as mãos nos meus ombros e começou a fazer massagem. Eu me reclinei no tronco forte dele e relaxei um pouco.

— É um cara sortudo então. Imagino o que ele tenha feito de tão especial.

Olhou para a comida separada em potinhos e roubou um pedaço de frango cozido.

— Hmmmm! — ele saboreou o pedacinho, com a boca ainda bem perto do meu pescoço.

— Bom, ele leu histórias na cama para mim. Desembaraçou meu cabelo molhado sem puxar nem me machucar. Me ensinou a andar de bicicleta e a nadar. Sempre dava beijinhos nos meu dodóis quando eu me ralava e, mais importante, abria a carteira frequentemente... Mas isso foi mais tarde.

— Posso fazer todas essas coisas para você e muito mais — resmungou, enquanto pegava mais um pedacinho de frango. — Especialmente, a parte do “muito mais”.

Dei um tapa na mão dele:

— Ladrão!

— Você cozinha bem — sussurrou no meu ouvido. — Acho que tenho que ficar com você.

— Então você está gostando do meu jantar mexicano... Vejo que você se ateu ao tema e trouxe cerveja Dos Equis. Bem pensado, Blackstone. Você tem potencial. — Comecei a botar as vasilhas na mesa.

— Dos Equis é mexicana? Eu só escolhi essa porque gosto dos anúncios... — Deu um sorriso maroto e me ajudou a transferir o resto da comida.

— Ladrão e mentiroso! — Balancei a cabeça em reprovação. — Você acaba de detonar todo seu potencial, Blackstone.

— Vou te fazer mudar de ideia mais tarde, Bennett. — Ele sorriu para mim de lá da pia, onde lavava rapidamente as mãos, antes de abrir duas cervejas para a gente. E completou, levantando alternadamente as sobrancelhas: — Tenho potencial de sobra! — Ethan me entregou uma Dos Equis, admirou a mesa posta e inclinou a cabeça, pensativo, antes de pedir: — Dá uma ajuda aqui, como eu monto esses tacos? Aliás, o cheiro tá muito bom.

Não pude conter o riso. O jeito que ele disse “tacos”, com o sotaque britânico, foi demais. E a maneira que ele falou, também. Eu ri muito.

— O que é tão engraçado? Estou te divertindo, senhorita Bennett?

— Aqui, deixa eu fazer para você. — Mostrei como botar o frango, o molho de milho, o creme azedo, um pouco de queijo ralado e algumas fatias de abacate na tortilha, e depois, dobrá-la. Entreguei a ele o taco pronto, no prato. — Você é adorável, só isso, senhor Blackstone. Esse seu sotaque às vezes me faz rir.

— Ah, então eu fui de “sem potencial” a “adorável” em um curto espaço de tempo. E só falando! — Ele pegou o prato e esperou que eu preparasse o meu. — Vou ter que me lembrar disso, baby.

Ethan deu um daqueles sorrisos de um milhão de dólares e bebeu um pouco de cerveja.

— Vamos lá, prove o taco e me dê o veredito. E que fique bem claro, eu sei quando você está mentindo para mim. — Apontei para minha cabeça. — Tenho superpoderes de adivinhação. — Peguei meu taco e dei uma mordida, gemendo e exagerando os sons de prazer, arqueando o pescoço para trás. — Hum, está tão delicioso que me deixou até com tesão — falei baixinho, a voz sexy, do outro lado da mesa.

Ethan me olhou como se eu estivesse com chifres de diabinha, e engoliu em seco. Sabia que ele ia descontar essa provocação em mim depois. Nem liguei. O Ethan era divertido. A gente se divertia junto e isso era o que eu amava nele. *Amava*. Eu o amava?

Ele levou o taco até a boca, deu uma mordida e ficou me encarando, enquanto mastigava e engolia. Limpou os lábios no guardanapo e olhou para cima, pensativo, fingindo fazer contas nos dedos. Tomou mais um gole de cerveja.

— Bom, vamos ver. Chef Bennett, te dou cinco pela preparação. Rir de mim te tirou logo cinco pontos, de cara. Seis pela apresentação; todos aqueles gemidos na mesa de jantar... Foi um pouco injusto, não acha? E um nove e meio pelo sabor. — Deu mais uma mordida e sorriu. — O que você acha?

Ele estava tão lindo sentado ali à mesa da minha casa, comendo tacos preparados por mim, carinhosamente me dizendo que tinha gostado da comida, e simplesmente sendo Ethan, que soube imediatamente a resposta para a minha pergunta. Eu amava o Ethan? *Sim. Eu o amo.*

\* N.T.: *No more yielding but a dream* é um verso do monólogo do personagem Puck, na peça "Sonho de uma noite de verão", de William Shakespeare (Ato V, cena I). Nas versões brasileiras, a frase é comumente traduzida para *Não foi mais que um sonho.*

# Capítulo 12

**S**urpreender Ethan no trabalho parecia uma boa ideia, mas não queria me arriscar a fazê-lo sem alguma assistência. Pedi a ajuda da Elaina primeiro. Gostava bastante dela. Parecia honesta e direta, qualidades que eu respeitava numa pessoa. Ela era noiva do Neil. Descobri isso depois que comecei a dormir por várias noites na casa do Ethan. Um dia, esperando o elevador no hall pela manhã, encontrei com os dois saindo do apartamento no outro lado do corredor, de mãos dadas. Ethan percebeu minha surpresa e me contou que eles iam se casar no outono.

Fiquei aliviada em ver que Elaina não ficou com ciúmes de ter o noivo me levando para cima e para baixo, por toda Londres. Acho que ela estava feliz em ver Ethan com uma namorada. Já tinha reparado que os empregados realmente se importavam com ele. E eu gostava disso.

— Alô, Elaina, é a Brynne.

— Oi, Brynne. Por que você não ligou direto para o celular do Ethan? — Garota esperta, sempre de olho em tudo.

— Estive pensando em fazer uma surpresa para ele no almoço. Você poderia checar a agenda dele para mim?

Ouvi as páginas virando, e em seguida ela me botou em espera.

— Hoje ele vai estar no escritório. Ocupado com telefonemas e conferências, mas sem compromissos marcados na agenda.

— Obrigada, Elaina. Eu poderia ter perguntado à Frances, mas o Ethan fica com ela no viva-voz, então ele me ouviria ligando e estragaria a surpresa. Posso levar alguma coisa da King para todos vocês? Vão ser só sanduíches, mas imaginei que se você fizesse a Frances dizer ao Ethan que era ela quem estava pedindo, daí ele não saberia que vou ser eu a moça das entregas...

Elaina riu e me botou de novo em espera, enquanto anotava os pedidos de todos.

— A Frances me pediu para te dizer que ela gosta do seu estilo, Brynne. Manter o chefe na linha é bom para ele.

— Também acho — respondi, anotando os pedidos. — Obrigada pela ajuda. Devo chegar aí em menos de uma hora.

Terminei a ligação com Elaina, liguei para a *delicatessen* para encomendar os sanduíches, e em seguida para Neil, para combinar a carona. Limpei minha área de trabalho e organizei o material, enquanto esperava. Já tinha feito tudo que precisava fazer ali, e não voltaria por pelo menos uma semana. As provas finais estavam chegando e eu precisava estudar. O plano era me esconder na casa do Ethan e estudar enquanto ele estivesse no trabalho, usar a sala de ginástica e a cafeteira incrível. Basicamente, sumir do mapa um pouco. Precisava desse tempo; as minhas notas também.

Olhei pela última vez para *Lady Percival* e senti uma explosão de orgulho. A pintura tinha ficado ótima, e o melhor é que agora eu sabia o nome do livro que ela trazia nas mãos. O Ethan tinha me ajudado a desvendar o mistério, naquela manhã em que ele me levou até o trabalho e eu o convidei para entrar.

O livro que a senhora misteriosa segurava era, de fato, tão raro e especial que a Mallerton Society queria incluí-la na exposição mesmo que a restauração ainda não estivesse nem perto de estar concluída. Eles queriam mostrá-la como um exemplo das pistas ambíguas que podem ser reveladas por uma restauração e uma limpeza bem-

feitas. A descoberta do título também descortinou informações importantes sobre a origem do artista. O interesse por Sir Tristan Mallerton estava renascendo, muito embora ele já estivesse morto havia tantos anos.

O celular vibrou com uma mensagem do Neil. Ele já tinha chegado, então juntei minhas coisas e saí, acenando para o Rory no caminho.

Neil me ajudou com a comida e usou um cartão de crédito corporativo para pagar, o que fez com que eu lhe desse um olhar de reprovação.

— Bom, ele acha que foi a Frances quem encomendou o almoço e é assim que ela faz. Se você pagar, ele vai encher a paciência depois, quando descobrir — explicou Neil.

— Ele sempre foi assim tão controlador, Neil? — perguntei, quando já estávamos de volta ao carro. Neil e eu tínhamos um bom relacionamento. Respeitávamos mutuamente nossas posições e necessidades, então a comunicação fluía.

— Não. — Neil balançou a cabeça. — Ethan teve um período difícil quando saiu das Forças Especiais. A guerra muda tudo, todo mundo que se envolve com ela. Ethan se envolveu demais e conseguiu sair vivo. Ele é um milagre ambulante.

— Eu vi as cicatrizes.

— Ele te contou o que aconteceu no Afeganistão? — Neil olhou para mim pelo espelho retrovisor.

— Não — respondi com honestidade, mesmo sabendo que a partir daí não tiraria mais nenhuma informação do Neil, e que não chegaria perto de compreender o passado do Ethan, assim como ele não saberia nada do meu.

Elaina nos ajudou a distribuir a comida para os funcionários. Em seguida, a Frances me acompanhou até o santuário do Ethan. Com um olhar respeitoso, fechou a porta. Ele falava ao telefone.

Meu bonitão estava ocupado com o trabalho, mas ainda assim estendeu a mão para mim. Botei os sanduíches em cima da mesa e fui até ele. Ágil como uma cobra, passou o braço pela minha cintura

e me colocou sentada em seu colo, sem se distrair da ligação no telefone.

— Certo, eu sei. Mas você fala para esses idiotas que a Blackstone Security trabalha com a família real. Quando Sua Majestade, a Rainha vai a um evento público, não resta uma saída sequer sem um segurança. Ponto. Sem chance.

Comecei a desembrulhar o almoço, enquanto Ethan continuava a falar ao telefone. Ele botou a mão no meu pescoço e fez carinhos. Era uma sensação divina, ainda que qualquer idiota pudesse perceber que ele estava superocupado.

Botei o sanduíche dele no prato antes de desembrulhar o meu. Dei uma mordida na salada de frango no pão integral, enquanto ele continuava a acariciar meu pescoço. Não é difícil uma garota se acostumar a isso. Ethan era afetuoso. Adorava que ele quisesse me tocar o tempo todo, meu “pegajosozinho” do coração. Eu já tinha comido quase metade do sanduíche quando ele desligou o telefone.

Com as duas mãos, me virou para ele — ainda no seu colo — e me deu um beijo bem caprichado.

— Finalmente me livre desse cara! Às vezes parece que tô falando com uma parede — resmungou. Em seguida olhou para mim, para o prato e sorriu. — Você me trouxe almoço... E me trouxe também essa delícia que é você!

— Trouxe mesmo! — Sorri de volta.

— O que eu devoro primeiro, o sanduíche ou você? — Levantou as sobrancelhas de um jeito maroto e foi botando as mãos por dentro do meu suéter.

— Acho melhor você devorar o sanduíche, antes que mais alguém te ligue.

O telefone tocou.

Ethan franziu o rosto e atendeu, resignado. A segunda ligação foi relativamente rápida, e ele conseguiu começar a comer o rosbife no pão preto antes que viesse a terceira. Essa ele preferiu botar no viva-voz, para ir conversando e comendo ao mesmo tempo. Não era lá muito elegante, mas funcionava bem.

Eu estava feliz em sentar ali e ouvi-lo trabalhar, enquanto ele passava a mão nas minhas costas, de cima a baixo. Ethan fez com que me sentisse bem em ter vindo, mesmo que não conseguíssemos ter um almoço apropriado. O momento era louco, tanto para ele quanto para mim. Não posso imaginar o trabalho dele sendo mais complicado do que agora, às vésperas das Olimpíadas em Londres. Ele poderia ter me mandado um bilhete dizendo: "Comprei sua foto e adoraria te conhecer — lá para meados de agosto."

Ele deixou o telefone no viva-voz e pudemos dar alguns beijos rápidos, entre dentadas e ligações, mas a hora passou rapidamente e achei que não deveria mais ficar por ali.

— É melhor eu ir, Ethan. — Beije-o e fui me levantando.

— Não! — Ele me segurou no colo. — Não vai agora. Eu gosto de ter você aqui comigo. Você me acalma, querida. — Encostou a cabeça na minha e continuou: — Você é como um raio de luz em um nevoeiro de ignorância e frustração.

— Sério? Você gostou que eu tivesse vindo e complicado ainda mais seu dia? E te forçado a comer? — Brinquei com o prendedor na gravata dele e afrouxei o nó um pouco. — Você está tão ocupado com seus afazeres e estou te interrompendo.

— Não, não está. — Passou os lábios pelo meu pescoço. — Isso só demonstra que você se importa comigo.

— Claro que sim, Ethan.

— Então você fica mais um pouco?

Como eu poderia dizer não, se ele era tão doce comigo?

— Tudo bem, mas só mais uma hora. Depois, tenho mesmo que ir. Preciso passar no apartamento e pegar algumas coisas. Eu preciso estudar para as provas e quero entrar no ritmo. Você não é o único aqui com uma agenda cheia. — Apertei o queixo dele e o fiz sorrir para mim.

— Eu quero transar com você aqui mesmo, na minha mesa — rosnou e me levantou, me botando sentada na escrivaninha, a bunda primeiro.

Gemi enquanto ele abria minhas pernas para se encaixar entre elas:

— Ethan, aqui é seu escritório! A gente não pode!

Ele tateou embaixo da mesa e ouvi o clique da porta travando.

— Te quero tanto, tem que ser agora. Preciso de você. Por favor?

Ethan estava em cima de mim, as mãos me pegando, empurrando minhas costas para a mesa e forçando os quadris sobre os meus. Deixei que ele me escorregasse para a beirada da mesa, meu corpo já se amolecendo e se aquecendo para ele. Os dedos longos e habilidosos acharam o caminho até a minha calcinha, que ele arrancou pelas minhas pernas, passando pelas botas e deixando-a cair no chão. Já tinha me tocado de que, todas as vezes em que eu usava saia, o Ethan se mostrava um tremendo oportunista.

— Você é louco — murmurei, sem me preocupar mais com o fato de que estávamos prestes a trepar em cima da mesa de trabalho, no meio do escritório.

— Louco por você — respondeu ele, apalpando meu clitóris para me deixar toda molhada.

Ouvi o barulho da fivela do cinto dele e o zíper da calça abrindo em seguida. E logo depois ele estava enfiando aquele calor delicioso até lá dentro, bem fundo e devagar.

Ethan se inclinou sobre mim e segurou meu rosto com as duas mãos. Em seguida, beijou-me com força, metendo a língua dentro da minha boca, como ele gostava de fazer. Ethan dominava o sexo. Ele queria a língua, os dedos e o pau dentro de mim ao mesmo tempo. Como se assim ele pudesse me ter por completo. Não sei o porquê, era esse o jeito dele. E ele adorava. Era honesto e totalmente direto. Com o Ethan, eu sabia exatamente o que aconteceria, e tudo sempre acabava com um orgasmo que me deixava tremendo.

Ethan começou a se mover e eu também. Estávamos loucos, selvagens, totalmente entregues, transando em cima da mesa, até que o telefone tocou. Ele tinha deixado o viva-voz ligado.

— Não atende — pedi, quase chegando ao clímax.

— Claro que não — grunhiu ele, metendo mais rapidamente dentro de mim, o membro chegando naquela densidade máxima que ele alcançava, instantes antes do clímax chegar.

Ethan deslizou os dedos mágicos sobre meu clitóris e eu me desmontei, mordendo o lábio para conter o grito. Ele não estava distante de mim. Cobriu minha boca com a dele, para evitar que um de nós dois gritássemos e bombeou o orgasmo para dentro de mim.

A chamada não atendida foi para a caixa postal, mas dava para ouvi-la pelo alto-falante.

— Ethan Blackstone não pode atender neste momento. Por favor, deixe seu recado e o número onde poderá ser encontrado.

O bip tocou e nós dois nos separamos um pouco, ainda ofegantes, com os rostos a apenas centímetros de distância. Sorri para ele; ele acariciou meu cabelo e me beijou como todo amante deveria fazer. Assim, me sentia preciosa. Ele fazia com que me sentisse assim.

— Você é um imbecil, Blackstone! Eu te contratei para proteger minha filha, não para você trepar com ela! Ela passou pelos diabos e a última coisa que ela precisa é de outra traição que a deixe magoada. Pelo jeito que ela fala, acho que ela está apaixonada por você.

Ethan correu para o telefone para desligá-lo, mas era tarde demais. Já tinha ouvido a voz do meu próprio pai falando tudo isso. Eu sabia a verdade sobre Ethan e eu. Empurrei-o com força, lutando para me desvencilhar dele.

— Brynne, não! Por favor, deixa eu te explicar.

Nossos corpos ainda estavam unidos, mas ele estava branco como uma folha de papel, absolutamente apavorado.

— Sai de cima de mim. Tira seu pau de dentro de mim e me deixa ir, seu mentiroso filho da puta!

Ele me segurou, os olhos me encarando.

— Baby, me escuta. Eu ia te contar tudo, já estava querendo fazer isso há um tempo. Mas não queria te trazer más lembranças. Não quero te magoar.

— Sai de cima de mim agora!

— Por favor, não vai embora, Brynne. Eu não quis te magoar, só estava te protegendo das lembranças. A sua segurança está em cheque... Daí quando eu encontrei você... E não pude me controlar. Não consigo ficar longe de você. — Ele tentou me beijar.

Virei o rosto para o outro lado e fechei os olhos. Toda a confiança que eu tinha nesse homem havia desaparecido. No lugar dela, uma dor terrível tomava conta do meu coração. Ele sabia tudo sobre mim. Sabia o que tinha acontecido comigo. Provavelmente, tinha assistido ao vídeo. E havia gente lá fora para me machucar? Por quê? Ele havia sido contratado pelo meu pai e esse tempo todo ele sabia de tudo. Eu não. Como ele pôde? Como pode ser que o Ethan por quem me apaixonei tenha me traído desse jeito?

— Waterloo. — Virei-me e fiquei parada, olhando.

— Não, não, não... Por favor, não, Brynne. — Balançou a cabeça para a frente e para trás, com os olhos transtornados.

— Waterloo, porra, Ethan. E se você não me largar, vou gritar até as paredes explodirem — falei devagar e bem claro, com meu coração endurecido e sangrando.

Ele se afastou de mim e me ajudou a sentar. Pulei da mesa dele e alcancei minha bolsa. Ele fechou o zíper e tentou novamente:

— Brynne, querida, eu... Eu te amo. Eu te amo tanto; que faria qualquer coisa pra não magoar você. Sinto muito. Sinto muito, sinto muito, porra.

Tentei sair pela porta, mas não consegui abri-la.

— Destranca isso — exigi.

— Você ouviu o que eu acabei de falar?

Olhei para ele e fiz que sim com a cabeça.

— Abre a porta para eu sair. — Surpreendentemente, não estava jogada ao chão chorando, me descabelando. Só precisava sair dali e ir para casa. Tinha um objetivo: voltar para a minha casa.

Ethan esfregou a cabeça e olhou para baixo; em seguida, foi até a mesa e apertou o botão ou o que quer que fosse ali embaixo que abria a porta. Ouvi o clique e saí.

— Obrigada pelo almoço, querida — gritou Frances, enquanto eu saía correndo.

Acenei para ela, mas não consegui falar nada. Só fui andando. Estava com a minha bolsa, mas sem calcinha. E não voltaria para pegá-la. *Me tira daqui e me leva para casa... Me tira daqui e me leva para casa... Me tira daqui...*

Meu deus, eu estava deixando o Ethan. Estava terminado. Ele mentiu para mim e não podia confiar mais nele. Ele disse que me amava. É isso que os amantes fazem? Mentem?

Também não falei com Elaina quando passei pela recepção, a caminho dos elevadores. Apertei o botão e me dei conta de que ele estava bem atrás de mim. Ethan tinha me seguido, mas ainda assim eu não amoleci.

— Brynne... Querida, por favor, não me abandona assim. Céus, eu fiz merda. Eu te amo. Por favor.

Ele botou as mãos nos meus ombros e eu encolhi um pouco.

— Não, você não ama, não. — Foi só o que consegui dizer.

— Amo, sim! — gritou, com a voz irritada. — Você pode me deixar, mas ainda assim vou estar te protegendo. Vou continuar tomando conta de você para me certificar de que esteja em segurança e de que ninguém vai te fazer mal.

— E o que você fez comigo? — retruquei, furiosa. — Você está demitido, Ethan. Nunca mais me procure.

A campainha do elevador tocou e eu entrei, virando de frente para ele. Pela expressão no rosto de Ethan, sabia que estava sofrendo. Não tanto quanto eu, claro, mas ele parecia devastado, desesperado.

— Brynne, não faz isso — implorou pela fresta entre as portas do elevador, que se fecharam, me deixando sozinha lá dentro.

Ouvi uma batida na porta, alta, e um palavrão compreensível, conforme o carro começou a descer. Só queria conseguir chegar lá embaixo, na rua, onde eu pegaria um táxi para me levar para casa. Onde eu finalmente iria desmontar, assim que entrasse na sala. Daí me arrastaria até o quarto, até a cama, onde me aninharia e tentaria

esquecê-lo. Ethan Blackstone. Eu estava fadada ao fracasso. Sabia disso. Nunca seria capaz de esquecer Ethan. Nunca.

# Agradecimentos

**S**into que devo contar aos meus leitores como tive a ideia de escrever *Nua*. A gente nunca sabe quando vai dar o clique que faz começar uma história; para mim, a semente de inspiração para escrever *O caso Blackstone* foi uma surpresa completa. Eu estava olhando fotos em bancos de imagens que poderiam ser usadas na capa de outro livro, quando me deparei com a fotografia de uma mulher nua, numa pose de bom gosto — a imagem que ilustra a capa deste livro agora. Fiquei tão impressionada, que precisei me sentar e escrever. Em menos de uma hora depois, o primeiro capítulo estava pronto. Brynne, a modelo, conhece Ethan, o homem que acabara de comprar a fotografia dela nua. A história me pegou a partir daí, e eu me envolvi completamente com ela. Meus outros projetos foram postos de lado, para que eu pudesse me dedicar a escrever a nova série. Para mim, encontrar essa imagem foi uma bênção, que me empurrou na direção para criar esse mundo excitante e esses personagens de *O Caso Blackstone*. Adoro poder inventar as pessoas nos meus livros.

Agradeço a Kim Killion, da Hot Damn Designs, por criar uma capa tão incrível para acompanhar essa história.

À Kathe, por encontrar a fonte. Ela foi incansável.

Bom, dito isso, quero agradecer a algumas pessoas pelas palavras gentis, ajuda, apoio, questionamentos, conselhos, entusiasmo, aplausos, mãos dadas e muita amizade, porque sem isso, eu não teria este livro para dividir e ser uma escritora não seria algo que amo tanto.

Então, para Franzi, Bels, Stacie, Angel, Lisa, Kristy, TJ, Rebecca, Donna, Ai-vy, Mandy, Melina, Rhonda, Lacey, Sherie, Sarah, Carolyn, Kristin, Michelle, Colleen e meus três caras:

\*Mua\*  
\*Mua\*  
\*Mua\*

Amo vocês demais, os respeito mais ainda.

*Raine*